Teresa Maria Videira Rocha de Souza

O SIGNIFICADODO RETORNO ESCOLAR PARA PESSOAS A PARTIR DE 55 ANOS NO MUNDO DA CIBERCULTURA

Dissertação de Mestrado em Minter-Educação-UNESA/CTU-UFJF apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Minter-Educação. Linha de pesquisa: Tecnologias da informação e da comunicação nos processos educacionais.

Orientadora: Profª. Drª. Monica Rabello Castro.

Rio de Janeiro

Junho de 2011

EXAME DE DISSERTAÇÃO

Banca Examinadora

_____

Profª. Drª. Monica Rabello Castro (UNESA)

_____

Profª. Drª. EstrellaBohadana (UNESA)

_____

Prof. Dr. Milton Campos (University of Montreal - Canadá)

EXAMINADA A DISSERTAÇÃO EM:
CONCEITO:

Aos meus queridos pais Valdir e Walma, aos filhos amados Clarissa, Daniel e Cecília, às irmãs Ângela, Maria, Luciana, ao querido irmão Valdirzinho (em memória) e aos amigos e amigas de coraçã

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso Pai, em primeiro lugar, pois, sem a Sua permissão, nada disso seria possível.

O agradecimento especial, sem dúvida, vai para minha orientadora, Professora Doutora Monica Rabello de Castro, pela extrema paciência, pelo carinho e educação constantes no trabalho de orientação. O seu prazer em ensinar, o saber trabalhar em equipe, o entusiasmo e o incentivo perante a evolução de meu trabalho, bem como o respeito à minha condição de mestranda inexperiente são suas características marcantes que me fazem admirá-la cada vez mais e gostar cada vez mais da pesquisa. Obrigada por confiar em mim. Muito obrigada por tudo.

À banca formada pela Professora Doutora EstrellaBohadana, com quem aprendi muito de filosofia no curso, e pelo Professor Doutor Milton Campos. Sinto-me honrada por tê-los como avaliadores.

Aos meus queridos pais, pela amorosa educação, pelo incentivo permanente à busca de conhecimentos.

Aos meus filhos, tesouros tão preciosos, a razão de minha felicidade, pelo carinho, incentivo e pela compreensão diante de minhas ausências em virtude desse curso.

Ao Daniel, meu filho, pela extrema paciência e boa vontade com que me assessorou na utilização do programa EVOC e em outras questões técnicas. Você é demais! Cecília, obrigada pelo auxílio nas transcrições.

À Eliane, grande amiga, por cuidar de meus filhos, de minha casa, por me proporcionar as condições para trabalhar e estudar.

Às minhas irmãs, queridas companheiras, na vida e na profissão, por serem exemplos de educadoras que amam o seu trabalho.

Às minhas tias, tios, primos e primas maternos e paternos por dividirem comigo as alegrias perante essa conquista.

Às tias Conceição, Nicéia e Vilma que enfrentaram os desafios e retornaram aos estudos após os 60. À tia Lúcia, à minha madrinha Helena e às minhas primas que continuam trabalhando com a Educação, após os 55 anos. Vocês inspiraram minhas primeiras reflexões sobre o tema da pesquisa.

Aos meus colegas de turma, Alberto, Eupídio, Eduardo, Emília, Derly, Luciano, Romário, Sônia, Máximo, Solange, Haroldo, Yolando e Paulo pelo carinho, alegria e

companheirismo durante o curso. As aulas foram divertidas ao lado de vocês e pude conhecer e admirar as qualidades de cada um.

Ao querido Célio Espíndola, um grande amigo, que foi um incentivador e orientador do pré-projeto de pesquisa. Nossa gratidão a ele, ao Diretor Paulo Rogério Guimarães, ao professor Wilson Almeida, à professora Maria Elisabeth Rodrigues e ao Reitor da UFJF, Professor Henrique Duque, pela implantação do MINTER. Muito obrigada.

Aos servidores amigos e aos colegas de departamento do IFSUDESTEMG pelo incentivo constante.

Aos amigos queridos Leila Maciel, Walter Rossignoli e Aparecida Meyer, pelas revisões dos textos e o estímulo constante para a realização do mestrado.

À amiga Carminha Rodrigues e família,por terem chegado na hora certa. Como ajudaram nessa fase final de meu trabalho! Cíntia, obrigada pela ajuda nas transcrições.

Aos queridos professores Donaldo Souza, Tarso Mazzotti, Elisângela, EstrellaBohadana, Monica Rabello, Marco Silva e Alberto Tornaghi pelas aulas maravilhosas. Vou sentir muita falta de vocês.

Ao Professor Pedro Humberto Campos, pelo carinho, disponibilidade e paciência para me ensinar a utilização do programa EVOC. Minha eterna gratidão.

Aos demais professores e funcionários do Mestrado em Educação da UNESA, que sempre me acolheram com muito carinho.

Aos meus alunos, pela paciência e incentivo durante a realização do curso.

À querida amiga Glória Guedes pelas conversas e pelo aprendizado imenso sobre as novas tecnologias, que serviram de ponto de partida para o meu interesse na temática. Com ela, pude perceber que os idosos estão buscando, cada vez mais, as redes sociais.

Aos professores e aos colegas do curso de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos em Rio Pomba –MG, pelo conhecimento compartilhado que serviu de base para a escolha de um dos focos temáticos da dissertação.

A cada pessoa que participou, direta ou indiretamente, como sujeito dessa pesquisa.

Aos representantes do Sindicato dos Metalúrgicos, João Cézar e Henrique, que mediaram o meu acesso a algumas empresas de Juiz de Fora.

Ao diretor do CEM, João Paulo, com sua equipe, que me possibilitou, com extrema boa vontade, as visitas constantes à escola.

Às amigas Regina Barros, Lúcia Magaldi e Cristina Motta, pelo auxílio nos momentos de esgotamento físico.

Aos queridos amigos e amigas do “Paz e Amor” pelo aconchego e pelas preces.

Ao Professor Márcio Lemgruber, da UFJF, por me proporcionar os primeiros contatos com a Teoria da Argumentação.

Ao Camilo, pelos livros e periódicos sobre Perelman.

Às bolsistas Daniele e Glauciele, que muito me auxiliaram no IFSUDESTEMG.

À Bianca, que muito auxiliou, com as aulas e correção de exercícios, nos dias em que tive que concluir a pesquisa de campo e a elaboração da dissertação. Sua ajuda foi fundamental.

"A existência de uma identidade construída, com base em um modelo estigmatizador de velho e a verificação da fuga desse modelo pelos próprios idosos, que como indivíduos, como seres singulares, não se sentem incluídos nele, apontam para o mesmo fundamento, próprio da construção de uma identidade social paradoxal: velho não sou "eu", mas é o "outro"."

Mercadante[1]

[1] MERCADANTE, E.F.; ARCURI, I. A. (orgs). **Velhice, envelhecimento e complex (idade)**. São Paulo: Vetor, 2005, p. 33.

RESUMO

Neste trabalho, procuramos analisar as representações sociais do retorno escolar para pessoas a partir de 55 anos no mundo da cibercultura. É traçado um perfil desses sujeitos e delineado o contexto social em que eles estão inseridos. Discutimos os desafios que os idosos enfrentam para retornar à escolarização e ao mercado de trabalho bem como os preconceitos que a sociedade ainda evidencia em relação a essa parcela da população. À luz da Teoria das representações sociais de Moscovici, são analisadas as representações do retorno escolar e do mercado de trabalho perante o mundo da cibercultura que os idosos elaboram. São apresentadas as diversas abordagens da Teoria das representações sociais e a articulação da mesma com a Teoria da Argumentação de Perelman. São também explicitadas as diferentes concepções filosóficas que discutem a cibercultura. Para a coleta dos dados utilizamos a técnica de evocação livre, com o instrumento para a análise o *software* EVOC, que fez o levantamento do núcleo central das representações e do sistema periférico. Esse núcleo constitui-se a base comum e coletivamente compartilhada das representações sociais. Pelo levantamento do núcleo central das representações, pudemos conhecer o próprio objeto da representação e verificar o que está sendo representado. Utilizamos também a técnica do grupo focal, analisada pelo Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA) baseado na Teoria da Argumentação. Para o termo indutor mercado de trabalho, os significados mais frequentes levantados, e coletivamente compartilhados, foram “capacitação” e “experiência”; para computador, os de maior saliência foram “conhecimento” e “pesquisa”; para curso, os mais frequentes foram “capacitação”, “conhecimento” e “satisfação”. No debate suscitado pelo grupo focal, as representações sociais levantadas pela técnica de evocação livre foram discutidas e aprofundadas. Foram destacadas quatro teses enunciadas pelos sujeitos: a de que a capacitação é fundamental para o retorno ao mercado de trabalho; a de que muitos aposentados voltam para complementação de renda insuficiente; a tese de que quem não sabe lidar com o computador fica fora do mercado e da sociedade; por último, a de que o consumismo faz com que os idosos retornem sem necessidade ao trabalho.

Palavras-chave: Idosos. Escolarização. Mercado de trabalho. Cibercultura.Representações sociais.

ABSTRACT

In this paper, we tried to analyze the social representations of people return to school from 55 years in the world of cyberculture. It's drawn a profile of these subjects and outlined the social context in which they are inserted. We discuss the challenges that face the elderly to return to schooling and the labor market as well as the prejudices that society is still evident in relation to this population. In light of the theory of social representations Moscovici, we analyze the representations of the return of the school and the labor market to the world of cyberspace that the elderly prepare. The work presents the various approaches to social representations theory and the articulation of the same with the theory of argumentation Perelman. It is also explained the different philosophical views that discuss the cyberculture. This paper brings the analysis of data obtained through field research, using the technique of free recall, the focus group technique, and as a tool, the software EVOC who made the survey of representations of the central core and peripheral system. According to the theory of social representations, in view of Abric (1994), the core determines the meaning, consistency, stability and consensual nature of a social representation, since this central system is linked to collective memory and history of the group. This core constitutes the common basis and collectively shared social representations. At the core survey of representations, we know the proper object of representation and check what is being represented. By having a generating function, the core creates the meaning of representation and determines its organization. For the term inducing labor market, the meanings frequently raised, and collectively shared, were "training" and "experience" computer, the boss was more "knowledge" and "research" for the course, the most common were "training" or "knowledge" and "satisfaction". In the debate generated by focus groups, social representations raised by the technique of free recall were discussed and deepened. They were listed by the subjects: that training is key to return to the labor market, that many retirees return to supplement insufficient income, the thesis that those who can not deal with the computer is off the market and society, and finally, the consumerism that causes the elderly to return. An argumentative discourse analysis made use of structural and procedural approaches of social representations as well as Argumentative Strategy Model (MEA) based on the Theory Argumentation.

Keywords: Elderly. Schooling. Labor Market. Cyberculture. Social representations.

LISTA DE SIGLAS

AMAC – Associação Municipal de Apoio Comunitário

CEM – Centro de Ensino do Menor

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EVOC – *Analyse des évocations*

F - Frequência

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSUDESTEMG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

MEA - Modelo de Estratégia Argumentativa

OME – Ordem Média de Evocações

ONU – Organização das Nações Unidas

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

SESC - Serviço Social do Comércio

SESI - Serviço Social da Indústria

SINTUFEJUF – Sindicato dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

LISTADE TABELAS

Tabela 1 – Crescimento da população entre 1997 e 2007 (%)..... 22

Tabela 2 –Participação relativa percentual da população por grupos de idade na população total: 1980 a 2050..... 23

Tabela 3 – Mercado de Trabalho: Núcleo central, os elementos intermediários e os periféricos..... 67

Tabela 4 – Computador: Núcleo central, os elementos intermediários e os periféricos..... 68

Tabela 5 -Curso: Núcleo central, os elementos intermediários e os periféricos.....69

Tabela 6 – Teses levantadas no grupo focal.....93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 14

1. ESCOLARIZAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO – SUPERANDO PRECONCEITOS..... 19

2. REPRESENTAÇÃO DO RETORNO ESCOLAR PERANTE AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO..... 30

2.1 Cibercultura e representações sociais..... 30

2.2 A complementariedade das diferentes abordagens da teoria das representações sociais..... 40

2.3 Cibercultura, representações sociais e teoria da argumentação..... 42

3 METODOLOGIA..... 48

3.1 Tipo de pesquisa..... 48

3.2 Seleção do campo e perfil dos sujeitos da investigação..... 52

3.2.1 *Acesso ao campo e diário de bordo*..... 54

3.3 Coleta de dados..... 57

3.3.1 *Técnica de evocação livre*..... 58

3.3.2 *Técnica do grupo focal*..... 62

3.4 Análise dos dados..... 64

3.4.1 *Análise argumentativa*..... 71

3.4.2 *Da retórica ao modelo de estratégia argumentativa*.....71

3.4.3 *MEA*.....76

3.5 Validação..... 78

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS..... 82

4.1. Resultados do EVOC – implicações para o estudo das representações do retorno escolar elaboradas por sujeitos a partir de 55 anos no contexto da cibercultura 82

4.2. Descrição do grupo focal, o contexto de enunciação dos discursos e a articulação dos resultados levantados pelo EVOC e pelo grupo focal..... 84
4.3. Discussão dos resultados do grupo focal por meio da análise argumentativa das falas – modelo de estratégia argumentativa (MEA)..... 88

CONCLUSÃO..... 100

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 104

WEBGRAFIA..... 107

ANEXOS
Anexo A – Questionário de evocação livre..... 109
Anexo B – Transcrições..... 113

INTRODUÇÃO

O atendimento à educação de jovens e adultos se amplia e nos deparamos, em toda a rede federal de educação profissional, com um público cada vez mais adulto, mais maduro, que tem buscado os cursos de formação tecnológica. São aposentados que procuram a reinserção no mercado de trabalho, são profissionais que já atuam há anos no setor imobiliário e precisam de capacitação, são outros que terminam a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e querem prosseguir com os estudos, buscando um curso profissionalizante.

De nossas leituras, observações e conversas informais no dia a dia de sala de aula, especialmente com esses adultos, constatamos que eles trazem histórias diferentes de vida e trajetórias interessantes no que diz respeito à escolarização. São recorrentes os testemunhos de dificuldades de aprendizagem; são muito comuns os bloqueios em relação ao uso do computador e outras tecnologias. Percebemos, porém, o esforço e a determinação que movem esses indivíduos na busca pela continuidade dos estudos, muitas vezes, interrompidos por circunstâncias alheias à vontade dessas pessoas.

Da observação dessas pessoas mais velhas e a convivência com elas, no ambiente escolar, nasceu o nosso desejo de compreender suas dificuldades, conhecer melhor essa faixa etária, considerada terceira idade, inserida no mundo da cibercultura.

Pretendemos, portanto, promover um estudo que invista na abordagem das representações sociais, analisando os desafios que os idosos enfrentam para retornar à escolarização e ao mercado de trabalho bem como os preconceitos evidenciados pela sociedade em relação a essa parcela da população.

Para a leitura acerca das representações do retorno escolar e do mercado de trabalho perante o mundo da cibercultura, utilizamos estudos encadeados por SergeMoscovici, autor que nos incita a perceber a importância do conhecimento do senso comum, para que possamos compreender a dinâmica das relações como um processo de familiarização de objetos, pessoas e acontecimentos por meio de paradigmas de referência. Para o estudo sobre a Teoria da Argumentação, recorremos às contribuições de ChaïmPerelman, com as quais pudemos apreender o caráter fortemente persuasivo do discurso utilizado por nossos sujeitos enquanto instrumento de comunicação e de ação sobre seus pares.

Para a coleta dos dados utilizamos a técnica de evocação livre, com o instrumento para a análise o *software* EVOC, que fez o levantamento do núcleo central das representações e do sistema periférico. Esse núcleo constitui-se a base comum e coletivamente compartilhada das

representações sociais. Pelo levantamento do núcleo central das representações, pudemos conhecer o próprio objeto da representação e verificar o que está sendo representado. Utilizamos também a técnica do grupo focal, analisada pelo Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA) baseado na Teoria da Argumentação.

Para o termo indutor mercado de trabalho, os significados mais frequentes levantados, e coletivamente compartilhados, foram “capacitação” e “experiência”; para computador, os de maior saliência foram “conhecimento” e “pesquisa”; para curso, os mais frequentes foram “capacitação”, “conhecimento” e “satisfação”.

Ressaltamos que no debate suscitado pelo grupo focal, as representações sociais levantadas pela técnica de evocação livre são discutidas e aprofundadas. Destacamos quatro teses enunciadas pelos sujeitos: a de que a capacitação é fundamental para o retorno ao mercado de trabalho; a de que muitos aposentados voltam para complementação de renda insuficiente; a tese de que quem não sabe lidar com o computador fica fora do mercado e da sociedade; por último, a de que o consumismo faz com que os idosos retornem sem necessidade ao trabalho.

A escolha do objeto de estudo apresentado ao Programa MINTERde Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá fundamenta-se na área de concentração proposta pela instituição promotora, ou seja, Tecnologia da Informação e da Comunicação nos processos educacionais. Partimos da premissa de que focalizar a educação de idosos não só atende às nossas indagações enquanto docentes de uma instituição federal de educação tecnológica como também se torna tema de relevância social, já que observamos, cada vez mais, a presença desses sujeitos, em nossas instituições educacionais, em busca de continuidade de estudos.

Propomos aprofundar conhecimentos, levantar pontos de discussões bem como contribuir para a produção de estudos no âmbito da educação de adultos que, sem dúvida, representa um dos temas mais instigantes da Educação Contemporânea.

Assim sendo, no primeiro capítulo, abordaremosa temática do retorno escolar dos idosos no contexto da cibercultura. Ressaltamos a relevância social de se estudar esse tema, tendo em vista o cenário contemporâneo de desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação. Explicitamos as mudanças no contexto social, político, econômico e cultural que estabelecem novos comportamentos e práticas sociais. Discutimos o processo de (re)inserção dos idosos no mercado de trabalho, suas implicações e a necessidade de adaptação aos novos padrões estabelecidos pelo avanço tecnológico e às regras determinadas

pelo sistema produtivo. Ainda nessa seção, traçamos um paralelo entre a situação dos idosos aposentados até a década de 1970 e as mudanças ocorridas a partir desse período, não só em relação ao tratamento dado a essa camada da população, mas no que diz respeito às novas posturas assumidas por esses sujeitos frente às exigências da cibercultura.

No segundo capítulo, procuramos demonstraros conceitos fundamentais e as abordagens que fundamentaram a dissertação, as acepções dos termos representação social, cibercultura, velhice, retorno escolar e argumentação. Discutimos, também, nessa primeira parte, a articulação desses elementos enquanto suporte para se compreender a representação do retorno escolar do ponto de vista das pessoas a partir de 55 anos. Explicitamos a relação entre cibercultura e representações sociais bem como as diferentes concepções acerca da midiatização da sociedade, trazendo à tona visões otimistas e pessimistas de grandes teóricos das novas tecnologias de comunicação e informação. Apresentamos a teoria das representações sociais como instrumento para se compreender a educação de adultos idosos no contexto da cibercultura e explicitamosas diferentes abordagens da teoria das representações sociais. Finalmente, mostramos a possibilidade e a relevância de se articular representações sociais e a teoria da argumentação.

Neste capítulo, procuramosenfatizar o caráter qualitativo da investigação, considerando o que os pesquisadores têm feito em relação ao estudo das representações sociais. Explicitamos os critérios de seleção do campo e dos sujeitos, como também os procedimentos empregados na coleta e na análise dos dados. Demonstramos a relevância e a validação da pesquisa. Argumentamos que a escolha da metodologia e a articulação de teorias perfeitamente compatíveis como cibercultura, representações sociais e análise argumentativa dão credibilidade ao estudo. Apresentamos uma descrição do programa EVOC e a metodologia de análise dos dados, o Modelo da Estratégia Argumentativa (MEA). Discutimos a articulação entre os conceitos de cibercultura e representações sociais. Apresentamos as diferentes visões que permeiam a discussão sobre a cibercultura, enfatizando seus aspectos positivos e negativos. Abordamos a relação que os idosos têm com as novas tecnologias de informação e de comunicação e os desafios enfrentados por eles.

Nessa seção, também discutimos a hipótese de que os idosos possuem uma representação do objeto retorno escolar perante os desafios do mundo da cibercultura. O capítulo traz diferentes abordagens da teoria das representações sociais como complementares para o estudo das práticas sociais.

Tratamos da articulação entre cibercultura, teoria das representações sociais e teoria da argumentação, posto que as regras e acordos firmados pelos sujeitos idosos nas práticas sociais, em relação aos significados dados ao retorno escolar no contexto da cibercultura, são elaborados por meio da negociação, por meio de processos argumentativos.

No terceiro capítulo, traçamos a análise dos dados da pesquisa, a partir da discussão dos resultados fornecidos pelo programa EVOC, em articulação com aqueles obtidos nos grupos focais. Para essa análise, utilizamos o MEA cuja discussão visa à busca dos significados que podem ser inferidos a partir dos discursos dos sujeitos em situações de interação.

Este capítulo explicita os caminhos traçados para a presente investigação, lançando mão das teorias que nortearam as escolhas dos métodos e técnicas aplicados. Inicialmente, na seção 3.1, justificamos a escolha pela abordagem qualitativa e sua adequação ao campo de investigação das representações sociais.

No item 3.2, traçamos um panorama do campo selecionado, desde a escolha do perfil dos sujeitos da pesquisa até a coleta dos dados propriamente dita. Discutimos, também, os desafios encontrados no trabalho de campo, evidenciando as dificuldades encontradas, principalmente nos primeiros contatos.

Na seção 3.3, tratamos da coleta dos dados, explicitando os métodos utilizados para as duas fases da pesquisa, ou seja, a aplicação dos questionários de evocação livre e a técnica do grupo focal. Apresentamos a visão de alguns teóricos que defendem a pertinência de se utilizar técnicas como essas para o estudo das representações sociais.

No item 3.4, discutimos a análise dos dados e apresentará o programa que faz o levantamento de palavras por associação livre de idéias, a partir de palavras indutoras (EVOC). Em seguida, explicitamos o modelo de análise do discurso, o Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA), que discute as estratégias de persuasão utilizadas pelos sujeitos no debate sobre a temática do retorno escolar no contexto da cibercultura, a partir das transcrições de fala obtidas pelo grupo focal.

Na seção 3.5, abordamos a questão da validação e credibilidade da pesquisa para os estudos nos campos das novas tecnologias e das representações sociais.

O capítulo quarto traz a análise dos dados da pesquisa, a partir da discussão dos resultados fornecidos pelo programa EVOC, em articulação com aqueles obtidos nos grupos focais. Para essa análise, utilizamos o MEA cuja discussão visa à busca dos significados que podem ser inferidos a partir dos discursos dos sujeitos em situações de interação.

Pensamos ser imprescindível ressaltar, aqui, que dos vinte e quatro anos de exercício no magistério de 1º e 2º graus, quatorze têm sido dedicados à educação profissional no Colégio Técnico Universitário, hoje, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, Campus Juiz de Fora.

Nossa perspectiva de pesquisa decorreu da observação como docente no curso profissionalizante, nessa instituição de ensino profissional, onde pudemos acompanhar várias mudanças políticas no âmbito da educação profissional. Essas ações trouxeram novos perfis de estudantes que buscam os cursos da área técnica.

Achamos também oportuno esclarecer que pesquisar o retorno escolar para pessoas aposentadas a partir dos 55 anos, em plena era de globalização e de desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, parece-nos tarefa de suma importância, tendo em vista que nos deparamos com um novo fenômeno social e cultural que marca a passagem para o novo milênio: a presença ativa de uma parcela dessa população no mercado de trabalho e no convívio social.

1. ESCOLARIZAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO: SUPERANDO PRECONCEITOS

Outrora, quando os indivíduos aposentavam-se, o afastamento do mercado de trabalho constituía-se o "fim da linha" produtiva e, muito mais do que isso, na visão de Madame Beauvoir (1990, p.325), a aposentadoria introduziria "uma radical descontinuidade", uma "ruptura com o passado", necessitando esse homem de "adaptar-se a uma nova condição, que lhe traz certas vantagens – descanso, lazer – mas também graves desvantagens: empobrecimento, desqualificação."

Simone de Beauvoir traça de maneira consistente um panorama da situação dos aposentados na sociedade até os anos 70 e o reflexo do tratamento dado a eles no cotidiano dessas pessoas, em seu profundo estudo sobre a velhice. Vale lembrar que a primeira edição do livro de Madame Beauvoir - *La Vieillesse* - deu-se em 1970, ocasião em que a autora tinha 62 anos. A contribuição da obra para o contexto desse trabalho é muito significativa, tendo em vista que a autora mergulha no universo da chamada terceira idade, buscando as implicações sociais, culturais e econômicas, dentre outras, do tratamento dado a essa camada da população. A partir das impressões e dados fornecidos por Beauvoir (1990), podem ser contrastadas algumas mudanças ocorridas dos anos 1970 para cá, principalmente no que tange à situação dos aposentados. Segundo Beauvoir (1990):

> O indivíduo não tem condições de acompanhar essa corrida na qual o projeto ressuscita indefinidamente em seu frescor. Fica para trás. No seio da mudança, ele permanece o mesmo: está condenado à obsolescência. No campo do conhecimento, ele fica necessariamente atrasado. Vejo bem isso, no meu próprio exemplo: aprendi muito desde os meus 20 anos, mas de ano para ano torno-me relativamente uma ignorante, porque as descobertas se multiplicam, as ciências se enriquecem e, apesar dos meus esforços para manter-me informada, pelo menos em certas áreas, o número de coisas que me permanecem desconhecidas multiplica-se (BEAUVOIR, 1990, p. 470).

Hoje, o mercado de trabalho mudou muito em função dos avanços tecnológicos e, dos aposentados que retornam ao trabalho, são requeridas novas competências que os fazem procurar as classes escolares.

Cabe-nos ressaltar, primeiramente, que o sentido atribuído ao termo retorno escolar, nesse trabalho, é figurado e remete ao retorno a estudos visando ao mercado de trabalho. Nessa acepção, a volta aos estudos vincula-se às exigências de uma nova ordem econômica que emerge de um contexto pautado pelas novas tecnologias. O profissional aposentado que permanece no posto de trabalho ou aquele que pretende inserir-se novamente no setor

produtivo depara-se com o desafio de requalificar-se para exercer as funções que lhe cabe assegurar.

A revolução tecnológica que a sociedade contemporânea tem vivenciado, fruto das grandes mudanças em relação aos processos produtivos e à globalização da economia, abre novos espaços de informação e de comunicação, alterando, profundamente, as relações sociais e as culturas humanas. As tecnologias de comunicação e informação criam redes de interconexões entre os indivíduos, diminuindo as distâncias e modificando os métodos de trabalho. As diversas mídias invadem o cotidiano das pessoas, e, para que essas tecnologias sejam utilizadas, é necessário que sua linguagem seja dominada, que se dominem também as especificidades do que vem sendo chamado ciberespaço. Não se trata apenas especificamente da utilização de computadores e da Internet, pois o cidadão comum hoje é obrigado a utilizar inúmeras ferramentas tecnológicas que fazem parte do dia a dia.

Segundo Lévy (1999), o termo "cibercultura" denomina "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". Para fazer parte dessa nova cultura, o indivíduo desenvolve diferentes formas de estar no mundo, de se relacionar com os outros e mesmo de ver a si próprio como parte da cibercultura. O autor também define o termo "ciberespaço":

> O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LEVY, 1999, p.17).

Não se pode negar que o domínio dessas novas tecnologias se dá de forma muito mais tranquila e natural para a nova geração em comparação com a geração dos idosos. Se, por um lado, as crianças e os jovens já se familiarizam com as rápidas e constantes mudanças tecnológicas, em virtude do grande interesse pelas novidades digitais, os mais velhos apresentam dificuldades para compreender e acompanhar esses avanços.

Na verdade, a nova geração se identifica com os aparelhos digitais que surgem a cada dia. De acordo com Lévy (1999, p.11), em primeiro lugar,

> o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.

Nesse novo contexto que está posto, a geração mais antiga apresenta dificuldades para se adequar a esse novo espaço de comunicação. Para Kachar (2001),

> A geração nascida no universo de ícones, imagens, botões e teclas transita com desenvoltura na operacionalização, nesta cena visionária de quase ficção científica, mas a outra geração, nascida em tempos de relativa estabilidade, convive de forma conflituosa com as rápidas e complexas mudanças tecnológicas, cuja progressão é geométrica (KACHAR, 2001, p. 1).

De fato, a terceira idade retorna à escolarização e ao mercado de trabalho num contexto bem diferente do que havia no passado. A absorção das novas tecnologias pelo processo produtivo faz com que o mercado de trabalho exija cada vez mais do trabalhador novas qualificações. Sem essas qualificações, fica difícil o acesso desses sujeitos ao mercado profissional e à participação ativa na sociedade contemporânea. De acordo com Kachar (2000), os preconceitos enfrentados pelos idosos são variados.

Nas questões mais básicas, como na utilização de caixas eletrônicos instalados em bancos, o idoso percebe a sua dependência de outras pessoas no lidar com artefatos digitais. Até mesmo as conversas informais, mediadas por um repertório que soa estranho para os não versados em cibercultura, giram em torno de aparelhos recém lançados, o que gera, segundo a autora, a exclusão social. Consequentemente, aumenta o número de “analfabetos digitais” em todas as áreas da sociedade. Segundo Camarano (2006), existe a crença de que a velhice está associada à ideia de passividade, de doença e de morte, e, por isso, surge a visão de um sujeito incapacitado. Essa é a ideia que a sociedade, geralmente, faz dos indivíduos que se encontram na faixa etária a partir dos 60 anos.

Ao observarmos o crescimento e a participação significativa dessa parcela da população no contexto da sociedade brasileira, podemos analisar alguns dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo dados do IBGE (2007), a população de pessoas de 60 anos ou mais cresceu 47,8% na última década, crescimento bastante superior aos 21,6% da população brasileira total no mesmo período. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, esse aumento se deu, principalmente, pela menor taxa de mortalidade em função dos avanços da medicina e dos meios de comunicação.

No Brasil, os maiores de 60 anos contam 10,5% da população total e 83% deles vivem nas cidades.

Tabela 1 - Crescimento da população entre 1997 e 2007 (%).

População total	21,6
60 anos ou mais	47,8
65 anos ou mais	49,2
80 anos ou mais	65

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais, IBGE, 2007.

Percebemos, por esses dados, que a porcentagem de idosos na zona urbana segue a média nacional, tendo em vista que, a partir da década de 1970, o Brasil passa a ser considerado um país urbano. Ainda, de acordo com o IBGE, a quantidade de idosas é superior a de idosos. Em 2007, havia 79 homens com mais de 60 anos para cada 100 mulheres nesta faixa etária. Quanto maior a idade, maior a diferença entre os sexos: no grupo de 65 anos ou mais de idade são 76 homens para cada 100 mulheres; com 70 anos ou mais, chega-se a 72 homens para 100 mulheres.

Segundo dados do IBGE de 2010, divulgados em 29 de novembro de 2010, o número de pessoas com 60 anos ou mais passou de 8,57% para 11,16% de 1991 para cá. Com 65 anos ou mais passou de 4,8% (1991) para 5,9% (2000) e para 7,4% em 2010. Resultado interessante também é o número de pessoas com cem anos e mais – 17,6 mil pessoas[2].

Outras informações relevantes são expostas na tabela 2 a seguir:

[2] Esses dados foram levantados do site <www. Ibge.gov.br/home/presidencia/ noticias/imprensa/ppts> acesso em 25 maio 2011.

Tabela 2- Participação relativa percentual da população por grupos de idade na população total: 1980 a 2050.

BRASIL: Participação relativa percentual da população por grupos de idade na população total: 1980/2050								
Grupos de Idade	1980	1990	2000	2008	2010	2020	2030	2050
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
0 a 14	38,24	35,33	29,78	26,47	25,58	20,07	16,99	13,15
15 a 24	21,11	19,53	19,74	18,11	17,41	16,34	13,27	10,45
0 a 24	59,35	54,86	49,52	44,57	42,99	36,41	30,25	23,60
15 a 64	57,75	60,31	64,78	67,00	67,59	70,70	69,68	64,14
55 ou mais	8,71	9,58	11,29	13,36	14,10	19,24	24,60	36,73
60 ou mais	6,07	6,75	8,12	9,49	9,98	13,67	18,70	29,75
65 ou mais	4,01	4,36	5,44	6,53	6,83	9,23	13,33	22,71
70 ou mais	2,31	2,65	3,45	4,22	4,46	5,90	8,63	15,95
75 ou mais	1,20	1,45	1,90	2,46	2,60	3,53	5,11	10,53
80 ou mais	0,50	0,63	0,93	1,27	1,37	1,93	2,73	6,39

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais.
Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 - Revisão 2008.

Segundo a tabela 2, referente à participação relativa da população por faixa etária, os grupos a partir de 55 anos, em 2010, representavam 14,10%; de 60 ou mais representavam 9,98%; de 65 ou mais 6,83%; a partir de 70, 4,46%; de 75 ou mais, 2,60%; de 80 ou mais, 1,37%. Esses dados específicos, em termos de crescimento da população na faixa etária que abrange dos 55 anos aos 80 ou mais, são muito relevantes para a presente investigação, tendo em vista que ratificam a participação cada vez maior desses grupos na sociedade brasileira em relação à queda paulatina dos outros grupos etários. Na população entre 15 a 64 anos, verifica-se, conforme a tabela, que o pico de crescimento de 67,59% que foi previsto para 2010 começa a reduzir até 2050, o que não ocorre com o grupo a partir dos 55 anos que apresenta índices constantes de crescimento.

A Organização das Nações Unidas (1999) mostra que o envelhecimento da população mundial é algo preocupante. De acordo com os estudos, em 2002, a estimativa para a população de 60 anos ou mais era de cerca de 600 milhões. Os indicadores mostram que, até 2050, o número de idosos chegará a dois bilhões. Segundo essa perspectiva, o número de idosos irá superar o de crianças menores de 14 anos. A redução dos índices de fecundidade, o desenvolvimento de tecnologias, a melhoria do atendimento à saúde e o acesso à educação são alguns dos fatores que têm favorecido esse quadro.

Essa redução na faixa etária de 15 a 64 anos em relação ao crescimento da faixa de idosos tem sido objeto de discussão, pelo grau de dependência que irá atingir os futuros trabalhadores em escala mundial. O que se teme é que os governos não tenham recursos econômicos para conceder aos idosos a aposentadoria. A grande preocupação que se apresenta é que se mantenha a qualidade de vida.

O nível de instrução é outro indicador que, segundo o IBGE (2007), vem crescendo desde 1997 no país, inclusive na faixa etária dos idosos. As pessoas com mais de 55 anos sem instrução ou menos de um ano de estudo ainda representam 32,2% do total. Conforme os dados demonstram, a melhoria nos índices se deve "ao novo contingente de idosos que durante o seu ciclo de vida foram beneficiados com políticas públicas anteriores", como o aumento do número de escolas e faculdades na década de 1970. Porém, o instituto ressalta que o incentivo à alfabetização dos idosos ainda é insuficiente.

Outro dado importante levantado pelo IBGE (2007) é a convivência de três gerações no mesmo domicílio – idosos, filhos e netos. Segundo o instituto, 45% desses idosos são chefes do domicílio, pois a renda deles implica mais da metade do total da renda da família. Na área rural, essa participação no rendimento total da família é maior, ou seja, pela carência das regiões rurais, a renda dos idosos se faz cada vez mais necessária para as famílias.

Das análises que poderão emergir dessas informações, no âmbito das pesquisas educacionais, devemos levar em conta, principalmente, quais são as implicações da presença tão significativa desses adultos no contexto educacional. A grande questão que está posta é o que significa o retorno escolar para esses adultos a partir de 55 anos inseridos no mundo da cibercultura. Consequentemente, surgem indagações subjacentes: na medida em que esses sujeitos possuem um sistema de crenças e valores tanto individual quanto social, qual seria a visão de mundo, de sociedade, de mercado de trabalho, de sistema educacional e das novas tecnologias que essas pessoas possuem?

Consideramos que essas indagações são pertinentes e desafiadoras. Até então habituados a práticas pedagógicas voltadas para o público infantil e jovem, não percebemos um trabalho significativo que proponha uma abordagem diferenciada para a faixa etária dos idosos. É preciso perceber o educando adulto como aquele que se apresenta como um ser bem diferente da criança, do adolescente e do jovem, para melhor atender a sua realidade e a seus anseios. Para Oliveira (1999), a condição de inserção do adulto no mundo do trabalho e das relações interpessoais é bem diferente da criança e do adolescente. Segundo a autora, pela história longa de vida e por todas as especificidades da idade madura, o adulto traz

habilidades e dificuldades bem diferentes. Dessa forma, ele não pode ser visto como um ser abstrato, daí ser necessário, segundo ela, "historicizar o objeto da reflexão", ou seja,

> (...) tratar o adulto de forma abstrata, universal, remete a um certo estereótipo de adulto, muito provavelmente correspondente ao homem ocidental, urbano, branco, pertencente às camadas médias da população, com um nível instrucional relativamente elevado e com uma inserção no mundo do trabalho em uma ocupação razoavelmente qualificada (OLIVEIRA, 1999, p.18-19).

Muito pelo contrário, essa é uma falsa visão, segundo a autora, que é desmistificada quando se depara com esses sujeitos, principalmente em sua volta aos bancos escolares e com a situação de exclusão social em que eles ainda se encontram, em especial, o adulto considerado cronologicamente idoso que ainda quer participar do processo produtivo e ser considerado cidadão útil. Daí a importância da educação permanente do adulto idoso, sua (re)inserção no mercado de trabalho e no contexto social moderno frente às novas exigências do mundo da cibercultura.

Na verdade, antes de abordarmos qualquer temática relativa ao idoso, cabe-nos observar a utilização de variadas denominações para essa faixa etária. Segundo esclarecimentos de Peixoto (2007, p.77), o uso pejorativo do termo "velho" data dos anos de 1960, dada a predominância de pessoas jovens na população brasileira. No final da década de 1960, "certos documentos oficiais, bem como a grande maioria das análises sobre a velhice, recuperam a noção idoso (*personneâgée*)", embora esse termo já fosse usado, porém de forma rara. Segundo a autora, o termo idoso expressa um tratamento mais respeitoso. Isso fica claro na distinção de moradia entre "a Casa de apartamentos para Idosos e o Lar da Velhice". Segundo esclarece a autora,

> A casa de apartamentos deveria consistir em um grupo de pequenos apartamentos, exclusivamente para *pessoas idosas*, dispondo de serviço médico, serviço social, serviços coletivos de restaurante, serviço de compras, correio, sala de estar comum, lavanderia etc., onde cada pessoa *idosa* ou casal pudesse viver confortavelmente. Os *lares da velhice* seriam casas de um plano só (...), deverão ter sala de jantar tipo restaurante, mesas isoladas e serviço à francesa. Essa é outra maneira de não amesquinhar o *velho* recolhido ao lar". Se a denominação desses dois estabelecimentos marca uma certa ambivalência, a descrição de suas instalações mostra bem o tratamento diferenciado dispensado às diversas camadas sociais*:* o "lar" para os velhos e pobres, a "residência" para os idosos pertencentes às camadas mais favorecidas (PEIXOTO, 2007, p.78).

Em virtude dessa conotação pejorativa, uma outra representação é adotada pelas instituições governamentais, "velho" é substituído por "idoso", e "velho" é visto como decadente. O termo "aposentado" surge em 1890, com a primeira concessão ao direito à

aposentadoria, mas em 1988, com a Nova Constituição, a questão da velhice ganha destaque e é associada à não produtividade, à idade do repouso. Mais uma vez, velhice é associada à decadência. Já a noção "terceira idade" segue inspiração francesa. Vem associada à criação de atividades culturais, esportivas e sociais. Designa, segundo a autora, os "jovens velhos" e os aposentados dinâmicos, surgindo, não por acaso, um novo mercado de consumo (PEIXOTO, 2007, p.78-79).

A importância da educação permanente do adulto idoso é fundamental para sua (re)inserção no mercado de trabalho e no contexto social moderno frente às novas exigências do mundo da cibercultura. Segundo França e Stepansky (2004, p.1):

> Mais do que preparar para aposentar: estamos vivendo um período em que muitos terão que retornar ao trabalho, principalmente para complementar a renda tão diminuída pelo sistema previdenciário. São estes que encontram dificuldades para o retorno, não só pelo preconceito ainda tão evidente contra os trabalhadores mais velhos no mundo do trabalho, como também pela falta de oportunidades de atualização e treinamento, principalmente relacionadas às novas tecnologias e práticas de trabalho. Sendo assim, a proposta de educação permanente não deve estender-se apenas aos aposentados, mas também a trabalhadores mais velhos que não conseguem mais emprego no mercado formal de trabalho, pela sua necessidade de atualização de conhecimentos ou práticas de trabalho, ou por preconceito das empresas frente ao potencial desses trabalhadores.

Os autores tocam numa questão preocupante: a necessidade de retorno dos aposentados ao mercado de trabalho. De fato, essa (re)inserção representa um desafio que os mais velhos terão que enfrentar perante as tecnologias que estão presentes nas práticas produtivas. Dessa forma, a necessidade de capacitação e a educação permanente são exigências que estão postas para que esses trabalhadores não sejam excluídos do processo produtivo. Na visão de Beauvoir (1990, p.471),

> Para entender com maior precisão esse processo de desqualificação, é preciso abandonar as generalidades e considerar em sua singularidade diferentes atividades. Mas observemos primeiro que é enquanto quer intervir na evolução da sociedade que o velho fica a reboque; enquanto consumidor, ele usufrui do progresso técnico sem que este o incomode; chega a acolhê-lo com presteza.

Segundo a autora, o indivíduo mais velho se vê atrasado em relação ao seu tempo, sem condições de acompanhar a corrida do progresso, por isso, dificilmente, é dada a ele a oportunidade de contribuir com seus conhecimentos. Na concepção de Pinto (1994), há um equívoco e uma visão ingênua em relação à educação de adultos que tem sua origem na crença de que o adulto analfabeto é "como a criança que cessou de desenvolver-se culturalmente. Por isso procura aplicar-lhe os mesmos métodos de ensino", como se a

educação desses adultos fosse uma “retomada do crescimento” mental de uma pessoa que “estacionou na fase infantil”. Para o autor,

> Esta concepção, além de falsa e ingênua, é inadequada porque:
> - deixa de encarar o adulto como um sabedor;
> - ignora que o desenvolvimento fundamental do homem é de natureza social, faz-se pelo trabalho, e que o desenvolvimento não pára pelo fato de o indivíduo permanecer analfabeto (PINTO, 1994, p. 87).

A grande questão que está posta pelo autor é a do risco que se corre de se tratar o adulto utilizando-se dos mesmos parâmetros pedagógicos das crianças, postura ingênua que é comum em muitas escolas e associações que se voltam para a educação do adulto.

Das concepções explicitadas, podemos perceber que as questões convergem para um mesmo eixo: postula-se a necessidade de se repensar a educação de adultos, propondo uma ruptura com um sistema de valores e juízo que reflete o preconceito, a atribuição de estereótipos e a distorção de imagem que se apresenta na relação com os educandos adultos.

Esse universo novo, gerado pelos avanços tecnológicos, pelas novas relações de trabalho e pelas demandas econômicas e sociais, causa estranheza a esses atores da terceira idade, que necessitam reaprender as novas relações que terão de estabelecer com esse objeto-mundo não-familiar. É necessário compreendermos como esses sujeitos organizam todo esse conhecimento, como eles representam esses novos objetos. Analisar as representações sociais desse grupo social perante esse novo contexto é um caminho para entendermos como esses sujeitos têm processado essas transformações.

Para Jodelet (1989, p.36), Representação Social é “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. As representações sociais revelam significados desses novos objetos, isto é, a maneira como são percebidos e como são organizados em sua relação com outros objetos. A função mais importante de toda representação, segundo Jovchelovitch (2008),

> é lidar com o desconhecido e tornar o não-familiar familiar. As representações constroem a ponte que lida com a distância entre atores sociais e objeto-mundo criando sentidos, ferramentas e entendimentos que o domesticam e o tornam conhecido. Elas criam familiaridade e respondem a antigas e profundas necessidades de se sentir em casa no mundo (JOVCHELOVITCH, 2008, p.191

Por meio dessa abordagem, partimos da hipótese de que esses sujeitos idosos representam o retorno escolar, frente aos desafios das novas tecnologias, às expectativas, à

compreensão, enfim, frente à relação que essa escolarização tem com o seu posicionamento no mercado de trabalho e com os objetos da cibercultura. Segundo a teoria das representações sociais, não existem somente elementos racionais e lógicos que nos levam a determinados pensamentos e ações, mas há motivações e forças que perpassam outros canais, sendo legitimados e impulsionados por outros fatores bem mais amplos, tais como elementos míticos, afetivos, religiosos, culturais, tradicionais, ligados a status, poder, prestígio e, principalmente ao senso comum. Moscovici, ao explicitar sua concepção de representações sociais, assim esclarece:

> Por representações sociais queremos indicar um conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária no curso de comunicações interindividuais. São o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; poder-se-ia dizer que são a versão contemporânea do senso comum (MOSCOVICI, 1984, p.181).

Com base nessa concepção de representações sociais, conhecer o adulto idoso que retorna à escolarização, suas motivações e razões implica compreendermos que esse sujeito possui um sistema de crenças e valores que todos possuímos e que não é apenas individual, mas que também é social. Em outras palavras, o homem produz significados para os objetos do mundo no interior de suas práticas sociais, na sua cultura.

Segundo Alves-Mazzotti (1994), estudar as representações sociais é de grande utilidade para a área da Educação,

> (...) na medida em que investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Por suas relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social e, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo (ALVES- MAZZOTTI, 1994, p.60-78).

Na visão da autora, os estudos baseados nas representações sociais explicitam que cada grupo, cada segmento sociocultural possui seu sistema de representações sobre os diferentes aspectos de sua vida. Para ela, as abordagens qualitativas, bem como as pesquisas que estudam o papel do simbólico na orientação das condutas humanas, abriram caminho para as pesquisas em representações sociais e permitiram o avanço na área.

Dentro dessa perspectiva, no que toca à educação do idoso,a análisedas representações sociais do retorno escolar no mundo da cibercultura, por indivíduos inseridos em programas

educativos, visando ao mercado de trabalho, pode nos permitir conhecer melhor esses sujeitos, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino oferecido a eles.

Isso posto,a presente investigação tem por objetivos específicos:

► Relacionar os significados atribuídos à capacitação para o mercado de trabalho no mundo da cibercultura por indivíduos idosos.

► Discutir a relação entre a capacitação e o posicionamento do idoso perante o mercado de trabalho e os aspectos da cibercultura.

► Investigar os processos de ancoragem e objetivação das representações sociais sobre o retorno escolar.

► Analisar os resultados da análise estrutural e processual das representações sociais que os idosos fazem do retorno escolar.

Na verdade, as pesquisas em educação de adultos ganham relevância das políticas educacionais de uns anos para cá. Somado a isso, a literatura voltada especificamente para a educação do adulto a partir dos 55 anos inseridos em programas educativos é também recente (BARROS, 2007, p.8). O Estatuto do Idoso, programas como EJA, PROEJA, a Universidadeda terceira idade, cursos de informática e a mobilização de diversos setores da sociedade rumo à inclusão apontam para a valorização dessa parcela, hoje, significativa da população.

É fato que a população envelhece a cada ano numa proporção muito grande, segundo as estimativas. Essa parcela, outrora excluída do mercado de trabalho e de vários outros direitos, como a escolarização, vai conquistando passo a passo os seus direitos garantidos, especialmente, pelo Estatuto dos Idosos. A cada dia, maior número de idosos retorna ao mercado de trabalho, muitos após a aposentadoria, pela necessidade de complementação salarial. A aposentadoria, por sua vez, de um grande número de idosos, que, pela qualidade de vida, alcançam a longevidade, é motivo de preocupação dos governos pelos impactos na economia e no orçamento nacional.

Estamos, sem dúvida, diante de um fenômeno novo, em virtude de toda a complexidade que ele envolve, e que vale a pena ser investigado. Não é mais a educação de adultos abraçada por Paulo Freire, de forma pioneira, em um contexto político específico. É um novo contexto marcado pelas grandes mudanças da sociedade contemporânea

desencadeadas, principalmente, pelas tecnologias de informação e comunicação, que representam um grande desafio para as gerações mais antigas que se vêem impulsionadas a se adaptarem a um novo estilo de vida.

2. REPRESENTAÇÃO DO RETORNOESCOLARPERANTEASNOVAS-TECNOLOGIASDEINFORMAÇÃOEDECOMUNICAÇÃO

2.1 Cibercultura e representações sociais

Um dos fenômenos mais discutidos na sociedade contemporânea, sem dúvida, é a midiatização, que surge como uma nova forma de organização social e de relação do sujeito com o mundo. Gerada e parida à luz da lógica da globalização e do neoliberalismo, a também denominada "quarta esfera existencial", batizada sob inspiração da classificação aristotélica das formas de vida, *bios*, tem sido considerada ora o "Patinho Feio", pelo mal-estar e os impactos provocados por sua presença e por sua genealogia, ora o "Cisne Encantado", pelo poder de atração e deslumbramento que ela desperta. Para Sodré,

> A midiatização implica, assim, uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo ou, pensando-se na classificação aristotélica das formas de vida, um *bios* específico. Em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles concebe três formas de existência humana (*bios*) na Polis: *biostheoretikos* (vida contemplativa), *biospolitikos*(vida política) e *biosapolaustikos*(vida prazerosa). A midiatização pode ser pensada como um novo *bios*, uma espécie de quarta esfera existencial, com uma qualificação cultural própria (uma "tecnocultura"), historicamente justificada pelo imperativo de redefinição do espaço burguês(SODRÉ, 2006, p. 22).

Segundo Sodré (2006, p.23), o foco das pesquisas no campo da sociologia ou da antropologia da comunicação contemporâneas está na influência e nos efeitos da mídia enquanto "reestruturadora de percepções e cognições". Na visão do autor, uma invisível comunidade direciona os gostos, juízos de valor, a opinião pública, em geral, como se fosse uma "agenda coletiva", lançando mão de estatísticas que garantam a suposta credibilidade. Desse modo, essa "quarta esfera existencial" torna-se um novo tipo de cultura que se estabelece na sociedade mediada pelo mercado e pelos meios de comunicação.

É o que o autor chama de "tecnocultura", ou seja, uma nova tecnologia que estrutura a maneira de pensar, agir e sentir dos indivíduos, atraindo-os para uma forma de vida considerada "moderna" por meio do consumo. E, sem dúvida, esse contexto traz em seu bojo grandes mudanças que repercutem no mundo do trabalho, trazendo a necessidade permanente

de se acompanhar os novos conhecimentos que essa tecnocultura exige. O trabalhador mais velho, nesse sentido, é o mais afetado, já que, para garantir oportunidades nos postos de trabalho, precisa buscar a capacitação a fim de adquirir competências que o mercado exige para lidar com as novas ferramentas tecnológicas, por meio do retorno à escolarização. Na visão de Bohadana e Mori,

> Em uma sociedade informatizada, que não só entroniza a linguagem digital como engloba, paradoxalmente, o domínio da escrita teclada, o docente vê-se diante de profundos embates. Como já assinalamos, se por um lado, a questão de fundo encontra-se na maneira inadequada de realizar a passagem da linguagem oral para a linguagem escrita, por outro, não devemos ignorar a grande expectativa que recai sobre o docente, no sentido de ele proporcionar um ensino cujo alvo seja o de possibilitar um domínio básico da escrita teclada (BOHADANA; MORI, 2004, p.72).

Segundo os autores, essa adaptação para a linguagem do computador representam grande desafio para o que busca adquirir o domínio dessa ferramenta. Isso gera, segundo eles, expectativa grande, já que não basta ao indivíduo somente o conhecimento da linguagem digital, mas ele também deve adquirir o domínio de uma nova forma de se comunicar pela escrita. Para Bohadana e Dreifuss, esse processo mostra que

> (...) ao mesmo tempo em que há um alargamento tecnológico, ele não exige tecnicistas; ao contrário, reivindica uma formação abrangente que permita ampliar as diferentes maneiras de ler, reconhecer, interpretar e interagir com a pluralidade dos diferentes mundos que hoje se entrecruzam. Desta forma, o que está em jogo é a criação de novas formas de reeducar o homem, para lidar não exatamente com o aparato tecnológico, pois este foi o projeto da Modernidade, mas com as informações advindas ou propiciadas por esse novo tipo de 'aparato'(BOHADANA; DREIFUSS, 2000, p.32).

Na visão dos autores, os novos equipamentos e procedimentos tecnológicos utilizados trazem significativas mudanças que influenciam o próprio estar do homem no mundo. A “economia digital”, segundo Sodré (2006, p.19), modifica a noção tradicional de espaço público que tinha como principais eixos a imprensa escrita e a política. Segundo o autor, o tradicional e o novo interagem, ampliando o espaço de atuação dos sujeitos sociais, tendendo à virtualização das relações humanas. E o que se cria, por meio dessas relações virtuais, é “uma nova moralidade objetiva, pautada pela criação de uma eticidade (no sentido hegeliano, de costumes e rotinas socialmente dadas)” (p.28). O caráter habitual e rotineiro dessa interação midiática pode ser exemplificado pela atividade do consumo; nesse sentido, a existência social do sujeito é determinada pelo seu poder de compra, venda e recepção dos produtos.

O tradicional, representado pelos idosos, vê-se na emergência de inserir-se no contexto marcado pelas novas tecnologias se não quiser perder espaço nessa rede midiática determinada pelo consumo. Na perspectiva de Paulino (2007), nesse contexto sociocultural, mantém-se ainda a distância entre o que é novo e o que é tradicional. O segundo passa a ser visto como descartável, retrógrado, inferior ou incompetente, pois

> Os preconceitos e os estereótipos, baseados em características de base biológica e fundamentados na falsa idéia de que o declínio biológico da velhice causa obrigatoriamente deficiência comportamental, tem como finalidade sutil dessa discriminação a eliminação da competição econômica. Ela se encaixa num contexto sociocultural onde vigora a atribuição de superioridade a grupos produtivos social, política e economicamente, indicando inferioridade, imobilidade ou incompetência de outros grupos. A necessidade de expansão do sistema econômico favorece uma mentalidade de valorização do descartável e do novo, que se generaliza também para as pessoas mais velhas, tidas como retrógradas, conservadoras, não produtivas e não consumidoras (PAULINO, 2007, p. 31).

Por essa ótica neoliberal, o conceito de cidadão perde o seu sentido original. Já não é apenas o sujeito social cujos direitos são reconhecidos pelo Estado por seu vínculo de pertencimento territorial, mas o indivíduo que também pertence às redes sociais estabelecidas pelo mercado, via consumo. Canclini aborda, de forma bem esclarecedora, essa reconfiguração da ideia de cidadania

> Ao repensar a cidadania em conexão com o consumo e como estratégia política, procuro um marco conceitual em que possam ser consideradas conjuntamente as atividades do consumo cultural que configuram uma dimensão da cidadania, e transcender a abordagem atomizada com que sua análise é agora renovada. A insatisfação com o sentido jurídico-político de cidadania conduz a uma defesa da existência, como já dissemos, de uma cidadania cultural, e também de uma cidadania racial, outra de gênero, outra ecológica, e assim podemos continuar despedaçando a cidadania em uma multiplicidade infinita de reivindicações. Em outros tempos o Estado dava um enquadramento (ainda que fosse injusto e limitado) a essa variedade de participações na vida pública; atualmente, o mercado estabelece um regime convergente para essas formas de participação através da ordem do consumo, complementarmente(CLANCLINI, 2008, p.37).

Segundo o autor, esse novo contexto social e cultural evidencia grandes mudanças nas relações entre o público e o privado. O Estado e as instituições responsáveis pela articulação social perdem espaço para os setores privados que ditam as regras de mercado sob a intervenção de comunidades transnacionais.

A tradição e o poder local são substituídos pelas tendências globalizantes, por meio do consumo de bens e informações oriundos de uma cultura que desterritorializa e padroniza internacionalmente. Como explicita Canclini (2008, p.41), os sindicatos, as associações de

base, os partidos são enfraquecidos e, consequentemente, a participação social se perde na sociedade de consumo. Infelizmente, esse processo transfere o poder político de decisão que seria do Estado para as entidades que Canclini denomina de “elites tecnológico-econômicas”.

Pode-se perceber que um dos grandes desafios oriundos dessas transformações reside na impotência do poder público e das políticas no âmbito da Educação, da comunicação, dentre outros setores, diante das misturas interculturais que, muitas vezes, originam as barreiras fronteiriças, o comércio ilegal, as guerras, passando a criar novas formas de desigualdades e separatismos. É evidente que não ocorreu aquilo que se receava, uma cultura homogênea, mas Canclini (2007, p.27) alerta para o excesso, a concentração e dispersão das referências culturais.

Dentro de uma visão mais positiva das novas tecnologias da informação e comunicação, o cenário de debates conta com a participação de um dos filósofos mais otimistas em relação à revolução tecnológica que a sociedade contemporânea vivencia. Pierre Lévy (1999, p.21) defende que aqueles que sentiram os efeitos da revolução tecnológica nos métodos de trabalho, no desaparecimento de uma determinada profissão ou que veem seus conhecimentos como obsoletos colocam-se na posição de excluídos diante da rápida alteração tecnossocial. Daí a metáfora, para o autor, inadequada do impacto, que é comumente atribuída à tecnologia, como se ela fosse, na visão de Lévy, tratada como “um projétil (pedra, obus, míssil?) contra o alvo vivo “a cultura ou a sociedade”, como se a técnica possuísse autonomia, sendo descolada da sociedade e da cultura”.

Segundo o autor, a crença de que há um impacto das novas tecnologias sobre o cultural e o social sugere que as técnicas provêm de um universo “estranho a toda significação e qualquer valor humano”. Todavia, para o autor,

> (...) não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (junto com a linguagem e as instituições sociais complexas). É o mesmo homem que fala, enterra seus mortos e talha o sílex (LÉVY, 1999, p.21).

Na contramão desse ponto de vista mais otimista, alguns críticos mais combativos em relação à tecnocultura e, especificamente, em relação à Internet, julgam essa visão como sendo ingênua. Paul Virilio (1999), em sua polêmica obra *A Bomba da Informática*, denuncia os abusos da técnica que causam efeitos destrutivos como a dependência em relação à máquina, o afastamento da convivência social, a falta do senso crítico e a manipulação de pensamento e de comportamentos, dentre outros. Para o autor, ao contrário da democracia

pregada pelos defensores das tecnologias, com relação ao poder de escolha dos viajantes das redes, há uma total perda de liberdade de ação, quando se constata que

> toda a crítica da técnica desapareceu pouco a pouco e deslizamos inconscientemente da pura tecnologia para a tecnocultura e finalmente para o dogmatismo de uma *tecnocultura totalitária* em que todos se veem pegos na armadilha, não mais de uma sociedade, de suas leis ou de seus interditos morais, sociais, culturais..., mas justamente daquilo que esses séculos de progresso fizeram de nós, *de nosso próprio corpo* (VIRILIO, 1999, p.44).

Para o autor, as maiores vítimas dessas "automutilações reflexas" são os mais jovens, pois vivem presos à tela do computador desde a escola maternal e "já contraíram perturbações hipercinéticas devidas a uma disfunção do cérebro que gera uma atividade desconexa, graves problemas de atenção, bruscas descargas motoras incontroláveis". São "infonautas" que vivem trancados sozinhos no quarto e "sofrerão o conjunto dos problemas da comunicação, adquiridos no curso dos últimos séculos da técnica" (p.43). O autor compara as mutilações provocadas pela "Bomba da Informática" às mutilações provocadas pelas guerras, pelo terrorismo, pelos acidentes, pois, para ele, ficamos privados da autonomia de nossos "órgãos receptores naturais, de nossa sensualidade", como uma pessoa "inválida", tendo em vista a invasão, segundo ele, do progresso que invade "cada orifício do corpo a ser autopsiado" (p.43-44).

Essa visão um tanto quanto catastrófica das tecnologias é compartilhada pelo filósofo Jean Baudrillard (1999), de forma ainda mais extremista. Em seu ensaio *A transparência do mal,* o autor define o estado atual do contexto da sociedade contemporânea: "pós-orgia", liberação em todos os níveis, político, sexual, das forças produtivas, da arte, da mulher, do jogo etc. (p.9). Segundo o filósofo,

> É o estado da utopia realizada, de todas as utopias realizadas, em que é preciso paradoxalmente continuar a viver como se elas não o estivessem. Mas, já que o estão e já que não podemos ter a esperança de realizá-las, só nos resta hiper-realizá-las numa simulação indefinida. Vivemos na reprodução indefinida de ideais, de fantasmas, de imagens, de sonhos que doravante ficaram para trás e que, no entanto, devemos reproduzir numa espécie de indiferença fatal (BAUDRILLARD, 1999, p.10).

A liberação das coisas gera, para o autor, a incerteza, a indeterminação e a exaustão. Ela tende a esvaziar o sentido das coisas, o seu valor, a sua origem, suas finalidades, enfim, as coisas são descoladas de sua essência, mas continuam a funcionar. Riqueza, progresso, política, televisão, por exemplo, perdem o seu sentido e objetivos originais, mas o sistema continua numa dinâmica de indiferença (Baudrillard, 1999, p. 12). Na visão do autor, tudo se torna objeto de poder, de desejo, de saber e vira espetáculo ao qual se assiste passivamente,

sem a utilização do senso crítico. E esse estado de coisas faz com que desapareçam a mobilização social, a luta dos trabalhadores e dos sindicatos, a política e o Estado; com o desaparecimento do Estado, desaparece o social. Resultado disso, para o autor, ao ser banalizado e tratado com indiferença, o social não conseguiu se superar e os sistemas de comunicação e informação acabaram por tomar-lhe o lugar na sociedade comunicacional (p.18).

Virilio (1994, p.86), em *A Máquina de visão*, também postula que vivemos uma era de "automação da percepção", dentro de uma visão artificial da realidade objetiva, que foi delegada para uma máquina, a "máquina da visão", que o autor denomina de "visão sem olhar". Virilio argumenta que o desenvolvimento dos recursos audiovisuais está ancorado à ideia de uma "nova industrialização da visão", posto que não se pode falar em desenvolvimento do audiovisual sem questionar sua influência sobre os comportamentos.

> A primeira camuflagem não é, portanto, um estratagema mais ou menos engenhoso, mas, antes de mais nada, a abolição da *aparência dos fatos*, a continuação do que Kipling sugeria ao declarar: "A primeira vítima de uma guerra é a verdade." Ainda aí, trata-se menos de inovar uma manobra, uma tática original do que de ocultar estrategicamente a informação através de um protocolo de desinformação que é menos a trucagem, a mentira veraz, do que a abolição do próprio princípio de verdade (...). É aqui que, a partir de então, se dá a 'estratégia da dissuasão', estratégia dos disfarces, das contramedidas eletrônicas e de outros tipos. A verdade não mais mascarada, mas abolida, é a imagem real, *a imagem do espaço real do objeto*, da máquina observada que dá lugar a uma imagem televisada 'ao vivo' ou, mais exatamente, em tempo real (VIRILIO, 1994, p.94-95).

Segundo o autor, são as imagens da televisão, do computador que mascaram a verdade e manipulam a opinião pública, em nome da fidelidade dessas imagens, do espaço e do tempo real em que elas são transmitidas. Isso cria a ilusão de realidade. É esse o cenário desafiador que enfrentam os idosos. O novo é trazido por meio das novas tecnologias e esses sujeitos têm de recomeçar e de se adaptar às novas exigências de uma cultura cibernética. A teoria das representações sociais constitui-se em suporte importante para a compreensão do universo complexo da educação de adultos idosos: atores sociais que possuem uma representação do que seja o retorno escolar frente aos desafios da cibercultura; instituições, docentes e teóricos da educação que sustentam um sistema simbólico de valores e crenças em relação a esses atores; e, de outro lado, uma sociedade que, na visão de Moscovici (1978), não partilha as representações de forma homogênea e uniforme. Para Jovchelovitch,

> A proliferação dos meios de comunicação de massa e o impacto de práticas globalizadas em arenas locais intensifica os embates entre formas diferentes de saber e levanta

> questões sobre como comunidades locais apropriam e dão sentido aos saberes que chegam de lugares dominantes (JOVCHELOVITCH, 2004, p.29).

Desse modo, a necessidade de familiarização com o não-familiar, para que o idoso compreenda esse contexto diferente do seu, perpassa pela comunicação entre o Eu e o Outro, ou seja, via encontro dialógico. Segundo Jovchelovitch (2008, p.253),

> Comum a todos está a visão de que a comunicação entre Eu e Outro é o caminho para o desenvolvimento de recursos pessoais, sociais e materiais. A tarefa de uma teoria crítica é compreender o que ajuda ou dificulta esta possibilidade e desenvolver teorias e métodos que possam contribuir para o seu desenvolvimento (JOVCHELOVITCH, 2008, p.253).

Do ponto de vista da autora, "O reconhecimento mútuo e a tomada de perspectiva são necessários para estabelecer diálogos entre diferentes saberes e visões de mundo, os quais nós, educadores e pesquisadores, teimamos em não ouvir" (JOVCHELOVITCH, 2008, p.26). Esses grupos de educadores constroem suas próprias representações e, em função delas, norteiam suas práticas, impondo-as aos alunos, acreditando naquilo que pode ser bom para eles.

A autora esclarece que as representações que vão sendo produzidas e comunicadas acabam passando "a fazer parte desse universo, não mais como simples opiniões, mas como verdadeiras 'teorias' do senso comum", facilitando a comunicação e orientando condutas. Essas "teorias" constroem a identidade do grupo e o sentimento de pertencimento dos sujeitos em relação ao mesmo (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 60-78).

Para o estudo das representações sociais nas práticas sociais, lançar mão da abordagem estrutural das representações é de grande importância. Proposta por Jean Claude Abric, a análise estrutural é um desmembramento da teoria de Moscovici. Ele considera a teoria das representações sociais de Moscovici como sendo a "grandthéorie" psicossociológica, ou seja, uma teoria geral que deu origem a outras teorias que buscam o aprofundamento de pontos específicos da teoria original. Segundo esclarece Abric, em seu prefácio para a obra de Sá,

> (...) a análise científica das mentalidades e das práticas sociais será um dos elementos indispensáveis à evolução e ao progresso social. E a teoria das representações sociais constitui hoje um sistema teórico particularmente importante para atingir esse objetivo. E eu me faço explícito: as representações sociais, não apenas a abordagem estrutural que nós defendemos através da teoria do núcleo central, pois uma das vantagens da perspectiva das representações sociais é que ela se nutre de abordagens diversas e complementares: estruturais, por certo, mas igualmente etnológicas e antropológicas, sociológicas e históricas (apud SÁ, 1996, p.9-10).

Analisando a abordagem estrutural, Sá (1996) destaca três ideias básicas sobre as propostas de Jean Claude Abric (1994): a) A estrutura das representações sociais é composta de um sistema central e um sistema periférico; b) as representações sociais caracterizam-se por serem conjuntos sociocognitivos estruturados e organizados; c) para definir uma representação, não basta conhecer o seu conteúdo, mas é necessário identificar os seus elementos centrais que compõem o núcleo central e são responsáveis por sua significação.

Para Abric (1994, p.10), o núcleo está ligado "à memória coletiva, à história do grupo, ao seu sistema de normas e valores, à natureza de seu envolvimento na situação social.".

Conforme esclarece Sá (1996, p.71), o levantamento do núcleo central das representações é útil para que se conheça o próprio objeto da representação, para se verificar o que está sendo representado. Por isso, esse núcleo "constitui, portanto, a base comum, coletivamente partilhada das representações sociais. Sua função é consensual. É por ele que se realiza e se define a homogeneidade de um grupo social" (p.73). Além disso, o núcleo central apresenta várias propriedades, tais como de estabilidade, "que possibilita a ele "a perenidade em contextos móveis e evolutivos"; organização, pois une os elementos da representação; função geradora, na medida em que cria a significação da representação e determina sua organização. Em suma, o sistema central resiste às mudanças (p.74-75). Conforme Abric,

> (...) é o levantamento desse núcleo central que permite o estudo comparativo das representações. Para que duas representações sejam diferentes, elas devem ser organizadas em torno de dois núcleos centrais diferentes. A simples descrição do conteúdo de uma representação não é, portanto, suficiente para reconhecê-la e especificá-la. É a organização desse conteúdo que é essencial: duas representações definidas por um mesmo conteúdo podem ser radicalmente diferentes, se a organização desse conteúdo, e, portanto a centralidade de certos elementos, for diferente(ABRIC, 1994, p.22).

A Teoria do núcleo central prevê, também, a existência de um sistema periférico, complementando o sistema central, composto de elementos periféricos da representação. São esses elementos que dão mobilidade, flexibilidade e variações individuais às representações, porque estão ligados à história e às experiências pessoais do sujeito. O sistema periférico absorve as novas informações e, por meio dele, as representações sociais ancoram-se no contexto imediato, suportando as contradições e a heterogeneidade do grupo. Assim, acaba por preservar a significação central das representações. Segundo Alves-Mazzotti,

> Abric (1994) enfatiza inicialmente que o ponto de partida dessa teoria é a ruptura com a distinção clássica entre sujeito e objeto. Para Moscovici, sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, eles formam um conjunto indissociável. Isto quer dizer que um

> objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo); é a relação sujeito-objeto que determina o próprio objeto. Ao formar sua representação de um objeto, o sujeito, de certa forma o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo, de modo a adequá-lo ao seu sistema de valores, o qual, por sua vez, depende de sua história e do contexto social e ideológico no qual ele está inserido. Essa representação reestrutura a realidade para permitir a integração das características "objetivas" do objeto, as experiências anteriores do sujeito e as normas e valores do grupo (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p.17).

Ao lado da análise estrutural das representações, que trata as representações sociais enquanto produto, a abordagem processual, inicialmente proposta por Moscovici como princípio fundamental de sua teoria, dá ênfase às representações enquanto processo. A abordagem processual focaliza dois processos importantes, a ancoragem e a objetivação. Para Moscovici (1984, p.38), ancorar significa classificar, denominar "coisas que não classificadas nem denominadas", porque causam estranhamento e ameaçam. Quando denominamos essas coisas, é como se as tirássemos do anonimato, incluindo-as num conjunto específico e complexo de palavras e situando as mesmas "na matriz de identidade da nossa cultura" (p.34).

Conforme explicita Jodelet (1984), a ancoragem consiste na integração cognitiva do objeto representado – sejam ideias, acontecimentos, pessoas, relações - a um sistema de pensamento social preexistente e nas transformações implicadas. Esse processo é responsável pelo enraizamento, pela ancoragem social da representação e de seu objeto. Já objetivação é o processo de transformação de noções e imagens em coisas concretas e materiais que constituem "supostos reflexos do real" (MOSCOVICI, 1984, p.289). É "descobrir a qualidade icônica de uma ideia ou ser imprecisos, reproduzir um conceito em uma imagem" (p.38). Seria, segundo Jodelet (1984), uma operação em que se atribui uma figura ou forma específica ao conhecimento sobre o objeto, tornando o conceito abstrato quase tangível, concreto.

Guareschi e Jovchelovitch (2008, p.81-82) explicam que as representações sociais tanto se originam de mediações sociais quanto se tornam mediações sociais. É por meio da objetivação e da ancoragem que as representações sociais estabelecem essas mediações sociais, "trazendo para um nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social". Dessa forma, os sujeitos sociais ancoram aquilo que lhes é diferente, novo, ameaçador, indizível e inescutável em uma realidade familiar, conhecida, institucionalizada.

Para apreender os significados que emergem das representações que são elaboradas pelos sujeitos a partir de 55 anos da escolarização para o mercado de trabalho, nesse contexto

midiático, faz-se necessário desvendar os liames que caracterizam a subjetividade. Segundo Bohadana (2005), no que toca a relação com a cibercultura, é inevitável que se acabe por

> aproximar-se de diferentes cognições e das várias afecções que vão(re)modelando o homem, abrindo vias de acesso para outras sensibilidades, novas relações interpessoais que, por sua vez, interferem no sentido de cultura. Afirmar que há uma dimensão proveniente da cibercultura na formação da subjetividade é saber-se interiorizado em um espaço societário que aumenta para alguns as possibilidades interativas, mas que os lança também para uma nova dimensão de sentido e de ser atingido, posto que provocados por elementos não humanos (BOHADANA, 2005, p. 22).

Para a autora, essa nova dimensão criada pela cibercultura modifica as relações interpessoais, fornece novas formas de acesso à cultura e, ao mesmo tempo que permite uma maior interatividade, também traz em seu bojo uma nova dimensão de sentido. E a subjetividade que se forma a partir dessas novas relações com os elementos que ela denomina "não humanos" vão modelando ou remodelando o homem.

Seguindo essa linha de raciocínio, a relação entre o elemento novo, a cibercultura, e aquilo que é pré-existente torna as representações sociais ao mesmo tempo inovadoras e conservadoras, tanto flexíveis quanto resistentes, o que pode ocorrer no interior de um mesmo sistema.

Segundo Castro (1997), a linguagem do dia a dia é marcada por regras de uso que provêm de consensos e acordos nas práticas sociais. Os processos dinâmicos estabelecidos pelas representações nas práticas sociais são compartilhados e negociados pelos indivíduos. Essa negociação de significados nas interações estabelece acordos sociais. As interações entre os grupos sociais, e no interior desses, supõem processos argumentativos.

Segundo Alves-Mazzotti (1994), a busca da interação por meio do discurso requer negociação de significados para que se consiga a adesão. A modificação de condutas, hábitos, atitudes e pensamento perpassa pelo ato de persuasão, via discurso argumentativo. O estudo dos processos de persuasão que se dão entre os grupos sociais, na formação da identidade e da cultura, é fundamental, particularmente, no que diz respeito às ações educativas.

A análise argumentativa, segundo Castro (1997, p.72), "é uma alternativa de análise de discurso em que interpretações são procuradas muito mais junto à intenção do locutor de persuadir que junto a significações pontuais de cada momento do discurso". Perelman (1992) resgata a análise do discurso argumentativo aristotélica, instituindo a "Nova Retórica". Segundo explicita Castro,

> O mundo moderno fez da racionalidade cartesiana seu grande projeto como se ela fosse suficiente a todas as expressões do raciocínio humano. O modelo de racionalidade

> argumentativa ficou restrito aos estudos consagrados ao Direito, fora, portanto, dos domínios reconhecidos como científicos. Chegou-se mesmo a pensar a retórica como o terreno da irracionalidade. No entanto, quem argumenta, raciocina. E não se argumenta quando a solução é uma solução necessária assim como não se argumenta contra a evidência (CASTRO, 1997, p.69).

A obra de Perelman (1992) parte da análise de uma lógica de juízos de valor, do discurso do cotidiano, não da lógica formal. E esse discurso do cotidiano utiliza características próprias das situações de enunciação. O contexto de enunciação é imprescindível para se ter acesso aos acordos nos quais a argumentação se fundamenta. Esses acordos são as hipóteses em que o locutor se baseia para apoiar sua argumentação, o que se supõe que o auditório admite.

O Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA), baseado na Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca e proposto por Castro (1997) analisa situações em que existe controvérsia e acordos. Conforme os autores, não se argumenta contra aquilo que é evidente. O presente trabalho se valeu desse modelo para proceder a análise dos discursos argumentativos. Os dados da pesquisa foram organizados em teses e a tipologia utilizada baseou-se naquela sugerida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1992).

2.2 A complementariedade das diferentes abordagens da teoria das representações sociais

Na literatura, as pesquisas em representações sociais têm feito uso da abordagem estrutural, para extrair os significados atribuídos a um objeto por um grupo dado. Esse tipo de abordagem proposta por Jean Claude Abric, como um dos desdobramentos da teoria das representações sociais de Moscovici de 1961, parte de duas características: a primeira diz respeito ao caráter simultâneo de rigidez e flexibilidade das representações sociais; a segunda refere-se ao seu caráter consensual e ao mesmo tempo marcado por diferenças individuais.

Por meio de seus experimentos, Abric (1994) chegou à conclusão de que toda representação estaria organizada em torno de um núcleo central e esse núcleo é que determinaria sua significação e organização interna. Por sua vez, o objeto representado, o tipo de relações mantido pelo grupo com o objeto, o sistema de valores e normas sociais do grupo determinam esse núcleo. Por isso, este estaria ligado a condições históricas, sociológicas e ideológicas e à memória coletiva do grupo.

Na abordagem estrutural, obedece-se a três etapas. Primeiramente é feito um levantamento do conteúdo da representação, que pode ser operacionalizado pela entrevista. Após, é realizada a pesquisa do núcleo central da estrutura, por meio da organização de um sistema de categorias, identificando-se as relações e hierarquia entre os elementos que compõem a representação. Em terceiro lugar, depois de identificados os elementos mais significativos, estes devem ser testados para a verificação de sua centralidade. Finalmente, conhecidos o conteúdo, a estrutura interna e o núcleo central, procede-se à construção de uma argumentação "sobre como esses diferentes componentes se relacionam ao contexto e às atitudes, aos valores, às referências dos sujeitos (ALVES-MAZZOTTI, 2000, p.11-12).

A crítica que se faz, segundo a autora, é que muitas pesquisas que dizem seguir esse tipo de abordagem limitam-se a questionários ou testes de associações e a análises, por meio de softwares, que fornecem um número de palavras e expressões relacionadas ao objeto, que serão testadas para o controle da centralidade. Resultado disso são as "listas de palavras vinculadas ao objeto, à semelhança de um dicionário semântico que não leva nem ao conhecimento empírico do processo de produção do sentido do objeto para o grupo considerado, nem ao desenvolvimento da teoria". Desse modo, deixa-se de ressituar a representação em seu contexto e de compreender suas ligações com o conjunto de fatores psicológicos, cognitivos e sociais que a determinaram (ALVES-MAZZOTTI, 1998, p.12).

A autora acrescenta, também, que, por serem os experimentos aplicados em laboratórios e por receberem, em grande parte dos trabalhos, tratamentos estatísticos, acabam essas pesquisas por não darem conta de objetos específicos como aqueles ligados à educação. Há, nesses trabalhos, muita subjetividade por parte do pesquisador. Isso posto, seguindo a sugestão de Alves- Mazzotti (1998, p.12), aliamos à abordagem estrutural procedimentos da abordagem processual, utilizando a perspectiva de Moscovici e Jodelet, trabalhando os conceitos de objetivação e ancoragem. Essa articulação é recente e, conforme a autora, a conjugação entre essas duas teorias dá um maior aprofundamento à pesquisa.

De acordo com Moscovici (1984), a representação é formada por duas faces, uma figurativa e outra simbólica, em que a cada figura corresponde um sentido e a cada sentido uma figura. O autor propõe dois processos importantes nessa forma de pensamento: a ancoragem e a objetivação. Ao trazermos para categorias e imagens conhecidas o que ainda não está classificado e rotulado, temos a ancoragem. E quando transformamos uma abstração em algo concreto, quase físico, temos a objetivação; ou seja, pela objetivação, transformamos noções, ideias e imagens em coisas concretas que constituem a realidade; pela ancoragem,

categorizamos algo, buscando os modelos que guardamos na memória, estabelecendo com ele uma relação positiva ou negativa. Parece-nos interessante e indispensável lançarmos mão desse tipo de abordagem ao lado da estrutural, se queremos analisar as representações desses idosos.

2.3 Cibercultura, representações sociais e a teoria da argumentação

Na tentativa de compreendermos a construção da significação simbólica e dos saberes sociais dos sujeitos a partir de 55 anos, perante um novo contexto de transformações sociais marcado pelas novas tecnologias e pelas novas formas de interação social, é importante que sejam evidenciados tanto o caráter cognitivo quanto o afetivo dessas representações sociais. Segundo Guaresch e Jovchelovitch,

> O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão dos afetos, porque quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem com emoção, com sentimento e com paixão. A construção da significação simbólica é, simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social (GUARESCH ; JOVCHELOVITCH, 2008, p.20).

Segundo os autores, o modo de produção dessas representações pode ser observado nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos movimentos sociais, enfim, em vários lugares sociais quando, então, as pessoas se reúnem e mantêm conversações para "argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas". Para Moscovici (2008, p.9), é por meio das conversações que os saberes populares e o senso comum são elaborados.

Leeuwis (1993) mostra a importância das ideias de Habermas para a compreensão da argumentação e do papel das tecnologias de comunicação nas interações sociais. O autor explica os diferentes tipos de ação apresentados por Habermas que caracterizam o processo de argumentação.

> Habermas (1981a, p.384) distinguishes three types of action. Instrumental action involves behaviour following technical prescriptions, based on 'nomological knowledge', in order to achieve certain previously defined goals (*ibid*., p.385). Strategic action is still oriented towards the realization of specific goals, but the actor recognizes other actors as equally

> strategic opponents, rather than as 'objects' that obey certain nomological rules. Finally, Habermas speaks of communicative action when actors aim at reaching agreement or consensus on a common definition of the situation as a basis for co-ordinating their activities (LEEUWIS, 1993, p.289).[3]

Habermas defende que, na sociedade moderna, a razão comunicativa e a ação comunicativa devem superar a razão iluminista estabelecida pela lógica instrumental que trabalha com a adequação dos meios ao fim, com objetivos previamente definidos. Para ele, ao contrário da ação instrumental que mascara o poder, limitando os debates para os técnicos e especialistas, a ação comunicativa restabelece o diálogo, a discussão livre e racional, permitindo que os atores sociais possam se engajar livremente no processo de argumentação.

Ainda Leeuwis (1993, p.290) observa que, em conecção com as classificações de Habermas de ação e racionalidade, o autor distingue sistema e mundo da vida. Para Habermas, o sistema seria constituído pela economia e o estado, movido pelas atividades políticas e econômicas. Desse modo, as ações dentro do sistema são instrumentais e estratégicas, tendo como base a racionalidade cognitiva e instrumental. O mundo da vida conecta-se à racionalidade comunicativa, à ação comunicativa. Ele critica a "colonização do mundo da vida" pelo sistema, pois este acaba impedindo a participação dos cidadãos de forma igualitária por meio do agir comunicativo, por meio do discurso. Por isso, segundo Guareschi e Jovchelovitch (2008, p.69), Habermas centra-se "na emergência, desenvolvimento e transformação da esfera pública burguesa" cujas funções críticas "foram enfraquecidas pelas transformações que ela sofreu sob o capitalismo, e, ao fazer isso, ele evoca um compromisso com os seus ideais – como um espaço que deve ser recuperado, como um espaço que racionaliza o exercício do poder através do debate público. Segundo Guareschi e Jovchelovitch,

> O resultado de tal espaço público então seria a opinião pública, considerada como um consenso adquirido através do livre debate sobre a vida em comum. O uso da razão para guiar o debate foi outra das novidades históricas do modelo liberal da esfera pública – através dele, a sociedade como um todo cria um saber sobre si mesma(GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 2008, p.69).

---

[3] (Tradução nossa). Habermas (1981a, p.384) distingue três tipos de ação.A ação instrumentalenvolve o comportamentoseguindoprescrições técnicas, com base no 'conhecimento nomológico',a fim de atingirdeterminados objetivospreviamente definidos(ibid.,p.385). A ação estratégicaé aindaorientada paraa realizaçãode metas específicas,mas o atorreconheceoutros atores igualmente como adversáriosestratégicos e não como 'objetos'que obedecem adeterminadas regras nomológicas. Finalmente, Habermas falada ação comunicativa,quando os atorestêm por objectivoalcançar um acordoou consenso sobreuma definição comum, como base para coordenarsuas atividades.

Ao recorrer a Habermas para reiterar a ideia de esfera pública, Guareschi e Jovchelovitch (2008, p.68) elucidam que esta permite que se descubram as preocupações comuns do presente e fornece condições para "projetar o futuro e identificar aquilo que o presente e o futuro devem ao passado. Mas ainda, porque sua realidade é plural, a esfera pública tem sua base no diálogo e na conversação." Argumentam os autores que, embora o mundo seja o mesmo para os seres humanos, há uma pluralidade de perspectivas; só é possível haver uma coincidência de posições por meio do esforço das pessoas para que haja um processo de ação e diálogo.

Segundo os autores, o leitor poderia perguntar onde estão as representações sociais na discussão sobre esfera pública. Guareschi e Jovchelovitch (2008, p.70) argumentam que a esfera pública é um espaço que existe em função da pluralidade humana, da diversidade, possibilitando, assim, a confrontação que se estabelece pelo diálogo e pela ação comunicativa, na relação de alteridade. Os autores explicam que aquilo que é público diz respeito ao Mundo, já que é comum a todas as pessoas e diferente do espaço privado de cada um. Para eles, "a esfera pública, enquanto lugar de alteridade,fornece às representações sociais o terreno sobre o qual elas podem ser cultivadas e se estabelecer". Os autores ressaltam que o desenvolvimento simbólico e o desenvolvimento do Eu necessitam da alteridade. Isso significa dizer que "a realidade social – representada por outros – desempenha um papel constitutivo na gênese das representações, da atividade simbólica e do próprio sujeito individual", posto que a construção simbólica só se verifica dentro de uma rede de significados já constituídos.

Em relação aos métodos empregados para a pesquisa em representações sociais, Moscovici (2008) afirma que é importante que o pesquisador saiba discernir entre os métodos que poderão ser mantidos com responsabilidade e os que serão descartados, tendo em vista o contexto de mudanças intelectuais e sociais. O autor discorda da visão que alguns pesquisadores têm de "fetichizar um método específico". Justifica o autor sua preferência metodológica em relação à abordagem das representações sociais:

> Se minha preferência se relaciona com os métodos de observação e os de análise qualitativa, como ilustrados pelos trabalhos de Jodelet, Parker ou Palmonari, isso é problema de escolha pessoal, e não problema epistemológico. Em suma, eu sou um metodólogopoliteísta, e não monoteísta (MOSCOVICI, 2008, p.14-15).

Nesse sentido, Moscovici nos dá a chave para defendermos a confluência perfeitamente possível e necessária entre a teoria das representações sociais e a teoria da argumentação de Perelman. Uma das principais concordâncias entre as ideias de Moscovici e Perelman diz respeito à concepção de ambos acerca da pretensão de universalidade e do monopólio de verdade instituídos pela lógica formal.

Segundo Moscovici (2008), "para que uma teoria possa perdurar é necessário que ela seja suficientemente elástica e complexa". O filósofo defende que é necessário que as teorias elementares e pouco específicas sejam abandonadas. A complexidade e a flexibilidade permitem que uma teoria abarque a diversidade de problemas e os fenômenos novos que ela deve explicar. E o autor vai mais longe em suas afirmações. Ressalta que, enquanto souber aproveitar o que cada método lhe ofereça, a teoria das representações sociais permanecerá criativa por muito tempo. Para Perelman (1996), os vários tipos de monismos trazem como pressuposto a superioridade de um tipo de ser, de determinada crença, de um valor social, de um método, de um grupo social ou de um partido. O filósofo combateu o monismo metodológico, considerando-o instrumento de dominação social. Assim, como a teoria das representações sociais, a teoria da argumentação é essencialmente pluralista.

As representações são mediadas pela transferência de esquemas constituídos de condições estruturais, sistema de valores, normas, símbolos que são incorporados inconscientemente. E, sem dúvida, como a comunicação por meio da fala serve ao mesmo tempo de instrumento e material para a análise das práticas sociais, há que se perceber que a análise argumentativa dos discursos dos diferentes grupos sociais é fundamental para a compreensão das representações sociais que esses grupos elaboram para entender o mundo e atribuir-lhe sentido.

As representações sociais são sistemas que se articulam mais em valores do que em conceitos, posto que são elaboradas pelo senso comum. Portanto, segundo Minayo (2008, p.109), "devem ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais de vida" em que contradições e conflitos são resultado da visão de mundo dos diferentes grupos. Dessa forma, tanto o "senso comum" como o "bom senso", para a autora, "são sistemas de representações sociais empíricos e observáveis, capazes de revelar a natureza contraditória da organização em que os atores sociais estão inseridos". Os valores, segundo a teoria da argumentação, estão na base da argumentação. São presumidos, assim como os fatos, já que são admitidos sem provas Perelman-Tyteca (1996). Os valores mais abstratos são

denominados lugares do preferível e, por meio deles, estabelece-se o valor de uma coisa por meio do consenso.

Em suma, tanto a abordagem argumentativa quanto as representações sociais estão imersas na ação comunicativa por meio dos discursos. Ambas as abordagens partem do princípio de que a pluralidade e a diversidade de pontos de vista entre os sujeitos sociais levam à necessidade da comunicação, do diálogo, para se atingir o consenso. Dentro do campo das representações sociais, a comunicação social, tanto do ponto de vista interindividual, institucional quanto midiático aparece como possibilidade e determinação (JODELET, 1989). As relações de influência estabelecidas pela comunicação, segundo a autora, têm, por objetivo, transformar ideias em evidências objetivas.

A análise argumentativa das representações sociais, no presente estudo, por meio da aplicação de técnicas argumentativas, visou à apreensão dos significados do retorno escolar que os sujeitos da pesquisa elaboram. Quando um locutor tem como objetivo convencer alguém, ele elabora seu discurso para que ele seja persuasivo. De acordo com Castro e Frant (2011),

> Essa *preparação* do discurso está baseada nas hipóteses que o locutor tem a respeito de seu auditório. Não se pode convencer alguém se não se leva em conta suas convicções e suas reações. Mas essas hipóteses nunca passam de hipóteses. Mesmo durante o diálogo, quando o locutor está diante das réplicas ao seu discurso, as hipóteses podem ser mudadas, mas nunca se penetrará no terreno da certeza. Essas hipóteses são o ponto de partida da construção da argumentação, elas são o que o locutor crê que seu auditório tem como admitido. Perelman (1992) chama *acordo* a esse conjunto de hipóteses sobre o qual o locutor se baseia para construir sua argumentação(CASTRO; FRANT, 2011).

Segundo o Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA), para que seja assegurada a persuasão por meio de argumentos, deve haver entre o auditório e o orador a possibilidade de interpretações comuns. O fato de o orador e o auditório pertencerem a grupos diferentes é um fator importante para o sucesso ou o fracasso da argumentação. Andrade (2009) explicita que, para que a argumentação seja possível, deve existir o mínimo de vínculo necessário entre o orador e seu auditório. Para que o orador conte com a atenção do auditório, algumas condições são necessárias:

> O orador competente – seja ele um cientista um filósofo, uma autoridade política ou simplesmente o homem comum – não poderá descuidar em momento algum da atenção que o liga ao auditório, seja esse geral ou particular (...) para merecer a atenção de seu auditório, será necessário ao orador possuir alguma qualidade que o autorize a proferir seu discurso com eficácia (ANDRADE, 2009, p.23).

Neste trabalho, a análise dos dados levantados pelo programa EVOC (VERGÈS, 1992), a partir dos questionários de evocação livre, contou com o Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA) que tem sido utilizado em situações diversas de pesquisa. Em Educação, LIMA (1999) analisa interações em sala de aula; CASTRO (1997) trabalha com os diálogos transcritos e textos escritos (CASTRO et. al., 2004); COVRE (2005) trata das interações em ambiente virtuais. Castro e Frant explicam que

> o trabalho do analista deve então ser visto como comportando duas tarefas concomitantes: uma, em que ele busca explicitar o jogo argumentativo praticado por outros; outro, em que ele participa do jogo e que se constitui na apresentação da análise feita para um auditório. A segunda requer do autor da análise explicitar os argumentos que sustentam o produto de sua análise, argumentos esses que integram sua interpretação. (CASTRO; FRANT, 2011).

Segundo as autoras, aquele que analisa o discurso de outro estabelece com ele um diálogo. Para sustentar a interpretação que propõe, deverá usar de argumentos persuasivos. Se a argumentação é feita pela utilização da escrita, o orador procura antecipar as discordâncias possíveis, tendo em vista que a escrita impossibilita a negociação com o interlocutor em tempo real. Desse modo, escolhido um auditório, o orador procura argumentar sobre essas possíveis controvérsias que poderiam surgir e antecipa a defesa de suas ideias.

Os procedimentos e técnicas que foram utilizados nessa investigação, para proceder à entrada no campo, ao contato com os sujeitos, à coleta e análise dos dados, bem como à análise propriamente dita do discurso, serão abordados no próximo capítulo.

3. METODOLOGIA

3.1Tipo de pesquisa

A pesquisa em questão tem um caráter qualitativo, dada a natureza interpretativa da investigação. Optamos pela abordagem qualitativa, tendo em vista que o nosso objetivo determina a aproximação com o campo das representações sociais e está relacionado ao que o campo tem feito em termos de pesquisa.

Segundo Alves-Mazzotti eGewandsznajder (2000, p.131), a abordagem qualitativa parte da ideia de que "as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado". Assim há a necessidade de um maior contato do investigador com o campo, de maneira prolongada, com o propósito de "poder captar os significados dos comportamentos observados" e o predomínio de análises detalhadas (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p.132).

Esse tipo de investigação denominada qualitativa procura compreender as intenções e significados das atitudes humanas, e a análise de dados pode se utilizar de citações de falas e experiências das pessoas pesquisadas. Para se compreender a relação dos idosos com a nova realidade social marcada pela tecnologia, uma pesquisa meramente quantitativa não daria conta da complexidade que envolve o objeto de investigação, requerendo, portanto uma investigação de cunho qualitativo.

Turato lembra que, na pesquisa qualitativa, quando o investigador vai a campo estudar "as coisas", ele não se atém a elas em si.

> O termo genérico "coisas" neste caso é um sinônimo metodológico de objeto de estudo, que, em se tratando de pesquisa qualitativa, são as pessoas ou as comunidades em sua fala e em seu comportamento (as "coisas" que acontecem...). E mais: é sempre no *setting* natural que ocorre o estudo, e nunca em um ambiente reprodutor de situações (laboratórios, gabinetes etc.) (TURATO, 2003, p. 191).

Nesse sentido, o autor discute que, se não é o objeto em si que interessa ao pesquisador, o alvo de seu interesse é a significação que as coisas adquirem, as significações que um indivíduo ou um grupo atribuem aos fenômenos.

Segundo Alda–Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.146), os grandes e complexos problemas com os quais se depara a sociedade brasileira requerem soluções que perpassam por mudanças profundas. Assim é necessário que as pesquisas sejam fundamentadas por

conhecimentos mais amplos que produzam maior confiabilidade e aplicabilidade; isso, na visão dos autores, vai depender da escolha adequada dos procedimentos e instrumentos bem como da análise interpretativa cuidadosa dos dados. A preocupação com a organização desses dados, com os resultados e as conclusões da pesquisa, de acordo com os autores, tem sido constante para muitos pesquisadores das ciências sociais e da educação, no sentido de imprimir certo rigor a seus procedimentos e critérios e produzirem pesquisas confiáveis e válidas perante a comunidade científica.

Bogdan e Biklen (1999, p.68-69) explicam que os investigadores qualitativos estão interessados nas experiências e situações particulares das pessoas, em como elas pensam e, para isso, direcionam as entrevistas para uma situação informal que cria um ambiente de conversa entre um investigador e um sujeito. Para os autores, esse seria o único modo "de captar aquilo que é verdadeiramente importante do ponto de vista do sujeito (...) os estudos qualitativos não são ensaios impressionísticos elaborados após uma visita rápida a determinado local ou após algumas conversas com uns quantos sujeitos".

> O trabalho de campo refere-se ao estar dentro do mundo do sujeito da forma acima descrita – não como alguém que faz uma pequena paragem ao passar, mas como quem vai fazer uma visita; não como uma pessoa que sabe tudo, mas como alguém que quer aprender; não como uma pessoa que quer ser como o sujeito, mas como alguém que procura saber o que é ser como ele (BOGDAN; BIKLEN, 1999, p.113).

Assim, na visão desses autores, o investigador qualitativo permanece tempo considerável no campo colhendo e revisando os dados. A vantagem desse tipo de ambiente, como explica os autores, é a de que é o local onde os sujeitos estão envolvidos com suas tarefas do dia a dia, ou seja, é um ambiente natural propício como objeto de estudo do investigador.

Conforme esclarecem os autores, são raros os casos em que a pesquisa qualitativa não utilize o trabalho de campo. Para os autores, essa relação entre o investigador e as pessoas em seu ambiente natural de atividades facilita ao pesquisador a percepção do contexto em que os dados são produzidos. Ainda que muitos estudos lancem mão somente de registros de casos e materiais de arquivo, o investigador, na perspectiva de Bogdan eBiklen (1999, p.114), deve procurar desenvolver uma relação semelhante ao "trabalho de campo" com os sujeitos da pesquisa.

Em uma discussão interessante que Turato (2003) faz sobre a metodologia em pesquisa sociológica, o autor discorre sobre as impropriedades do positivismo quando da abordagem dos fenômenos humanos em comparação aos estudos desenvolvidos à luz das

abordagens qualitativas. Não obstante Turato lembre que August Comte foi o primeiro a usar o termo sociologia, o autor ressalta que Émile Durkheim é considerado o iniciador da "sociologia científica" cujas ideias positivistas são ainda muito aceitas no meio científico.

Conforme explicita o autor, Durkheim foi um dos primeiros a reconhecer que os fenômenos sociais são objetos e que assim devem ser tratados; por outro lado, como observa Turato (2003), Durkheim considerava as reflexões acerca desses fenômenos sociais como algo desnecessário. Para o pai da sociologia positivista, os fenômenos sociais deveriam ser tratados como tais, ou seja, estudados de maneira desconectada dos sujeitos. Para o autor, a sociologia não pode tratar as leis que regem a vida social de forma análoga às leis da física. Argumenta Turato (2003, p.181)que "o autor não entendia que as observações humanas e as descrições dos fatos estão necessariamente impregnadas por teorias prévias, um crucial viés ignorado por Durkeim". O sociólogo, na visão de Turato (*idem*), não admite que sejam criadas soluções *a priori* como se ele ignorasse o fato de que o cientista já possui na mente teorias.

Moscovici (1984) discute a abordagem de Durkheim acerca do tratamento dos fenômenos sociais, ressaltando que o sociólogo, embora trate esses fenômenos separadamente do indivíduo, por outro lado, traz uma grande contribuição para os estudos sociológicos quando introduz o conceito de representação e revela o caráter simbólico da vida social. Quando assim o faz, o sociólogo já reconhece a existência de um saber comum que prescreve o comportamento dos indivíduos. Para ele, existiriam representações coletivas que, sendo homogêneas, seriam comuns a todos os membros de um grupo, como a língua compartilhada, posto que preservam o vínculo entre eles por meio de pensamentos e ações uniformes. Por serem coletivas, passam de geração a geração, exercendo uma espécie de "coerção" sobre os indivíduos.

As representações individuais, para Durkheim, separam-se das coletivas, pois que são próprias de cada indivíduo, de cada consciência. Por isso, ele propõe que o pensamento coletivo deve ser estudado em si mesmo. Para o sociólogo, segundo Alexandre, "a individualidade humana se constitui a partir da sociedade":

> A 'representação coletiva', segundo Durkheim, não se reduz à soma das representações dos indivíduos que compõem a sociedade, mas são, mais do que isso, um novo conhecimento é formado, que supera a soma dos indivíduos e favorece uma recriação do coletivo. Uma função primordial da "representação coletiva" seria a transmissão da herança coletiva dos antepassados, que acrescentariam às experiências individuais tudo que a sociedade acumulou de sabedoria e ciência ao passar dos anos. É justamente nessa questão que Moscovici diverge de Durkheim e acrescenta novos elementos à elaboração do conceito de representação social. Para ele, não é apenas uma herança coletiva dos antepassados, que é transmitida de maneira determinista e estática. O indivíduo tem papel

> ativo e autônomo no processo de construção da sociedade, da mesma forma que é criado por ela. Ele também tem participação na sua construção (ALEXANDRE, 2004, p. 131).

O que Moscovici faz, na verdade, é reconhecer a importância das ideias de Durkheim enquanto objeto de estudo, ou seja, a necessidade de se estudar os fenômenos sociais como o senso comum, as crenças, a cultura, dentre outras manifestações, contudo, deslocando a dicotomia entre os conceitos de representação coletiva e representação individual para a concepção de representações sociais. Quando dissolve essa polarização, retira, da visão clássica, o caráter estático e de pré-estabelecimento das representações, pois defende que elas podem ser tanto construídas quanto adquiridas, que o caráter coletivo conta menos que a própria dinâmica da representação. Por essa perspectiva, o que é individual pode se tornar social e o que é social pode se tornar individual. Sob essa ótica, também, na visão de Sá

> As representações sociais comportam novas dimensões a partir das respostas à interrogação sobre as razões para a sua designação como "sociais", e não mais como "coletivas", contrariando Durkheim, a fonte explicitamente assumida por Moscovici quando da retomada daquele "conceito perdido". A rigor, a proposição das representações sociais não revoga as representações coletivas, mas acrescenta outros fenômenos ao campo de estudos. Concebido assim de forma mais ampla, o campo pode ter seu contexto fenomenal mapeado ainda de outra maneira, ou seja, pela distinção entre diferentes tipos de representação em função de suas origens e respectivos âmbitos de inserção (SÁ (2000, p.38-39).

Sá esclarece e ratifica a concepção de representação social instituída por Moscovici. Explicita que as representações coletivas fazem parte do campo teórico das representações sociais, não se constituindo um problema para a teoria, afinal, conforme ressalta Moscovici,

> Pero resulta banal reconocer que El individuo solo existe dentro de la red social y que toda sociedad se compone de uma multitud de individuos diversos, al igual que el más mínimo pedazo de matéria está compuesto por uma multitud de átomos. Además, tenemos derecho a observar que em cada individuo habita uma sociedad: la de sus personajes imaginarios o reales, de los héroes que admira, de los amigos y enemigos, de los hermanos y padres com quienes nutre um diálogo interior permanente. Y com los cuales incluso llega a sostener relaciones sin aberto. Así pues, cuando décimos: existe El individuo y existe la sociedad, dejamos a um lado La experiencia compartida por casi todo El mundo[4] (MOSCOVICI, 1985, p. 17-18).

---

[4](Tradução nossa) Mas é banal reconhecer que o indivíduo só existe dentro da rede social e que toda sociedade é composta de uma multidão de indivíduos diversos, bem como o menor pedaço de matéria é composto por muitos átomos. Além disso, temos o direito de observar que em cada indivíduo habita uma sociedade: a de seus personagens imaginários ou reais, dos heróis que admira, dos amigos e inimigos, dos irmãos e pais, com quem nutre um diálogo interior permanente. E com os quais ainda consegue manter relações sem aberturas. Assim, quando dizemos: existe o indivíduo e a sociedade, deixamos de lado a experiência partilhada por quase todo o mundo (Moscovici, 1985, p.17-18).

Nossa escolha pelo objeto de estudo “o significado do retorno escolar para pessoas a partir dos 55 anos no mundo da cibercultura” explicita, por meio da pesquisa qualitativa, a relação entre os sujeitos da pesquisa com o mercado de trabalho, a escolarização e as novas tecnologias. À luz da teoria das representações sociais e da análise argumentativa, a investigação lançou mão de uma abordagem metodológica que se serviu do trabalho de campo e de técnicas de coleta diversas comumente utilizadas no campo de estudos das representações sociais, tais como a observação, a evocação livre e o grupo focal. Para a análise das falas do debate produzidas no grupo focal, utilizamos a análise argumentativa do discurso por meio do MEA. Esses procedimentos serão descritos detalhadamente nas próximas seções.

3.2 Seleção do campo e perfil dos sujeitos da investigação

Os sujeitos desta pesquisa são pessoas a partir de 55 anos, que estão retornando aos bancos escolares e ao mercado de trabalho num contexto diferente para eles, marcado pelos avanços da cibercultura. Os idosos que buscamos para sujeitos da pesquisa estão inseridos em programas educativos do município de Juiz de Fora, tais como Educação de Jovens e Adultos (EJA), cursos de Informática, cursos de Pós-graduação, cursos de capacitação, Universidade da Terceira Idade, e estão atuando na área de serviços e empresas de Juiz de Fora. O foco dessa pesquisa está voltado para os que buscam escolarização para o mercado de trabalho, aqueles que fazem parte dessa discussão.

Vale ressaltar que, em princípio, a pesquisa seria realizada com pessoas a partir de 60 anos. Ao empreendermos pesquisas, por meio de dados estatísticos, pesquisas eletrônicas e de periódicos, e visitas a centros de convivência para a terceira idade bem como a instituições que oferecem cursos de informática, de línguas e de capacitação para o trabalho, pudemos encontrar, dentre a parcela de aposentados que trabalham, pessoas que se encontravam na faixa dos 55 aos 59 anos. Optamos, portanto, por incluir no perfil dos sujeitos da pesquisa esses indivíduos.

Um dos grandes desafios enfrentados nessa primeira fase se constituiu no fato de encontrarmos muitos aposentados retornando aos bancos escolares, mas sem o objetivo de reinserção no mercado de trabalho. Esses não foram submetidos ao questionário de evocação

livre por não se enquadrarem no critério de escolha dos sujeitos, embora tenhamos travado agradáveis conversas e de grande aprendizado pela experiência de vida que essas pessoas transmitem. A permanência prolongada no campo e o retorno constante a alguns locais possibilitaram essa interação.

Após a fase que Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.148) chamam de exploratória, que se caracterizou pela imersão nos locais a serem estudados, foram selecionadas 50 pessoas entre 55 a 84 anos. Segundo os autores "Essa fase exploratória permite que o pesquisador, sem descer ao detalhamento exigido na pesquisa tradicional, defina pelo menos algumas questões iniciais, bem como os procedimentos adequados (...)".

Outra observação pertinente dos autores diz respeito ao planejamento prévio por parte do pesquisador iniciante. Eles sugerem que "quanto menos experiente for o pesquisador, mais ele precisará de um planejamento cuidadoso, sob pena de se perder num emaranhado de dados dos quais não conseguirá extrair qualquer significado" (p.148). Nos encontros de orientação dapesquisa, pudemos trocar informações sobre o campo, sobre os critérios para a escolha dos sujeitos e sobre as características diversas de cada local visitado nos primeiros contatos. Foram traçados os procedimentos da coleta de dados, elaborado o questionário de evocação livre e, a cada retorno dos primeiros contatos, eram discutidos e adaptados os critérios de acordo com a realidade encontrada. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.149),

> diante das dificuldades encontrada pelos pesquisadores, decorrentes da história e da própria natureza das pesquisas qualitativas, é compreensível que pesquisadores inexperientes que optam por utilizar uma metodologia qualitativa fiquem inseguros quanto ao planejamento de sua pesquisa (...).

Do que vivenciamos na pesquisa empreendida, pudemos perceber o quanto o planejamento das ações e a fundamentação teórica são importantes para nos dar segurança diante do que estamos aprendendo a fazer. Traçar o passo a passo das ações, o objetivo de cada etapa e sempre buscar sanar as dúvidas auxilia muito, já que as dificuldades que vão surgindo são inúmeras.

Foram submetidos ao questionário de evocação livre 32 homens e 18 mulheres. Quanto ao nível de escolaridade, 6 pessoas possuem ensino fundamental incompleto; 3 com o ensino fundamental completo; 13 possuem o ensino médio completo; 6 possuem ensino superior e 22 pessoas têm curso de pós-graduação. Dentre os 50 entrevistados, 33 são aposentados que trabalham e 17 são trabalhadores não aposentados.

Os questionários de evocação livre foram aplicados no município de Juiz de Fora - no Centro de Educação do Menor (CEM), no Serviço Social do Comércio (SESC), no Serviço Social da Indústria (SESI), no Instituto Federal de Educação Tecnológica do Sudeste de Minas Gerais (IFSUDESTEMG), no Conservatório Estadual de música "Haidée França Americano", no Colégio de Aplicação João XXIII, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no Polo de Envelhecimento da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Juiz de Fora (SINTUFEJUF), na Biblioteca Municipal Murilo Mendes, na Associação Municipal de Apoio à Criança (AMAC), no Sindicato dos Metalúrgicos e em algumas escolas municipais e estaduais. Com a ajuda do presidente do sindicato dos metalúrgicos, pudemos ter acesso também a algumas empresas da cidade.

3.2.1 Acesso ao campo e diário de campo

Para nós, pesquisadores iniciantes, são maiores os desafios para se obter acesso ao campo e operacionalizar cada passo dos procedimentos aos quais nos propusemos. Seguindo as orientações de teóricos e pesquisadores qualitativos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000), conforme explicitamos anteriormente,passamos pelo período exploratório em que fizemos os primeiros contatos com o campo, observamos o dia a dia dos sujeitos, conversamos com diretores, coordenadores, sempre procurando explicitar, de forma objetiva, nossas intenções. Procuramos respeitar a rotina do trabalho ou dos cursos, tendo o cuidado de obtermos a autorização dos diretores ou coordenadores para abordarmos nossos sujeitos.

Essa postura ética, o respeito à hierarquia da empresa ou de outras instituições tem o seu lado desafiador. Em alguns locais, a burocracia é muito grande para se chegar a um diretor, coordenador, principalmente no que diz respeito a grandes empresas. A mediação de pessoas do Sindicato dos Metalúrgicos, por exemplo, foi de grande valia para tentarmos romper as barreiras naturais para se obter a autorização para adentrar esses locais. Deixamos de contar com um número muito maior de sujeitos devido à burocracia para se conseguir chegar até eles. Embora tenhamos apresentado o documento de praxe da Universidade Estácio de Sá para autorização da pesquisa, esbarramos, algumas vezes, com uma espera demasiada em relação ao retorno de algumas instituições para abordarmos os pesquisados. É preciso ter muita persistência e otimismo para não desistirmos diante desses obstáculos. Bogdane

Biklen(1999, p.123-124) reconhecem que essa autorização, em alguns locais é, de fato, morosa. Os autores fornecem algumas sugestões para tornar os primeiros dias no campo menos dolorosos:

> 1. Não interprete o que aconteceu como uma ofensa pessoal. Aquilo porque está a passar faz parte do trabalho de campo.
> 2. Na primeira visita tente arranjar alguém que o apresente (...).
> 3. Nos primeiros dias, não tente fazer de mais (...).
> 4. Mantenha-se relativamente passivo (...) Faça perguntas gerais que permitam aos sujeitos falarem.
> 5. Seja amigável.

Quando conseguimos colocar em prática pelo menos alguns desses conselhos, de fato, pudemos observar que os resultados foram mais positivos. A sensação de desconforto, de estranhamento e, às vezes, de timidez, que os autores explicam serem naturais nos primeiros dias, realmente, visitou-nos, mas, conforme lembram os autores, essa fase acaba com a aceitação por parte dos sujeitos. Em sua maioria, os sujeitos foram muito acolhedores. Vale ressaltar a grande disponibilidade e recepção que tivemos no Centro de Ensino do Menor (CEM), por parte de seu diretor, que nos deu total liberdade para permanecer na escola e retornar quantas vezes quiséssemos. Foi o local em que passamos o maior tempo de observação, de conversas informais, de aplicação de questionários.

Fatos interessantes aconteceram em algumas instituições, principalmente naquelas que recebem pessoas em busca de escolarização em cursos para a educação de adultos. Algumas delas, nesses primeiros contatos, achavam que minha entrevista seria uma abordagem para emprego. O que pudemos perceber em conversa com essas pessoas é que muitas estão ansiosas para obterem um emprego melhor do que têm, por isso estavam ali, superando todos os obstáculos para conseguirem aprender após tanto tempo longe da escola. Outra experiência interessante registrada foi a dificuldade para entrevistar alguns idosos que não queriam deixar a sala de aula, tamanho era o interesse em assistir às aulas. Logicamente, respeitávamos essa atitude, pois nosso papel não era o de causar perturbação no ambiente dos sujeitos.

Voltamos algumas vezes para termos acesso aos mesmos sujeitos ou participamos de uma aula, por exemplo, em que a atividade era uma visita a uma mostra cultural em museu próximo. Nesse dia, realizamos um verdadeiro *tour* junto com a turma pela aula agradável da professora de Artes, em visita ao Espaço Mascarenhas, local de muitos eventos culturais e de mostras de arte de Juiz de Fora. O que mais nos encantou foi a reação das alunas adultas, constituídas de pessoas tão simples diante de uma exposição de pintura inspirada na cultura da

Índia. Ouvimos de algumas delas: *Se a professora não tivesse explicado antes, a gente não ia entender nada*.

Pudemos notar que as alunas, não acostumadas a visitas a exposições de arte gostaram muito do que viram porque entenderam a mensagem expressa pelas obras mediante as explicações da professora. Nossa candidata ao questionário, aluna dessa turma, estava tão envolvida no curso de qualificação profissional que realizava que não pôde nos ceder tempo algum de aula, tamanha a concentração às disciplinas, visto que, embora aposentada, regressava a um curso profissionalizante após anos de afastamento dos bancos escolares, com o objetivo de, segundo ela, voltar ao mercado de trabalho, pois se sentia muito nova para continuar em casa e não ter um emprego. Voltamos algumas vezes, mas nossa candidata acabou ficando de fora. Foi frustrante o ocorrido, mas esse fato, conforme nosso relato, tornou-se muito significativo para a avaliação da temática que discutimos nessa pesquisa.

Em virtude desse contato prolongado com o campo, em que também precisávamos retornar várias vezes para conseguirmos abordar um número maior de pessoas, conversamos informalmente com alguns idosos e idosas que não se adequavam ao nosso perfil, pois retornaram ao estudos não em função do mercado de trabalho, mas por motivos diversos. Foi muito gratificante ouvir os depoimentos dessas pessoas que retornaram aos estudos para resgatar o convívio social, pelo prazer de aprender, para fugir da depressão, dentre outras motivações. Não nos furtamos a ouvi-los, na verdade, até estimulávamos esses depoimentos para que pudéssemos confirmar algumas das hipóteses inferidas em pesquisas estatísticas e pelos autores que visitaram nosso referencial teórico, a saber, na verdade, um grande contingente de pessoas a partir de 55 anos, aposentadas ou não, tem buscado os centros de convivência da terceira idade, os cursos de formação básica, os cursos de informática e de profissionalização para, segundo elas, “trocar receitas por e-mails”, “conversar com o filho ou o neto que está distante”, “distrair, porque é melhor sair de casa do que não ter com quem conversar”, “não me sinto mais sozinho”, “tenho amigos aqui”, “é bom para a gente exercitar a memória”, “não tenho mais depressão”, “agora sei falar e escrever melhor”, entre outras motivações.

Enfim, julgamos importante registrar essas impressões do campo, pois pudemos verificar que, para a nossa surpresa, há no município de Juiz de Fora um grande número de locais em que as pessoas idosas se reúnem para estudar, para jogar, participando não só de eventos (como os bailes semanais do SESC), mas de diversos cursos, palestras, excursões, esportes, ginástica e de uma infinidade de atividades que a população mais jovem desconhece.

Há um trabalho integrado de secretarias de saúde, educação, assistência social, conselhos municipais, áreas acadêmicas da UFJF, dentre outros setores, no sentido de avaliar e implementar programas de atendimento à pessoa idosa. A existência desses programas ratifica os resultados das pesquisas do IBGE e as considerações de estudiosos do assunto, informações essas que foram mencionadas no início desse estudo.

3.3 Coleta dos dados

A coleta de dados, para essa investigação, foi dividida em duas fases. A primeira pela aplicação do questionário de evocação livre, que constou de várias seções. Na primeira parte, solicitamos as características do respondente, tais como se ele é aposentado; se trabalha; caso não trabalhe, se pensa em retornar e por quê; se faz algum curso; a idade; o sexo; a formação; se tem computador em casa e para que usa; as vantagens e dificuldades do computador; as exigências do mercado de trabalho para o trabalhador (Anexo A).

Na segunda parte, aplicamos a técnica de associação de palavras, utilizando as palavras indutoras (Estímulos) A- mercado de trabalho, B- computador e C- curso. De acordo com a técnica, enunciamos o estímulo e o respondente deveria escrever as três primeiras palavras que lhe vinham à mente ao ouvir a expressão. A seguir, pedimos que ele numerasse as palavras escritas (de 1 a 3) por ordem de importância, da mais importante para a menos importante. Em um terceiro momento, pedimos que justificasse as três escolhas (palavras evocadas). Por último, o respondente deveria justificar a hierarquização feita por ele.

Após o processamento dessas informações no programa de *software* EVOC, foram levantados os significados atribuídos pelos sujeitos, elementos semânticos que foram separados em possíveis núcleos centrais e elementos periféricos, de acordo com a teoria das representações sociais. De posse da análise desses dados coletados pelos questionários, agendamos a segunda fase da pesquisa que se constituiu da discussão desses resultados num fórum composto por 5 pessoas as quais avaliaram a temática do retorno escolar para as pessoas entrevistadas perante o contexto da cibercultura, pela técnica do grupo focal.

A coleta dos dados, que se caracterizou pelas duas etapas acima descritas, foi realizada no período de agosto de 2010 a maio de 2011. Em seguida, discorreremos acerca da operacionalização das técnicas escolhidas para a presente investigação.

3.3.1 Técnica da Evocação Livre

A abordagem estrutural das representações sociais por meio da teoria do núcleo central tem sido foco de várias pesquisas, não só no âmbito da Psicologia Social como também em várias áreas do conhecimento. A teoria do núcleo central foi introduzida em 1976 por Jean-Claude Abric como uma proposta de pesquisa experimental, por meio da tese de *Doctorat d'État* de Jean-Claude Abric – *Jeux, conflits ET représentationssociales – na* Université de Provence.

Segundo Abric (1994, p.19), "não apenas os elementos da representação são hierarquizados, mas, além disso, toda representação é organizada em torno de um núcleo central, constituído de um ou de alguns elementos que dão à representação o seu significado". Abric, então, propõe a utilização de métodos que possibilitem fazer o levantamento dos elementos que constituem a representação. Por meio desses métodos é possível também conhecer como se organizam esses elementos e delimitar o núcleo central da representação, observando a centralidade e a hierarquia desses elementos.

Ao lado do núcleo central, cujo papel é de extrema importância para a definição do significado de uma representação social, Abric (1994, p.79) identificou também a presença de elementos periféricos. Essas duas características da representação, segundo o autor, estão ligadas à própria estrutura da representação. Se por um lado, as representações são estáveis e rígidas, por outro, são móveis e flexíveis. Se são consensuais, também se caracterizam por diferenças interindividuais. A teoria do núcleo central propõe lidar com essas contradições pelo estabelecimento de sistema interno duplo em que as partes se complementam. O "sistema central" seria "normativo" enquanto o "sistema periférico" seria "funcional". E é pelo aspecto funcional, móvel e flexível do sistema periférico que a representação ancora-se "na realidade do momento".

Sá (1996, p.107) discorre sobre os métodos disponíveis para a coleta de dados utilizados por Abric.

> Quanto ao levantamento do conteúdo da representação, o autor distingue duas grandes famílias de método: os interrogativos, dentre os quais lista a entrevista, o questionário, os desenhos e demais suportes gráficos; os métodos associativos, que incluem as evocações ou associações livres, os mapas associativos etc. Tais métodos não são obviamente

> específicos da pesquisa das representações segundo a teoria do núcleo central, e sua utilização no levantamento inicial dos conteúdos segue as mesmas orientações, e precauções técnicas gerais.

Nossa pesquisa pautou-se, na primeira etapa, pela aplicação do teste de associação livre, por considerarmos que essa técnica atendia adequadamente ao que nos propusemos. Explicita Sá (1996, p.115) que:

> A associação ou evocação livre, considerada por Abric (1994d) como "uma técnica maior para coletar os elementos constitutivos do conteúdo de uma representação" (p.66), consiste em se pedir aos sujeitos que, a partir de um termo indutor (normalmente, o próprio rótulo verbal que designa o objeto da representação) apresentado pelo pesquisador, digam as palavras ou expressões que lhes tenham vindo imediatamente à lembrança.

Nesse sentido, Sá (*idem*) cita as considerações de Abric acerca do teste de associação livre, evidenciando que, de acordo com o autor, o pouco controle e a espontaneidade desse tipo de produção permitem um acesso mais fácil e mais rápido aos elementos que compõem o universo semântico do termo ou objeto da pesquisa. Essa técnica possibilita a atualização dos elementos que estão implícitos, perdidos ou mascarados nos discursos.

Para a primeira etapa da pesquisa, foi aplicada a técnica do questionário de evocação livre para 50 pessoas a partir de 55 anos. Essa técnica é muito utilizada em pesquisas no campo das representações sociais, para levantar os possíveis elementos do Núcleo das representações e os elementos periféricos e explicitar as significações que os sujeitos elaboram do objeto. Na aplicação do questionário de evocação livre, foram estabelecidas expressões indutoras que procuramos adaptar ao cotidiano desses sujeitos. Foram utilizados três estímulos indutores, em três etapas do questionário: estímulo 1-mercado de trabalho; 2-computador; 3- curso. Os sujeitos entrevistados deveriam escrever nos espaços as três primeiras palavras que lhes viam à mente para cada estímulo. A seguir, deveriam numerar essas palavras de 1 a 3, hierarquizando-as conforme sua visão. Após esse procedimento, deveriam justificar cada uma dessas palavras, na ordem por eles estabelecida. Finalmente, justificariam essa hierarquização.

Algumas observações curiosas podem ser pontuadas. A aplicação das entrevistas mediadas pelos questionários de evocação livre levou um tempo maior do que o previsto. Os sujeitos entrevistados, com raras exceções, narravam toda a sua trajetória de vida, as dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho, as inúmeras motivações para buscarem a escolarização e para a continuidade do exercício da profissão. Até mesmo questões pessoais vinham à tona, ocasião em que alguns idosos, independentemente da classe social, idade, sexo

ou grau de escolarização, evocavam também fatos ligados ao passado e ao percurso de toda uma vida de lutas e conquistas.

Em relação ao preenchimento do questionário, observamos que os homens demoravam tempo menor que as mulheres para responderem às questões. As mulheres, de modo geral, eram mais detalhistas. Outro fato a ser destacado é que quanto maior era o grau de escolaridade do sujeito, maior era o tempo gasto para as respostas. Parece que havia, nesse caso, uma maior preocupação com a elaboração das respostas. A previsão do tempo de duração de cada entrevista era de no máximo 1h. Na maioria dos casos, contudo, o processo durava de 1h e 30 mina 2 horas.

Outro fato interessante observado diz respeito à numeração das palavras evocadas pelos sujeitos a partir da palavra dada como estímulo. Ao responderem a primeira parte, que se referia ao mercado de trabalho, geralmente, os sujeitos evocavam as três palavras que lhes vinham à mente fora de uma sequência, de uma ordenação, já que desconheciam a questão seguinte que solicitava um ordenamento do tipo (1-2-3) para os termos evocados. Já na segunda parte (referência a computador) e na terceira fase (curso), os sujeitos tendiam a pensar mais e a organizar as palavras já na sequência, antecipando o que se pedia na questão seguinte. Curiosamente, essa antecipação estava mais presente nas evocações dos sujeitos com maior escolarização.

Julgamos necessário estarmos atentos ao teor das palavras, levando em conta as expressões que os sujeitos utilizam no seu dia a dia, para apreender seu significado. Em relação ao estímulo 2- computador, por exemplo, pudemos observar que, para os entrevistados que disseram não possuir o equipamento em casa nem o domínio de conhecimentos básicos sobre ele, o termo soa como algo não familiar, estranho, e acaba, em alguns casos, por evocar expressões diferentes que precisam ser compreendidas pelo pesquisador. Daí a importância de o pesquisador não somente solicitar a justificativa da expressão evocada como também acompanhar o raciocínio desenvolvido pelo entrevistado para compreender, no momento da interação face a face, o significado que o entrevistado atribui ao termo. Dessa forma, estivemos atentos, também, para a análise processual das representações dos sujeitos, a partir da ancoragem e da objetivação que podem explicar as gêneses das representações. Segundo Jodelet (1989, p. 35),

> quando a novidade é incontornável, à ação de evitá-la segue-se um trabalho de ancoragem, com o objetivo de torná-la familiar e transformá-la para integrá-la no universo de pensamento preexistente. Este é um trabalho que corresponde a uma função

> cognitiva essencial da representação e capaz também de se referir a todo elemento estranho ou desconhecido no ambiente social ou ideal.

É interessante observarmos como se dá esse processo de ancoragem a partir da construção de uma rede de significados estabelecidos pelos sujeitos, em especial, sobre o termo "computador"[5].

E29, por exemplo, ancorou os seguintes termos: 1- Nosso companheiro; 2- Tem que existir; 3- Não somos nada sem ele. Nas justificativas, E29 considerou, respectivamente: "porque hoje é o computador que fala mais alto"; "O nosso meio de comunicação é ele"; "Hoje tudo que precisamos, encontramos no computador". Nesse caso, o sujeito, nas evocações livres, ancorou, em relação ao objeto, significados até mesmo de caráter afetivo: "companheiro", "não somos nada sem ele". Houve uma tentativa de tornar o elemento "estranho" "familiar". Segundo Jodelet (1989, p.26), "Mas é preciso dizer: as representações sociais devem ser estudadas articulando-se elementos afetivos, mentais, e sociais".

Para a autora, esse conhecimento ingênuo, como o que pudemos apreender dos questionários, não deve ser desprezado como sendo falso, pois seria, na verdade, um conhecimento "outro", diferente do científico, posto que é legitimado pelas práticas sociais. E38 evocou,1-caixa eletrônico; 2-é bom; 3- ele não aceita erro. Justificou, respectivamente, que "Porque é o que a gente usa mais"; "É bom para memória, fazer pesquisa"; "Se erramos nós dançamos". É interessante que, pelo processo de objetivação, os sujeitos procuraram transformar um conceito ou uma ideia em algo concreto. Considerar como número 1 "caixa eletrônico" é um exemplo desse processo. Pelos significados evocados por E38, notamos que os 3 termos evocados expressam sua realidade, seu cotidiano.

Moscovici (1978) descreve dois processos, de caráter ao mesmo tempo cognitivo e social, que formam a representação: a objetivação e a ancoragem. Esses processos têm por função destacar uma figura e atribuir-lhe um sentido. A objetivação é, segundo a teoria das representações, a transformação de um conceito ou de uma ideia em algo concreto, por meio da organização de um núcleo ou esquema figurativo. Esse núcleo tem a propriedade de absorver o excesso de significações e coordenar os elementos da representação. Esse esquema figurativo é considerado real para aqueles que o criam. Por esse processo, essas significações são ancoradas em um sistema de valores e de crenças que o grupo traz.

---

[5] Os questionários foram numerados de 1 a 50 para o processamento do programa EVOC. Utilizamos essa numeração para discutir as ideias expressas pelos sujeitos.

É o que o grupo de idosos entrevistados procurou fazer, principalmente em relação à novidade trazida pelas novas tecnologias. Como pudemos verificar, por meio das respostas, os significados evocados em torno do objeto computador realmente expressam o processo de ancoragem em que os sujeitos tentaram classificar e rotular o objeto (Moscovici, 1984), criando uma rede de significações em torno dele, relacionando-o aos valores e práticas sociais partilhadas pelo grupo.

E27 evocou: 1- ter prática; estar informatizada; saber manusear. Nas justificativas: "O mercado de trabalho exige"; "Hoje em dia a pessoa deve estar informatizada"; "Isso é uma exigência do trabalho".

E30 evocou: 1- máquina diferente; domínio; útil. Nas justificativas: "Porque eu nunca tinha visto antes. Em 2003, trabalhava como boia-fria e aos sábados eu fazia curso de computador"; "Porque mesmo a gente sabendo ele, a gente acaba sendo dominado por ele sem a gente saber, porque tem coisas que a gente não entende"; "Porque, por exemplo, se eu não tenho outro tipo de trabalho, eu vou escrever um trabalho mais rápido, enviar um trabalho ao invés de usar o correio". Essa "máquina diferente" transmite a ideia de que o respondente está tentando se apropriar de um significado novo para ele, dessa forma, ele tenta rotulá-lo, classificá-lo, enfim, transformá-lo em algo familiar, destacando-se a figura e atribuindo-lhe um sentido.

Pudemos, portanto, confirmar, também pela abordagem processual das representações, a hipótese de que os sujeitos da pesquisa representam as novas tecnologias, o computador, o retorno escolar, o mercado de trabalho, tentando criar uma rede de significado para compreender esse novo panorama que se lhes apresenta de mudanças no contexto da sociedade marcada pelas demandas da cibercultura.

3.3.2 Técnica do Grupo Focal

Num segundo momento dessa investigação, houve a formação de grupos focais com 5 idosos (aqueles que se mostraram mais disponíveis e interessados) que foram convidados a discutir os significados que foram levantados no teste de evocação livre. Foi estabelecida, aproximadamente, 1h 30min. para essa atividade.

Trabalhamos com a gravação das falas durante todo o debate. A técnica do grupo focal tem crescido nos últimos anos em vários campos de pesquisa, principalmente no campo

da investigação qualitativa voltada para a educação. Caracteriza-se por ser um tipo de modalidade de entrevista realizada em grupos de discussão. Um tema é sugerido pelo pesquisador e será discutido, normalmente, por grupos pequenos. Segundo Godim (2002), Gatti (2005), Minayo (2000), Roso (1997), Smeha (2009), dentre outros, essa técnica é muito importante em pesquisas de cunho qualitativo, principalmente, quando combinada com outras técnicas, tais como a observação, questionários semiestruturados, na evocação livre, dentre outros, tendo em vista que ela permite o aprofundamento de discussões por meio de pontos de vista diversos captados nas intervenções do grupo.

Nesse sentido, a escolha da técnica do grupo focal é perfeitamente adequada ao nosso estudo, posto que, ao lado do levantamento dos significados evocados pelos sujeitos por meio do questionário individual de evocação livre, que permitiu apreender as representações sociais do retorno escolar, permitiu maior profundidade na apreensão dos significados levantados e esclarecer pontos que não ficaram claros. O debate suscitado pelo grupo focal presta-se a compreender, pela fala dos sujeitos, as contraposições, as situações de divergência e as controvérsias do discurso de persuasão que foi analisado, utilizando-se o Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA).

Conforme esclarece Morgan (1998), durante a década de 20, a técnica foi empregada por alguns cientistas sociais em forma de questionários de pesquisa de opinião pública. Mais tarde, no período que vai da Segunda Guerra até a década de 70, foram realizadas pesquisas, empregando-se os grupos focais, voltadas para o *marketing*. A partir de 1980, o emprego dos grupos focais passou a abranger diferentes campos de pesquisa. A técnica do grupo focal tem sido empregada, principalmente, para a percepção de crenças e percepções dos sujeitos em pesquisas qualitativas.

Gatti (2005) mostra que a técnica é importante quando se pretende compreender as divergências e as contradições que emergem das opiniões sobre um determinado tema. Portanto, quem debate e analisa o tema é o próprio grupo. É, na verdade, um conhecimento que também se constrói na interação possibilitada pelo grupo. Sob esse aspecto, mesmo as opiniões individuais são analisadas tendo como referência o grupo. Nesse sentido, os dados a serem analisados surgem do contexto de interação grupal e as hipóteses levantadas na técnica de evocação livre, primeira etapa, podem ser mais bem fundamentadas por meio da aplicação do grupo focal, num processo de triangulação de dados para conferir credibilidade e validade para a pesquisa.

Para Gatti (2005), a vantagem dessa técnica é que se consegue uma quantidade significativa de dados em pouco tempo e pontos de vista diversos que estão ancorados no cotidiano dos sujeitos que fazem parte do grupo. Segundo Berger (1995), esse tipo de entrevista coletiva tem o propósito de descobrir o que cada membro do grupo pensa sobre o tópico em discussão, com o objetivo de obter a opinião e a descrição dos comportamentos. O que se pretende, na visão do autor, é o levantamento das controvérsias e não construir um consenso entre os participantes.

De acordo com a técnica aplicada, os participantes do grupo deram a sua opinião sobre o assunto, com o intuito de se buscar conhecer "o que" e "por que" os participantes pensam de determinada maneira. Um dos objetivos desse tipo de interação é a aquisição de dados e descobertas que são mais fáceis de serem produzidos por meio do debate do que por meio de outra técnica. As características do grupo focal são a possibilidade de se ouvir um grupo homogêneo, sob algum ponto de vista: seja em termos de classe social, idade, diferenças culturais etc., pequena duração de tempo (em torno de 1 hora e 30 minutos), a partir da formação de um grupo com 5 a 8 participantes mediado por um coordenador.

Para o nosso debate, foram convidadas 9 pessoas, conforme sugestão da orientadora, contando com as desistências ou imprevistos de última hora. Puderam comparecer apenas 5 sujeitos, numa tarde de domingo, após o adiamento de um encontro agendado para a semana anterior. O debate, com duração de aproximadamente 1h e 20 min., girou em torno dos resultados levantados pelo programa EVOC acerca dos questionários de evocação livre.

3.4Análise dos dados

Antes de traçarmos um panorama sobre como se deu a análise dos dados no presente estudo, é importante discutirmos algumas considerações a respeito de como essa análise é compreendida por alguns pesquisadores do campo das representações sociais. Na visão de Spink (2008, p.141), a interpretação dos dados:

> define o "olhar possível" que incide sobre o dado, olhar este que tem seus limites na *episteme*, entendida na vertente foucaultiana como "algo como uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que imporia a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados, um estágio geral da razão, uma certa estrutura do pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época – grande legislação escrita, definitivamente, por mão anônima" (Foucault, 1987: 217). Lembrando, entretanto, que, para Foucault, a *episteme* "não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade

> soberana do sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas ao nível das regularidades discursivas" (*op. cit*. p.217).

É interessante essa definição de interpretação que foge à concepção cartesiana da análise interpretativa. Para Spink (2008, p.142), que se sustenta uma visão foucaultiana, a interpretação provoca o debate em torno da objetividade da atividade científica centrada na hermenêutica. Relativiza as versões ou interpretações, já que, segundo a autora, não existe uma única interpretação ou nenhuma garantia de que a escolhida é mais verdadeira que as demais. Segundo a autora, "A escolha é regida, sem dúvida, por opções teóricas que antecedem e mesmo determinam as interpretações. Já a validade pertence à esfera da intersubjetividade; não na busca do consenso acalentador". Acreditamos que o sujeito quando fala tem diferentes intenções e que as ambiguidades que deixa em seu discurso não são ocasionais ou defeitos da linguagem, mas necessárias aos vários sentidos que evoca. A interpretação é sempre um dos diferentes pontos de vista que se pode adotar, estes determinados pelo objetivo da pesquisa, outros são possíveis, já que não é possível alcançar a totalidade dos significados evocados.

Em pesquisas qualitativas, na visão de Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.170), um grande volume de dados é gerado e esses precisam ser organizados e compreendidos. Para os autores,

> Isto se faz através de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. Este é um processo complexo, não linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados, que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação. À medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando (...) identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões/ ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de "sintonia fina" que vai até a análise final.

As pesquisas qualitativas no campo das representações sociais, pela sua complexidade, requerem esse processo de interpretação. Nosso estudo trabalhou com diferentes técnicas, gerando muitos dados significativos, conforme explicitado pelos autores, posto que analisou o caráter estrutural e processual das representações, além de discutir pontos observados durante a coleta dos dados, bem como as falas dos sujeitos a partir da técnica do grupo focal.

Conforme explicitado anteriormente, a análise dos dados dessa pesquisa compreendeu duas etapas, a primeira, pela análise dos resultados do teste de evocação livre. Dessa análise, pudemos discutir não somente os resultados a partir da abordagem estrutural proposta por

Abric (1994) pelo levantamento do núcleo central das representações e dos elementos periféricos. Nossa intenção também foi a de aplicarmos uma análise processual, discutindo os processos de objetividade e ancoragem utilizados pelos sujeitos na elaboração das representações sobre o retorno escolar vinculado ao mercado de trabalho no contexto da cibercultura.

O segundo tipo de análise constituiu-se da interpretação das falas dos sujeitos submetidos à técnica do grupo focal. O debate suscitado pela aplicação dessa técnica, que teve como ponto de partida os resultados levantados pelo *software* EVOC, forneceu um rico material para ser discutido com a utilização do Modelo de Estratégia Argumentativa. Foram analisados os discursos e as estratégias de persuasão utilizadas pelos sujeitos em torno do objeto de estudo.A criação do *software* EVOC foi fruto de pesquisas no campo da teoria do núcleo central. A partir dos estudos de Abric (1994), utilizando o método de associação livre para levantamento dos elementos do núcleo central, Pierre Vergès propôs a técnica que:

> além de combinar a frequência de emissão das palavras e/ou expressões com a ordem em que estas são evocadas, busca, segundo Abric (*op. cit.*), "criar um conjunto de categorias, organizadas em torno desses termos, para assim confirmar as indicações sobre seu papel organizador das representações" (SÁ, 1996, p.116).

De acordo com a análise do questionário de evocação livre, calculou-se a ordem média de evocação de cada palavra com a média das ordens em que ela fora evocada pelos diversos sujeitos. Atribuiu-se peso "1" a uma evocação em primeiro lugar, peso "2" quando se tratava da segunda evocação do sujeito, e peso "3" para a terceira evocação, de acordo com a hierarquização feita pelo próprio respondente (Sá, 1996, p.117). Explicita Sá que:

> A combinação desses dois critérios, frequência de evocação e ordem média de evocação de cada palavra, possibilita assim o levantamento daquelas que mais provavelmente pertencem ao núcleo central da representação, por seu caráter prototípico, ou, nos termos de Moliner (1994), por sua saliência.

No quadro a seguir, "a partir da interseção da frequência média de evocação do inteiro conjunto de palavras com a média das suas respectivas ordens médias de evocação, foram definidos quatro quadrantes que conferem diferentes graus de centralidade às palavras que os compõem" (Sá, 1996, p.117). A figura abaixo mostra os quatro quadrantes.

Figura 1 – Média das médias ponderadas por ordem de evocação e média da frequência das palavras para identificação do núcleo central, dos elementos intermediários e do sistema periférico

Disponível em <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev18/paredes_oliveira.htm>
Acesso em 02 de junho de 2011.

As tabelas, a seguir, mostram os resultados obtidos por nossa pesquisa, tendo como palavras indutoras 1- mercado de trabalho; 2- computador; 3- curso.

Tabela 3 - **Mercado de Trabalho**: Núcleo central, os elementos intermediários e os periféricos.

NÚCLEO CENTRAL	**F**	**OME**	**ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS**	**F**	**OME**
Capacitação	19	1,895	Competitividade	8	2,250
Experiência	7	1,714	Renda	11	2,091
ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS			**ELEMENTOS PERIFÉRICOS**		
Competência	6	1,333	Exigência	4	2,250
Conhecimento	6	1,667	Oportunidade	6	2,167
Emprego	4	1,500			

Ordem Média de Evocações (OME)
Frequência (F) de evocação

Pelos resultados expostos na Tabela 3, referente a mercado de trabalho, nossa hipótese é de que os possíveis elementos do núcleo central, que aparecem no quadrante superior esquerdo, são capacitação e experiência. “Capacitação” teve 19 ocorrências - Frequência (F) e 1,895 de Ordem Média de Evocações (OME), ou seja, elemento considerado importante pelo cálculo da média de frequência com a ordem média de evocação. “Experiência”, em se tratando de mercado de trabalho, teve 7 de frequência e 1,714 de Ordem Média de Evocações; também está entre os elementos que comporiam o núcleo central.

Os elementos intermediários, que fazem parte do quadrante inferior esquerdo e do quadrante superior direito, assim são chamados porque estão mais próximos do núcleo em termos de F e OME. “Competência”, “conhecimento”, “emprego”, “competitividade” e “renda” são os elementos que fazem parte da periferia, na condição de intermediários. Os elementos periféricos propriamente ditos estão no quadrante inferior direito por se constituírem por aqueles evocados com menor frequência e estarem mais distantes do núcleo central. Fazem parte da periferia os elementos “exigência” (4) e “oportunidade” (6). Embora o elemento “oportunidade” tenha sido mencionado 6 vezes, a OME se encontra longe de 1 (2,167), ou seja, na média não foi considerada mais importante.

Tabela 4 - **Computador**: Núcleo central, os elementos intermediários e os periféricos.

NÚCLEO CENTRAL	**F**	**OME**	**ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS**	**F**	**OME**
Conhecimento	10	1,900	Comunicação	7	2,000
Pesquisa	8	1,750	Internet	8	2,250
ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS			**ELEMENTOS PERIFÉRICOS**		
Informação	6	1,000	Agilidade	5	2,400
Máquina	4	1,500	Capacitação	5	2,000
			Comodidade	4	2,750
			Diversão	6	2,833
			Facilidade	5	2,600
			Necessidade	4	2,000

			Praticidade	4	2,000
			Rapidez	5	2,400

Ordem Média de Evocações (OME)
Frequência (F) de evocação

Em relação ao estímulo indutor “computador”, os elementos de maior saliência foram “conhecimento” (10) e “pesquisa” (8). “Conhecimento” teve como ordem média de Evocação (1,900) e “pesquisa” (1, 750). Portanto são, hipoteticamente, parte do núcleo central pelo cruzamento da Frequência com a Ordem Média de Evocação.

No sistema periférico, os que supostamente compõem os intermediários são “informação” (6), “máquina” (4), “comunicação” (7) e “internet”(8). A categoria “informação” foi considerada importante pelos que a evocaram em virtude da combinação da OME com F. Os que compõem o sistema periféricos são “agilidade” (5), “capacitação” (5), “comodidade” (4), “diversão” (6), “facilidade” (5), “necessidade” (4), “praticidade” (4) e “rapidez” (5). Como se pode observar, esses elementos do quadrante inferior direito estão mais distantes do núcleo central.

Tabela 5 - **Curso**: Núcleo central, os elementos intermediários e os periféricos.

NÚCLEO CENTRAL	**F**	**OME**	**ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS**	**F**	**OME**
Capacitação	29	1,759	Renda	10	2,400
Conhecimento	17	1,647			
Satisfação	7	1,857			
ELEMENTOS INTERMEDIÁRIOS			**ELEMENTOS PERIFÉRICOS**		
Aprendizagem	6	1,333	Crescimento	4	2,500
			Melhoria	6	2,167

Ordem Média de Evocações (OME)
Frequência (F) de evocação

Para a palavra “curso”, os elementos mais salientes foram “capacitação” (29), “conhecimento” (17) e “satisfação” (7) e, por isso, fazem parte, hipoteticamente, do núcleo central. “Aprendizagem” (6) e “renda” (10) constituem os elementos intermediários. Embora “renda” tenha tido F (10), para o estímulo “curso”, sua OME está em (2,400), por isso, de acordo com o cálculo dos mesmos, a categoria “renda” não se enquadraria no núcleo central. “Crescimento” (4) e “melhoria” (6) são, hipoteticamente, os elementos que constituem o sistema periférico.

Abric (1994) afirma que, na condição de para-choque, a periferia da representação seria a intermediária entre uma realidade que questiona a representação e um núcleo central que resiste às mudanças. Os esquemas periféricos teriam o papel de absorver esses desacordos da realidade, garantindo que a estabilidade (relativa) da representação se mantivesse. Isso faz com que ela não se desestruture. Na verdade, esses desacordos não se dão diretamente no núcleo central. Explica o autor que, se isso ocorresse, as representações estariam em constante transformação, o que não acontece.

Como pudemos perceber, a representação de mercado de trabalho, para os respondentes, tem em seu núcleo central as categorias capacitação e experiência; para computador, conhecimento e pesquisa; para o objeto curso, as categorias conhecimento e satisfação. Identificados esses elementos do núcleo central, compreendemos que essas categorias são aquelas que podem ser consideradas cognições centrais. Segundo Abric (1994), o Sistema central das representações está ligado à memória coletiva e à história do grupo, é consensual, define a homogeneidade do grupo, é estável, coerente e rígido. Esse sistema também é pouco sensível ao contexto imediato, por isso resiste às mudanças, e tem por função gerar a significação da representação ao mesmo tempo em que determina sua organização.

É o que pudemos perceber pelas respostas dos respondentes. Essas categorias foram recorrentes, mesmo em alguns casos em que o respondente as evocava em sua fala e não as registrava no papel.

Já o Sistema periférico, de acordo com o autor, vai possibilitar a integração das experiências e histórias individuais. Suporta as heterogeneidade do grupo e as contradições, é flexível e evolui, mostra-se sensível ao contexto imediato. Como funções, tem um caráter adaptativo em relação à realidade concreta, possibilita a diferenciação do conteúdo e, acima de tudo, protege o Sistema central.

Conhecidas as expressões que compõem cada uma das regiões, foi necessário ainda verificar que sentidos os respondentes atribuíram a elas nas suas justificativas, o que será apresentado no capítulo seguinte.

3.4.1. Análise argumentativa

Para a análise dos dados, foi utilizada a teoria da argumentação por meio do Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA). O MEA baseia-se na Teoria da Argumentação e é proposto por Castro (1997) e Castro e Frant(2011). O presente trabalho se valeu desse modelo para proceder à análise dos discursos argumentativos dos sujeitos em interação no grupo focal. Os dados da pesquisa foram organizados em teses e argumentos e, a eles, aplicada a tipologia fundamentada na Teoria da Argumentação.

A Estratégia Argumentativa é um tipo de análise que busca encontrar os sentidos implícitos nos discursos e explicar de que maneira estes se organizam nas interações entre os sujeitos. Esses significados, para Perelman e Olbrecht-Tyteca (1992), são estabelecidos por meio de negociações e acordos que são compartilhados pelos membros de um determinado grupo social. Por essa razão, as técnicas da retórica são utilizadas pelos indivíduos, ainda que de forma inconsciente, com o objetivo de persuadir.

O MEA visa explicar esses momentos de negociação e analisar a eficácia ou não desses argumentos. Segundo Mazzotti (2008), há confluências entre a teoria da argumentação e a pesquisa no campo das representações sociais. A utilização das técnicas retóricas permite perceber o que os indivíduos e os grupos desejam e sentem em situações as mais diversas por meio das representações do mundo e das coisas que as rodeiam.

3.4.2 Da Retórica ao Modelo de Estratégia Argumentativa

Até o início do século passado, as discussões distinguiam o conhecimento científico de outros tipos de conhecimento como sendo aquele superior aos demais, baseando-se no empirismo lógico. Essa visão partia da lógica e da matemática como instrumental para explicar determinados fenômenos. Nesse sentido, a observação e a testagem empírica davam garantias do conhecimento, e as teorias, as leis e as regras eram construídas indutivamente.

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000), todas as discussões que se fazem presentes ao longo dos anos no sentido de se repensar a crença na objetividade e racionalidade da ciência foram importantes para o âmbito da pesquisa. Na visão desses autores, a chamada "crise dos paradigmas" que opõe o Empirismo Lógico e a Teoria Crítica, contribui, na década de 70, para o aparecimento das metodologias qualitativas. Na ciência contemporânea, na visão desses autores, não há mais espaço para os critérios tradicionais de se conceber ciência.

A lógica empirista tem sido vista como insuficiente para explicar certos fenômenos que, de acordo com as teorias sociais, dependem das características dos grupos sociais. Ainda a ciência calcada na lógica positivista é criticada por operar com cálculos e provas apodídicas, negligenciando o estudo dos meios que comprovam as teses. As pesquisas sobre os fenômenos educacionais, segundo Ludke e André, receberam influência das evoluções das ciências humanas e sociais. Para a pesquisadora,

> por muito tempo, elas procuraram seguir os modelos que serviram tão bem ao desenvolvimento das ciências físicas e naturais, na busca da construção do conhecimento científico do seu objeto de estudo. Assim, tal como naquelas ciências, o fenômeno educacional foi estudado por muito tempo como se pudesse ser isolado, como se faz com um fenômeno físico, para uma análise acurada, se possível feita em um laboratório, onde as variáveis que o compõem pudessem também ser isoladas, a fim de se constatar a influência que cada uma delas exerceria sobre o fenômeno em questão (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 3).

Todavia, de acordo com as autoras, os estudos na área da educação, com o passar dos anos, foram se modificando, pois os pesquisadores perceberam a "fluidez dinâmica" dos fenômenos estudados, ou seja, a evidência de que esses fatos não se encontram isolados no tempo e no espaço. Na década de 1970, os pesquisadores se mostravam insatisfeitos com o tipo de investigação tradicional que se fazia em nosso país, fruto da concepção positivista "para a qual o método de estudo dos fenômenos sociais deveria aproximar-se daquele utilizado pelas ciências físicas e naturais" (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.6). Segundo acreditava-se, deveria existir um isolamento do pesquisador e o objeto de estudo para que se impedisse a influência de seus valores e ideias, princípios e pressuposições, permitindo-se, desse modo, uma perfeita objetividade, para que o conhecimento se fizesse de forma transparente. Esse raciocínio é constatado também por Mazzotti (2006). O autor explicita que o programa de unificação das ciências, encabeçado pelos estruturalistas,

> considerava que língua fosse uma máquina não física, uma máquina matemática, um cálculo. Assim considerando, não há ator social, não há sujeitos, uma vez que as ações dos homens são o resultado de um processo para além ou aquém do humano e decorrem

> da estrutura. Opõe-se à concepção que sustenta que o homem fala a língua, bem como a uma maneira de ver, mais nuançada, a que afirma que o homem fala e é falado pela língua (MAZZOTTI, 2006, p.543).

De acordo com essa concepção, a teoria do conhecimento que se apresenta como humanista não afasta o homem de seu objeto de estudo. E esse sujeito não é substituído por cálculos. Segundo Mazzotti (2006, p.549), "o homem é um animal político, quando responsável por seu discurso". Na visão do autor, é possível recorrer à retórica para se tratar a filosofia da educação, com o objetivo de superar a "dispersão epistemológica" em que se encontram as Ciências do Homem. Dessa forma, no século XX, a filosofia dos valores recebe atenção, o que contribui para o estudo da teoria da argumentação. Ela nasce como expansão da lógica formal, que reduzia a demonstração a operações lógicas que independem da adesão à verdade das proposições, os axiomas sendo admitidos por evidência ou imposição.

Diante dessa insuficiência da ciência de fornecer critérios mais universais, de estabelecer as premissas dos silogismos com que opera e de propor uma lógica específica para os valores, surge a necessidade de se resgatar o pensamento aristotélico para a criação de critérios objetivos de valores. Historicamente, a dialética e a retórica foram utilizadas para tratar das controvérsias de juízos de valor em todos os campos do conhecimento.

A retórica ganha então força, ainda no final da primeira metade do século XX, reabilitando o método que trabalha com raciocínios persuasivos, e esses estudos têm sido de grande influência para a pesquisa de várias áreas do conhecimento, principalmente no campo filosófico, das ciências sociais e na educação. Segundo Mazzotti (2006), a questão da confiabilidade de conhecimentos exige que se compreendam as razões defendidas pelos que julgam ser necessário que os juízos categóricos apresentem por premissas proposições indiscutíveis, claras e distintas. Daí a necessidade de se superar essa visão para que se possa garantir a racionalidade dos discursos cujos agentes sejam humanos, não os operadores lógicos característicos dos cálculos, resgatando a visão de que o propriamente filosófico é a problematicidade.

Perelman e Olbrecht-Tyteca (1992), ao proporem a Teoria da Argumentação, como resgate da retórica aristotélica, afirmam que:

> a lógica formal só pode raciocinar sobre as premissas do raciocínio a partir do momento em que as demonstra, partindo de outras proposições até chegar às proposições primitivas, ou seja, os axiomas dos sistemas, os quais serão admitidos quer pela evidência que os impõe a todos, quer a título de hipóteses. Mas a partir do momento em que se trata de indicar as razões não constringentes em favor de suaaceitação ou para recusa, deixa-se o campo das provas demonstrativas, portanto da lógica formal, para

> entrar no da argumentação. Argumentar é fornecer argumentos, ou seja, razões a favor ou contra uma determinada tese(PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 1992, p.235).

Nesse sentido, percebe-se que a retórica é extremamente relevante para a análise das teorias da educação. E, ao contrário do que muitos supõem, a retórica não derruba a lógica, mas a complementa, tendo em vista que ela, por meio dos conceitos de orador, auditório e discurso argumentativo e persuasivo, vem analisar e discutir as controvérsias no que diz respeito à eficácia e eficiência – efetividade – dos atos dos educadores, políticos e artistas em geral (Mazzotti, 2006).

A análise argumentativa, por meio do Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA), baseia-se na busca das estratégias que são utilizadas para convencer o outro através de argumentos. O MEA analisa situações em que os processos argumentativos ocorrem no interior das práticas sociais, especialmente situações em que se estabelece o diálogo na busca da análise das interações de outros. Nesse segundo tipo de situação, estabelece-se um diálogo entre quem analisa e o que é analisado. O jogo argumentativo dos analisados é posto em evidência e, ao mesmo tempo, os próprios argumentos do analisador são revelados para que seja sustentada sua interpretação.

O MEA revela os acordos, as controvérsias e a negociação. Ele permite a descrição dos argumentos construídos nas interações entre sujeitos, buscando os sentidos que estão implícitos nos discursos. Nesse caso, é necessário destacar-se um esquema argumentativo, tentando preencher os vazios que aparecem no interior das falas. Castro (1997, p. 83) explicita que “o que ocorre em geral é que esses esquemas agem sobre os interlocutores sem serem claramente percebidos e somente um trabalho de explicitação permite interpretar os esquemas intelectuais que eles utilizam ou sofrem”. Os acordos são as hipóteses que servem de base para o locutor construir sua argumentação e têm, como ponto de partida, as premissas que ele acredita serem admitidas pelo auditório.

Segundo Castro, existem dois tipos de argumentos que podem ser evidenciados em esquemas argumentativos: aqueles caracterizados por procedimentos de ligação e outros por dissociação.

> Procedimentos de ligação são esquemas que aproximam elementos distintos e permitem estabelecer entre eles uma solidariedade que visa a estruturá-los ou a valorizá-los positivamente ou negativamente, um através de sua ligação com o outro. Os procedimentos de dissociação são técnicas de ruptura que têm por objetivo dissociar, separar, *des-solidarizar*, elementos considerados como um todo ou, ao menos, como um conjunto solidário no seio de um mesmo sistema de pensamento. A dissociação terá por

> efeito modificar esse sistema ao alterar algumas noções que funcionam para ele como peças mestras (CASTRO, 1997, p.84).

Os argumentos fundados sobre a estrutura do real, por exemplo, apoiam-se sobre ligações entre as coisas e apresentadas como inerentes à natureza das coisas. É o caso das ligações de sucessão ou as de coexistência (relações do tipo causa/efeito). Outros tipos de ligação seriam os argumentos quase-lógicos (próximos dos raciocínios formais) e os argumentos que fundam a estrutura do real (criam novas relações entre as coisas). Segundo a teoria da argumentação, "toda ligação implica uma dissociação e vice-versa (CASTRO, 1997, p.84). Nesse caso, essas ligações podem ser utilizadas para dissociar as premissas. Segundo Perelman e Olbrecht-Tyteca (1992, p.256), "a argumentação graças a qual o dado é modificado pode dar ênfase sobre a ligação ou à dissociação que ela acaba de favorecer, sem explicitar o aspecto complementar que resultará da transformação procurada".

Segundo os autores, os argumentos que fundam a estrutura do real são aqueles que fazem uma generalização de um caso particular que se refere a um ser, acontecimento, relação ou deslocam para um outro contexto o que é admitido num domínio determinado. É o caso da utilização das analogias e metáforas, da citação de exemplos ou de modelos. Já os argumentos por dissociação são aqueles por meio dos quais se procura dar solução a uma incompatibilidade do discurso para se obter uma visão coerente da realidade. Diante de uma contradição, por exemplo, o orador procura construir argumentos de maneira a depreciar o que era até então um valor aceito, substituindo-o por outro conceito que esteja de acordo com o valor original.

As análises dos discursos empreendidas pelo MEA visam muito mais a intenção dos locutores de persuadir do que explicitar as significações de cada momento do discurso. E, nesse sentido, o contexto da enunciação é indispensável para que os acordos firmados pela argumentação sejam acessados. As escolhas que o orador faz são determinadas pelo contexto de enunciação. Mas, para Castro (1997, p.72), existe um complicador para as interpretações do discurso: as transcrições das falas não têm como recriar o contexto de enunciação; o fato é que as análises baseiam-se em "transcrições que negligenciam entonações expressivas que modificam as expressões utilizadas nas enunciações".

Sendo as interpretações caracterizadas por um conjunto de argumentos, este pode dar margem a novas interpretações e ser posto em questão. O papel da análise argumentativa seria o de recriar o contexto das enunciações na tentativa de tornar as interpretações mais completas. Afinal, não se pode perder de vista que a linguagem do dia a dia é ambígua,

determinada por regras de uso e pelos consensos que são firmados entre os indivíduos nas práticas sociais.

3.4.3 MEA

A operacionalização do MEA pode ser dividida em três etapas, conforme Castro; Frant(2011): 1. organização dos dados; 2. estudo comparativo dos dados - esboço de resultados – interpretação; 3.apresentação dos resultados. Esses três momentos, de acordo com as autoras, interpenetram-se.

Durante a organização dos dados, o material é conhecido, dividido e organizado. Podem ser utilizadas codificações, categorizações ou tipologias. Constitui-se o *corpus* de análise. Faz parte dos dados a serem analisados a descrição da atividade em que o sujeito está engajado. Os objetivos da pesquisa são revistos e compatibilizados com a metodologia de análise a ser utilizada. A análise dos dados inicia-se a partir do momento em que o *corpus* está disponível. O pesquisador deve ter em mente que ele poderá, nesse momento, colher aqueles fragmentos que são relevantes, tendo o cuidado, porém, de reduzir os que são redundantes ou que fugirem ao objetivo da investigação.

Outra orientação importante é que, escolhido o critério de codificação, ele deve ser observável no material colhido. É importante, também, estar preparado para verificar a ocorrência ou não de uma determinada categoria. Esse dado pode ser significativo. Um ponto a ser observado, de acordo com as autoras, é o fato de que a metodologia qualitativa deve adaptar a ferramenta ao contexto da pesquisa, podendo-se mesclar mais de um recurso. Nesse ponto, tanto Moscovici quanto Perelman admitem e defendem a pluralidade metodológica, conforme mencionado em capítulo anterior.

A nossa pesquisa utilizou dois recursos, a técnica da evocação livre e, numa segunda etapa, a técnica do grupo focal. A tipologia utilizada para proceder à organização e tratamento dos dados, de acordo com o MEA, está fundamentada nos conceitos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1992) e Perelman (1993).

Procuramos elaborar um esquema explicativo, após a análise das ocorrências encontradas nas falas dos sujeitos pesquisados, a partir do debate instaurado a partir do levantamento do núcleo central das significações e dos elementos periféricos apreendidos das

representações, buscando explicitar, de maneira clara e compreensível para os leitores, os resultados da investigação proposta. Seguindo a proposta de Castro; Frant (2011), pudemos confirmar que:

> Os dados, inicialmente desconectados, após o estudo devem ser transformados em resultados da pesquisa. Em qualquer situação de debate, existem diferentes intenções, a intenção de convencer, de persuadir um auditório é uma delas. Nessas situações, não há motivação para a manutenção do diálogo se não há controvérsia. Não se argumenta contra crenças que se mostram consensuais. Desse modo, o modelo da estratégia argumentativa busca destacar acordos e controvérsias(CASTRO; FRANT, (2011).

As interpretações obtidas a partir do levantamento dos significados que os sujeitos a partir dos 55 anos estabelecem do retorno escolar no contexto da cibercultura foram extraídas do discurso desses agentes, por meio do diálogo, das controvérsias, dos acordos e de outras estratégias argumentativas que serão evidenciadas no capítulo IV.

Conforme orientação das autoras, procuramos seguir o que elas denominaram **os dez passos do MEA.** Para compreender como os dados foram tratados e analisados no próximo capítulo, pontuamos algumas orientações:

> Resumidamente, a técnica inicia-se, numa primeira etapa, com a constituição do *corpus*. Em seguida, buscamos no texto respostas às perguntas da pesquisa, marcando as idéias centrais relacionadas aos objetivos. Posteriormente, buscamos argumentos no interior do discurso dos sujeitos e os organizamos de modo que a formar uma sequência coerente. Estudamos as possíveis oposições destacadas pelos autores. Interrogamos o texto de cada autor. Montamos esquemas, fazemos interpretações e buscamos evidências para as interpretações no próprio discurso (CASTRO; FRANT, 2011).

Sem dúvida, para que chegássemos à interpretação dos discursos, mediante a articulação do MEA e a teoria das representações sociais, buscamos seguir os dez passos sugeridos pelas autoras, a saber:

1) A **leitura exaustiva;**
2) **A constituição do corpus de análise;**
3) **A localização das controvérsias;**
4) **Aenunciação das teses do locutor;**
5) **A busca dosargumentos utilizados;**
6) **A aplicação datipologia de análise;**
7) **Amontagem de esquemasreferentes ao discurso;**
8) **Ainterpretação;**

9) **A busca pelasevidências da interpretação;**

10)**A Utilização de critérios de validação.**

A abordagem de cada um desses requisitos e de suas especificidades será enunciada, de forma detalhada,no próximo capítulo.

3.5 Validação

Conforme esclarecem Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000), nas pesquisas qualitativas, "a possibilidade de generalização depende da representatividade da amostra selecionada pelo pesquisador: se essa amostra é representativa da população da qual foi retirada, supõe-se que o que foi observado na amostra vale para toda aquela população." (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p.174). A relevância e a credibilidade desta proposta de trabalho está na descrição detalhada do contexto e dos sujeitos a serem estudados, bem como na metodologia escolhida que se sustenta em teorias que se articulam e não são incompatíveis, como a cibercultura, teoria das representações sociais e análise argumentativa.

Segundo os autores, a natureza das pesquisas qualitativas requer dos pesquisadores rigor na condução da investigação. Citando Lincoln; Guba (1985), Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.171-174) propõem alguns critérios: a) credibilidade; b) transferibilidade; c) consistência; d) confirmabilidade. Em relação à credibilidade, a permanência prolongada no campo é importante para que o pesquisador "veja as coisas acontecerem" repetidamente. Deve-se proceder à checagem pelos participantes, ou seja, verificar se as interpretações do pesquisador fazem sentido para os que forneceram os dados.

Deve–se fazer o questionamento aos pares. É importante solicitar a um colega para apontar falhas, oferecer explicações ou interpretações alternativas. É necessário buscar várias maneiras de colher os dados. A triangulação de métodos é uma delas. Podem-se comparar dados, utilizando duas técnicas diferentes. Outro critério importante é analisar hipóteses alternativas ou até mesmo rivais. É muito útil, segundo os autores, analisar casos negativos, aqueles que se afastam do padrão, visto que podem esclarecer e enriquecer as interpretações.

Quanto aos critérios de transferibilidade, eles dizem respeito à generalização dos resultados. Os autores ressaltam que a pesquisa qualitativa segue outra lógica em relação à quantitativa. Raramente trabalham com grandes amostras, mas dão preferência a formatos etnográficos em que os sujeitos são selecionados tendo em vista suas características ou os

conhecimentos que são relevantes para a pesquisa. O papel fundamental do pesquisador, na perspectiva desses autores, é descrever, de forma consistente, o contexto e os sujeitos estudados (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 174).

A consistência está ligada ao conceito de fidedignidade e tem por orientação a necessidade de repetir a aplicação de um instrumento para se certificar de que são obtidos os resultados. Se houver uma variação muito grande nesses resultados, o instrumento é considerado não fidedigno (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p.175).

Como o próprio termo expressa, os critérios de confirmabilidade residem na possibilidade de se repetir a aplicação de um instrumento e se verificar os mesmos resultados são obtidos. Dos estudos que empreendemos acerca das representações sociais, a preocupação de Moscovici, Jodelet, Sá, Campos, Abric, Jovchelovitch, dentre vários pesquisadores desse campo, é, por meio de pesquisas, mostrar que, ao lado do conhecimento científico, há um conhecimento importante que é elaborado nas práticas sociais, o conhecimento do senso comum que é fruto das interações do cotidiano. Essas representações que são construídas, o sistema de crenças, valores e elementos culturais apreendidos nas práticas sociais são o material, o objeto de estudo da teoria das representações sociais.

As pesquisas que crescem, cada dia mais, não somente na área da Psicologia social, mas na Educação, Saúde, dentre outras, evidenciam que os resultados confirmados no âmbito das pesquisas em Psicologia Social têm sido objeto de interesse em diversas áreas do conhecimento pela credibilidade que a teoria tem adquirido ao longo dos anos. Segundo esclarece o próprio Moscovici (1981), todas as pesquisas imaginárias tem se aberto, possibilitando que a teoria das representações sociais transfira para a sociedade moderna uma visão que parecia se limitar às sociedades tradicionais.

O autor explica que a visão de representações coletivas mudou para a de representações sociais e isso pode ser explicado. Foi necessário considerar que existia uma diversidade de origem tanto nos indivíduos como nos grupos. Era necessário também dar ênfase à comunicação que possibilita a convergência entre os sentimentos e os indivíduos. Assim, sendo com as representações construídas e adquiridas, ao mesmo tempo, abandona-se, segundo o autor, a visão clássica que as considera estáticas e pré-estabelecidas.

É possível, mesmo numa área de conhecimentos tão fluidos como a educação, chegar-se a conhecimentos confiáveis. Partindo-se do princípio de que a lógica é um instrumento de análise e, em qualquer ciência, trabalha-se com modelos para explicar como se constrói o

conhecimento, pode-se inferir que é perfeitamente factível que isso se conceba via linguagem e esquemas associativos.

Sem dúvida, quando se lida com argumentação, tem-se como meta a adesão e o convencimento de um auditório para determinada ideia. Isso diferencia a argumentação da demonstração. Enquanto a primeira envolve o diálogo e a discussão, posto que se dirige a sujeitos e logo é pessoal, a segunda se apresenta à margem de todo o contexto por ser impessoal, visto que não se interessa por opiniões que validem ou não as verdades das proposições.

Assim, a visão de que há como se obter conhecimentos confiáveis acerca de práticas sociais também é defendida por Mazzotti (2006, p.548) quando argumenta :

> Parece-me suficiente reafirmar que o modo de fazer para obter conhecimentos confiáveis é inteiramente dependente dos critérios estabelecidos pelos grupos sociais, sejam estes os de não-cientistas ou de cientistas, não havendo diferenças no que se refere ao procedimento lógico, mas há no estabelecimento das premissas das inferências – regra de petição de princípio[6].

Para o filósofo, a confiabilidade desses conhecimentos está ligada ao que os grupos sociais estabelecem enquanto metodologia. Esse sistema de regras reflete o que essa comunidade verifica como sendo erros que devem ser evitados. Mazzotti (2006) entende as metodologias como um conjunto de procedimentos que pode ser considerado um algoritmo. Seriam, na visão do autor, “receitas que estabelecem os modos de fazer” e a “ gênese de tais receitas pode ser rastreada de maneira simples: cada regra metodológica diz o que não deve ser feito”, tendo em vista que erros e enganos foram cometidos em outras circunstâncias.

Quanto à ideia de que a força de um argumento depende da adesão dos auditores às premissas, e a aceitação de uma tese está no caráter do orador, pode-se entender que a pesquisa científica possui o caráter coletivo. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000) afirmam que a objetividade tão procurada nas pesquisas é resultado da exposição desses trabalhos a uma discussão acadêmica, e, por isso, a crítica, segundo os autores, longe de destruir, é a maneira de construir o conhecimento coletivamente:

> Se insisto na necessidade de se pensar a pesquisa como uma construção coletiva é porque, nesse ponto, concordo com Popper (1978) quando ele afirma que a objetividade que

[6] Petição de princípios, de acordo com a análise retórica, diz respeito a um erro de argumentação, o fato de supor admitida uma tese que se desejaria fazer admitir pelo auditório.

> podemos aspirar em nossas pesquisas é aquela que resulta da exposição destas à crítica de nossos pares. Por ser intersubjetivo, esse processo permite identificar os vieses do pesquisador, decorrentes de sua experiência individual, sua inserção social e de sua história (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p.145).

Nesse sentido, Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000, p.146) defendem que os conhecimentos produzidos em ciências sociais e em educação adquirem confiabilidade quando há seleção adequada e cuidadosa de procedimentos e instrumentos utilizados para se interpretar os dados, e, é claro, quando são confrontados por meio do diálogo. Essa é a visão também de Perelman (1979), quando aborda a respeito da filosofia do pluralismo, ao explicitar que o ideal que cada filósofo possui deverá passar, sempre, pelo crivo da experiência, do diálogo.

Em meio às discussões que permeiam a questão da confiabilidade dos conhecimentos produzidos principalmente em áreas consideradas como não sendo dos núcleos duros, como a das ciências chamadas de exatas, há propostas, como a de Mazzotti (2006), que defendem a realização de uma virada retórica para se superar a dispersão epistemológica em que se encontram as Ciências humanas, particularmente, a Educação. O filósofo argumenta que a teoria humanista não isola o sujeito na relação de produção, posto que uma teoria do conhecimento não pode restringir-se a um dos instrumentos para a constituição e análise dos argumentos, visto que todos eles são necessários nas diversas situações.

Portanto, a veracidade ou o falseamento de uma tese condiciona-se, pela ótica dos estudos da retórica, unicamente à adesão ou à rejeição da mesma, por meio do confronto com outras. E quanto maior a adesão, mais conhecimentos e discussões serão acrescidos, o que, sem dúvida, contribui, e muito, para que os discursos adquiram a confiabilidade requerida por uma comunidade científica.

Julgamos que o objeto de estudo é relevante para o contexto contemporâneo, porque toca em questões atuais no que diz respeito à relação entre idosos, retorno escolar, mercado de trabalho e tecnologias, questões essas que se constituem em verdadeiros desafios enfrentados pelas sociedades contemporâneas. Essas questões são bem fundamentadas por teóricos desses campos e acreditamos que os resultados obtidos sejam passíveis de generalizações para outros contextos e grupos.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo discutirá os resultados fornecidos pelo programa EVOC em articulação com aqueles obtidos nos grupos focais. O Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA), baseado na teoria da argumentação de Perelman, visa à busca dos significados que podem ser inferidos a partir dos discursos dos sujeitos em situações de interação. Conforme mencionado anteriormente, utilizaremos, para a presente análise, a tipologia adotada por Perelman; Olbrechts-Tyteca na teoria da argumentação.

Na seção **4.1**, abordaremos, brevemente, sobre os resultados fornecidos pelo EVOC e suas implicações para o estudo das representações elaboradas por sujeitos a partir dos 55 anos no contexto da cibercultura.

A seção **4.2** discorrerá sobre a descrição do grupo focal, do contexto de enunciação dos discursos e sobre a triangulação dos resultados levantados pelo EVOC e pelo grupo focal.

No item **4.3**, procederemos à discussão dos resultados do EVOC e do grupo focal, por meio da análise argumentativa das falas, utilizando o Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA).

A final, teceremos algumas conclusões acerca da análise dos resultados tanto oriundos da aplicação do EVOC quanto do grupo focal.

4.1 Resultados do EVOC - implicações para o estudo das representações do retorno escolar elaboradas por sujeitos a partir dos 55 anos no contexto da cibercultura.

Conforme exposto no capítulo III, nossa pesquisa constitui-se de duas fases; na primeira, entrevistamos 50 pessoas a partir de 55 anos, utilizando a técnica de evocação livre. A aplicação dessa técnica, desenvolvida por Abric (1994), teve por objetivo levantar a centralidade das representações sobre retorno escolar no mundo da cibercultura. Os respondentes evocaram as três primeiras palavras que lhes ocorreram quando foram lançados os estímulos 1- mercado de trabalho; 2- computador; 3- curso.

Os sujeitos, a seguir, hierarquizaram esses significados por ordem de importância (de 1 a 3). Lançados esses dados no programa EVOC (VERGÈS, 1992), foram levantadas as categorias que, hipoteticamente, situam-se no núcleo central das representações e aquelas que se localizam nos elementos periféricos. Segundo a teoria das representações sociais, na visão

de Abric (1994), o núcleo central determina o significado, a consistência, a estabilidade e o caráter consensual de uma representação social, já que esse sistema central é vinculado à memória coletiva e à história do grupo; nesse sentido, as representações são resistentes às mudanças. Para 1- mercado de trabalho, as categorias mais frequentes foram “capacitação” e “experiência”; para computador, as de maior saliência foram “conhecimento” e “pesquisa”; para curso, os significados mais frequentes foram “capacitação”, “conhecimento” e “satisfação”.

Os elementos localizados na periferia são aqueles que tornam as representações dinâmicas, pois absorvem a novidade, posto que permitem a integração das experiências e as histórias individuais; nesse sentido, o sistema periférico adapta-se ao contexto imediato, portanto é flexível. De vez que suporta as contradições, acaba por proteger o sistema central. Competência, conhecimento, emprego, competitividade, renda exigência e oportunidade são os significados que fazem parte do sistema periférico, para o estímulo “mercado de trabalho”.

Conforme mencionado no capítulo anterior, as categorias que se localizam no sistema periférico, para o estímulo “computador”, são agilidade, capacitação, comodidade, diversão, facilidade, necessidade, praticidade, rapidez, informação, máquina, comunicação, internet., aprendizagem e renda. Para o estímulo “curso”, Crescimento, melhoria, aprendizagem, renda.

Do levantamento feito pelo EVOC, pudemos perceber um resultado interessante em termos de categorias centrais (do núcleo central) atribuídas para a relação mercado de trabalho, computador e curso: conhecimento e capacitação (categoria que traz implícita a ideia de conhecimento) são comuns aos três termos indutores, ou seja, os resultados mostram que os sujeitos respondentes remetem ao contexto do retorno escolar para o mercado de trabalho no mundo da cibercultura, em hipótese, o significado conhecimento como sendo de grande relevância para eles. Os atributos experiência, pesquisa e satisfação integram-se ao conjunto dos elementos que esses sujeitos consideram mais significativos, mais centrais, na tentativa de representar o objeto da nossa pesquisa.

Terminar com um parágrafo dizendo que a discussão referente à interpretação para o sentido dos termos será feita mais adiante.

4.2Descrição do grupo focal, o contexto de enunciação dos discursos e a articulação dos resultados levantados pelo EVOC e pelo grupo focal.

Na segunda etapa de nossa pesquisa, como descrito no capítulo anterior, de posse dos resultados da técnica de evocação livre, aplicamos a técnica do grupo focal para que os significados centrais e periféricos apreendidos pelo EVOC fossem discutidos no grupo. Como explicitamos, anteriormente, a técnica do grupo focal é utilizada em articulação com o teste de evocação livre, tendo em vista que a dinâmica grupal contribui para a produção de material verbal importante sobre o tema.

O grupo focal, conforme previamenteagendado, realizou-se no dia 22 de maio de 2011, um domingo,a partir das 17 horas,nas dependências do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IFSUDESTMG), campus Juiz de Fora. Após os agradecimentos aos participantes e o reforço em relação à confidencialidade da dinâmica e à autorização para a gravação digital do debate, explicitamos o objetivo da técnica.

Explicamos, primeiramente, o contexto de enunciação dos dados obtidos pela aplicação dos questionários de evocação livre a 50 sujeitos a partir de 55 anos. Esclarecemos que os respondentes evocaram três palavras que lhes ocorreram, de forma espontânea, ao ouvirem os estímulos mercado de trabalho, computador e curso. Em seguida, os sujeitos hierarquizavam essas palavras evocadas de 1 a 3, em ordem de importância para eles. Explicamos, então, que esses dados foram processados por um *software* denominado EVOC, que levantou as categorias mais frequentes citadas pelos sujeitos. Ressaltamos que o resultado da pesquisa seria compreender as representações sociais do retorno escolar para pessoas a partir de 55 anos no contexto das novas tecnologias.

Esclarecemos que os termos que mais apareceram para mercado de trabalho foram “capacitação” e “experiência”; para computador, “conhecimento” e “pesquisa”; para curso, os elementos mais frequentes foram “capacitação”, “conhecimento” e “satisfação”. Perguntamos o que eles achavam desse resultado, se eles concordavam, se pensavam da mesma forma. Após mencionarmos os outros termos que apareceram, apesar de não terem sido muito frequentes, voltamos a perguntar o que achavam dos termos evocados, primeiramente com referência ao mercado de trabalho, a saber, capacitação e experiência.

Outro ponto importante a ser considerado é que nosso objeto de pesquisa é um objeto social, portanto a técnica do grupo focal é complementar à técnica de evocação livre, já que a interação grupal produz, segundo Guareschi (1996), dados e *insights* que seriam difíceis de se obter fora desse tipo de interação. Pesquisas em representações sociais têm lançado mão dessa

articulação de dados para produzir resultados cada vez mais significativos para os estudos nesse campo.

Lançamos mão da técnica do grupo focal para procedermos à análise argumentativa das falas dos sujeitos que interagiram no debate, por meio do qual se discutiu o conteúdo levantado pelo *software* EVOC. A transcrição das falas forneceu uma quantidade significativa de dados a serem analisados pela utilização do Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA).

É importante ressaltar que as 5 pessoas, dos 9 sujeitos convidados, que compareceram ao evento para participarem do debate, aceitaram as condições requeridas pela técnica, ou seja, a exposição de seus discursos pela gravação e transcrição de suas falas, em caráter de anonimato. O que facilitou bastante a mediação da técnica foi a disposição de todos para colaborar e explicitar seus pontos de vista sobre os assuntos expostos.

Por outro lado, o que acreditamos ser muito natural de ocorrer em um contexto de enunciação em que as pessoas estavam, pela primeira vez, se conhecendo e estabelecendo vínculos de cordialidade, no início da conversação, pudemos perceber que foram estabelecidos acordos e as opiniões que convergiam para um assentimento formal, sem discordâncias ou controvérsias, as quais, para nós, seriam fundamentais para ativar os pontos de vista diversos tão essenciais para a abordagem argumentativa. Em virtude disso, por diversas vezes, "provocamos" os oradores, retomando suas posições e contrapondo-as com as categorias centrais e periféricas levantadas pelo EVOC e com as justificativas dos respondentes ao questionário de evocação livre. Além disso, nossa intervenção foi necessária, algumas vezes, para retomar o assunto que, naturalmente, algumas vezes, desviava-se muito do foco discutido ou em situações em que um orador monopolizava a palavra em detrimento dos outros sujeitos. Para compreendermos as estratégias que os sujeitos utilizaram para construir sua argumentação, tentaremos elucidar alguns conceitos da teoria da argumentação que foram organizados por Castro (1997) quando da formulação do MEA.

Segundo o MEA, os acordos constituem-se das hipóteses a partir das quais o raciocínio se desenvolverá durante a argumentação. As premissas que o locutor escolhe para sustentar a argumentação podem ser utilizadas de diversas formas, por isso toda argumentação é seletiva, porque, ao lado da escolha dos seus elementos, seleciona-se, também, a maneira de torná-los presentes. Os acordos podem ser divididos em categorias: real e preferível. Na real, as premissas se fundamentam em fatos, verdades e presunções. Na categoria do preferível, os valores se relacionam às hierarquias e aos lugares do preferível. É importante salientar que, no

campo da argumentação, todas as questões são formuladas em termos de valor, e eles são presumidos assim como os fatos, ou seja, são admitidos sem prova.

A teoria da argumentação destaca dois tipos de valores: os abstratos, como justiça ou verdade, aqueles que se fundam na razão; os concretos, como a Igreja, por exemplo, porque exige fidelidade. Pode um único argumento combinar esses dois tipos (Ex: "todos os homens são iguais porque são filhos de Deus").

Quanto à justificativa das escolhas, o tratado de argumentação a explica pelos valores abstratos que são chamados lugares do preferível. Esses lugares, segundo a teoria, mostram que existe um consenso para se estabelecer o valor de uma coisa. Eles podem ser de três tipos: de quantidade (o preferível é o normal, o mais frequente, o obrigatório, o bem maior, como em "isso é o que todos pensam"); de qualidade (o único é o preferível, o raro e o original são valorizados, o comum e o banal são desprezados como "a sociedade de consumo"); e os lugares de unidade (o que é um é superior, diferente do que é preocupação da multidão).

Em relação aos fatos, verdades e presunções, a teoria da argumentação explica que um fato tanto pode enunciar uma verdade quanto uma verdade pode enunciar um fato. Um fato, nessa concepção, não se limita a eventos objetivos, como a morte de alguém, mas podem ser considerados fatos as suposições ou as convenções, como, por exemplo, a existência de Deus ser considerada um fato incontestável, enquanto que, para um auditório de ateus, não o seria. Assim sendo, os fatos e verdades, segundo Castro (1997, p.77), "devem ser concebidos como originários desses *acordos* escolhidos pelos interlocutores, isto é, não há critérios absolutos, independentes do auditório, para decidir-se o estatuto de fato ou de verdade de um enunciado (...) Só se pode considerar evidente uma premissa que já foi aceita pelo auditório".

As presunções, segundo Castro, são menos vulneráveis que os fatos e verdades, pois, quando justificamos uma presunção, esta é reforçada quando a justificamos. Ao contrário, quando se justifica um fato ou uma verdade, a justificação diminui seu estatuto de fato ou de verdade, podendo até destrui-lo. A presunção encontra a sua base no que é considerado normal, habitual e frequente.

É importante, aqui, também lembrarmos que as figuras são fundamentais para se compreender a construção dos argumentos de nossos falantes. Perelman eOlbrechts – Tyteca mostraram que cada figura forma uma estrutura conhecida, o que facilita a as trocas semióticas entre os indivíduos. Mostram a importância da analogia, da metáfora. Segundo Castro, "a argumentação é indissociável das figuras que ela utiliza" (p.82). Tentaremos compreender partes do discurso persuasivo em que os debatedores as utilizam.

O trabalho da análise argumentativa, segundo Castro, é o de interpretar os esquemas que os locutores utilizam ou recebem. Nesse sentido, dois tipos de argumentos são comumente utilizados pelos oradores: argumentos de ligação e argumentos de dissociação. Os de ligação são esquemas que aproximam elementos distintos, estabelecendo entre eles uma solidariedade com o objetivo de estruturá-los ou valorizá-los, tanto de forma positiva quanto negativa. Os argumentos de dissociação são técnicas que visam dissociar, separar elementos de um sistema, alterando algumas noções que funcionam como fundamentais. Argumentos que são fundados sobre a estrutura do real são exemplos de procedimentos de ligações entre as coisas como se fossem inerentes à natureza das coisas. Esses argumentos se apoiam na experiência. As relações de ligações de sucessão ou de coexistência do tipo relação de causa e efeito constituem-se argumentos de ligação.

Existem aqueles argumentos que fundam a estrutura do real, pois, em vez de apoiar-se na experiência, criam novas relações entre as coisas. Por exemplo, quando se parte de um caso particular para se criar uma generalização. A partir do particular, procura-se formular uma lei ou uma norma. O exemplo, o modelo e a analogia são utilizados por esse tipo de argumento.

Nossos participantes preenchiam os requisitos para o perfil dos sujeitos de nossa investigação. Situam-se na faixa etária dos 55 aos 61 anos, trabalham e frequentam algum curso de capacitação para o trabalho no mercado formal ou informal. Convencionamos o código ME para mediadora; F1 (Falante 1); F2 (Falante 2); F3 (Falante 3); F4 (Falante 4) e F5 (Falante 5). Embora a aplicação da técnica tenha durado 1 hora e 20 minutos, foram aqui registrados somente os momentos de enunciação relevantes a serem analisados dentro da análise argumentativa. A transcrição, na íntegra, será alocada nos anexos desse trabalho.

Vale registrar, conforme requer a técnica, outros dados de identificação dos sujeitos. Quanto às atividades profissionais exercidas, 2 trabalham como professores; 2 são aposentados – um deles trabalha como diretor e autor de teatro, o outro é vigia; o quinto participante é técnico eletricista. Quanto ao grau de escolarização, 2 possuem pós- graduação e três cursaram ensino técnico de nível médio.

São muitas as finalidades do grupo focal apontadas pelos pesquisadores, como expusemos no capítulo sobre a metodologia. E por que a articulação do grupo focal com a técnica de evocação livre? De acordo com o que expusemos no capítulo referente à metodologia, as duas técnicas para pesquisas em representações sociais têm sido utilizadas como recursos para conferir maior confiabilidade dos resultados obtidos por ambas.

Especificamente no que diz respeito ao nosso estudo, o levantamento das representações que pessoas a partir de 55 anos constroem do retorno escolar no mundo da cibercultura, foi muito importante ouvir as discussões em torno dos significados categorizados pelos sujeitos, na primeira técnica, e processados pelo EVOC e as opiniões dos debatedores que aprofundaram algumas questões como, por exemplo, as motivações que levam as pessoas idosas a retornarem ao mercado de trabalho. Nesse ponto de discussão, ao serem levantadas questões como consumismo, a submissão aos caprichos da família, salários baixos, dificuldade para capacitação, produziu-se um material verbal mais rico em que, ao contrário do consenso obtido inicialmente, pudemos analisar situações de controvérsias próprias do discurso de persuasão. Na próxima seção, discutiremos os resultados do grupo focal e analisaremos os discursos dos sujeitos em torno dos resultados do EVOC, apoiando-nos no Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA).

4.3 Discussão dos resultados do EVOC e do grupo focal, por meio da análise argumentativa das falas - Modelo de Estratégia Argumentativa (MEA).

No momento da explicitação dos nossos objetivos, dos agradecimentos cordiais da elucidação da temática envolvida, dos resultados de pesquisa, nós nos tornávamos o orador, de posse da palavra, buscando, por meio de estratégias de persuasão, persuadir o nosso auditório, encorajando-o a se posicionar por meio de seu discurso. Quando expusemos os dados resultantes do processamento do EVOC, de certa forma, enunciamos uma primeira premissa, colocando-a como um fato em relação às escolhas dos respondentes. Explicitamos os chamados lugares do preferível, evidenciando o consenso no resultado, apoiando-nos nos lugares de quantidade, sustentando a premissa de que o mais frequente foi o preferível, já que se ancorou nas categorias mais salientes nos questionários e nas justificativas dos respondentes.

Sá (1996, p.142) esclarece sobre a importância de os sujeitos justificarem, nesse tipo de pesquisa, a hierarquização por eles feita das categorias evocadas. Citando Guimelli e Rouquete (1992, p.201), temos que o procedimento utilizado no levantamento do núcleo central permite:

> 1) atualizar os esquemas pré-discursivos relativos ao objeto de representação (associação verbal);

> 2) levar o sujeito a produzir um discurso a propósito do objeto (justificação das respostas associatvas);
> 3) por outro lado, pode-se pensar que, no momento da tarefa de associação verbal, o sujeito não tem uma consciência clara do operador que determina sua resposta. O que é claro, para ele, é a resposta que dá, não os processos cognitivos que a geraram. É, portanto, a tarefa de justificação que dá aos sujeitos os meios de explicitá-los e de verbalizá-los.

Segundo os autores, o sujeito seria o único perito de sua própria produção, dessa maneira, contornam-se as dificuldades muito comuns da análise de conteúdo. Pudemos perceber das justificativas dos respondentes, no questionário de evocação livre, em relação a uma das categorias mais salientes do núcleo central (conhecimento/capacitação) referindo-se a mercado de trabalho/ computador/ curso, a hipótese de Abric (1994, p.168) de que "os comportamentos individuais ou de grupo são diretamente determinados pelas representações elaboradas em e sobre a situação e o conjunto dos elementos que a constituem". Essa seria uma das contribuições, segundo o autor, das pesquisas experimentais em representações sociais.

Demos voz, aqui, a alguns dos respondentes da técnica de evocação livre, antes de discutirmos as falas dos sujeitos no grupo focal. Apresentamos aqui um resgate de suas justificativas, quanto à hierarquização que eles fizeram dos significados evocados, para compreender os resultados obtidos pelo EVOC e o próprio conteúdo de nosso objeto de investigação. A partir dessas falas, formulamos algumas hipóteses para a interpretação dessas escolhas.

> **E5**: *"Sem conhecimento não se faz nada. A praticidade ajuda na realização de atividades com mais rapidez que é o que a vida nos exige hoje (...) Necessidade de estar atualizado para desenvolver um bom trabalho".*

Podemos inferir, em relação à justificativa de **E5,** que a praticidade na execução da tarefa vem do conhecimento que é visto como imprescindível. Daí a implicação de que é necessário se atualizar para desenvolver-se um bom trabalho, pois, como acredita **E5**, a vida exige rapidez. Ele utiliza argumentos quase lógicos, por serem, em aparência, próximos dos raciocínios racionais, e argumentos fundados no real para defender seu ponto de vista. Quando afirma "que é o que a vida nos exige", confirmamos o que afirma Abric (1994, p.168) sobre o papel determinante das representações construídas sobre determinada situação nos comportamentos individuais ou de grupo. As expressões "sem", "exige" e "necessidade de...

para" sugerem uma relação de sucessão (causa/efeito), ou seja, o bom trabalho obtido com a praticidade só será conquistado pelo conhecimento cuja aquisição é garantida pela atualização.

> **E15**: "*Capacitação, meio para ampliar habilidades, mais oportunidades, concretização do objetivo, melhor salário, valorização justa*".

Nosso idoso **E15** define a categoria capacitação, procurando tornar esse termo familiar, por meio de atributos, utilizando os processos de objetificação e ancoragem. Tomando emprestado o que explicita Jovchelovitch (2008, p.82) acerca desses dois processos, podemos considerar a hipótese de que esse idoso está tentando "objetificar", "condensar significados diferentes" "em uma realidade familiar", e, ao assim fazer, ancora "o desconhecido em uma realidade conhecida e institucionalizada que a sociedade luta por manter, ou seja, os significados implícitos nas palavras que ele usa para tentar definir capacitação são formas que ele utiliza para tentar entender as mudanças que o contexto da cibercultura impõe.

> **E30**: "*É porque vai me dar sabedoria das coisas, conheço várias pessoas, professores, melhorei a escrever melhor. Conhecimento para o meu trabalho. Vejo o mundo de forma diferente*".

Do ponto de vista do que **E30** acredita, o conhecimento é importante porque, por meio dele, esse idoso sente uma mudança na maneira de ver a realidade, o mundo ao seu redor. O "dar sabedoria das coisas", o "conhecer várias pessoas', o "escrever melhor", para ele, são determinados pelo conhecimento, ou seja, pela capacitação ou atualização, conforme outros disseram.

> **E38**: "*Antes de começar a estudar, não conseguia nem mexer no caixa eletrônico*".

É interessante o que afirma **E38**. Ele expressa o quanto sentia dificuldades em lidar com o caixa eletrônico (um elemento, para ele, estranho). O estudo, do seu ponto de vista, foi determinante para esse aprendizado. Essa questão da dificuldade dos idosos para operar as máquinas digitais e a relação dos mesmos com as novas tecnologias foi objeto de discussão no capítulo 1 dessa dissertação.

> **E39**: *"Para acompanhar as novidades do mercado é preciso ter dinheiro – para se fazer uma boa faculdade – comprar livros – fazer cursos de capacitação".*

O idoso **E39** condiciona a capacitação e a apropriação do que é novo ao elemento renda, que, de acordo com o levantamento do EVOC, apareceu, em grande parte, no quadrante da periferia das representações. Isso nos sugere que essa categoria, expressa por esse e por vários respondentes, mostra que, conforme explica Abric (1994, p.148), "é na periferia que se vive uma representação social no cotidiano". Então podemos inferir que renda, para o respondente, é o ponto de apoio, requisito básico, o elemento familiar, para que ele ancore os elementos novos "acompanhar as novidades do mercado" e compreender os significados desse novo contexto.

> **E47**: "*Se você se atualizando, a tendência é a questão financeira melhorar e a condição de vida também*".

Já, na visão do idoso **E47**, o elemento renda passa a ser efeito da atualização e não somente, como argumentou o respondente anterior, o determinante para atualizar-se diante das novidades. Agora a atualização é compreendida como condição que leva à melhoria nas condições de vida.

> **E42**: "*Hoje é uma exigência. Quem não sabe nada de informática é um analfabeto (...) O curso que eu fiz foi excelente pelo convívio e aprendizagem (...) O primeiro curso que fiz, a professora punha medo na gente se tínhamos medo de lidar com o computador. Por isso que é importante ter bom instrutor , com paciência".*

O idoso **E42** utiliza um *slogan* muito empregado pela sociedade em geral no que diz respeito ao domínio das tecnologias, o que veicula a ideia de que é analfabeto aquele que desconhece a informática. Podemos inferir que o termo "analfabeto" sofre um deslocamento de sentido pela mudança no contexto social. O respondente tenta, pelo processo de rotulação e classificação, por uma construção simbólica, comparar aquele que "não sabe nada de informática" com uma pessoa que não sabe ler nem escrever. Ele utiliza a figura da analogia, pelo processo de ancoragem, para tornar o não familiar em familiar. Em seus estudos sobre a

psicanálise, Moscovici colheu opiniões das pessoas a respeito da psicanálise. Alguns de seus informantes compararam a psicanálise à confissão e o psicanalista a um sacerdote. Processo semelhante foi utilizado por alguns de nossos respondentes, inclusive por falantes do grupo focal, evidenciando o quanto as representações sociais que esses sujeitos elaboram sobre o computador, sobre a informática estão enraizadas na cultura e na referência social. O rotulado de analfabeto, no sentido da dimensão digital, é comparado ao analfabeto da visão tradicional, do ponto de vista do conhecimento do ler e do escrever. Participante da técnica do grupo focal, **F3** diz:

> ***F3:*** *Nos dias de hoje, a pessoa que não sabe mexer com o computador éconsiderada analfabeta.*

Nos dois exemplos a seguir, os respondentes explicam o quanto a atualização e a instrução, tendo em vista o mercado de trabalho, são condições determinantes. A utilização dos termos "temos", "perguntam", "sempre", "para saber" evidenciam a crença de que a relação entre mercado de trabalho e capacitação é inerente à natureza do próprio mercado, é uma determinação.

> **E44**: "*No mercado de trabalho temos que nos manter atualizados sempre. Mas podemos procurar um 'curso' que nos agrada mais e que venha contribuir para uma melhor remuneração".*

> **E48** "*A maior parte das empresas perguntam pelo grau de instrução, para saber em que cargo pode ser aproveitado. E sendo assim também fazer uma avaliação sobre ele (...) Eu estou estudando para complementar meu sustento, porque eu quero arrumar emprego melhor".*

Para procedermos à análise das falas dos participantes do grupo focal, destacamos 4 teses que nortearam o debate. Identificamos aquelas que, de alguma forma, respondem às nossas questões enunciadas na introdução desse trabalho, tendo em vista que essas teses foram elaboradas a partir da articulação dos dois processos de investigação, o EVOC e o grupo focal. Discutimos os argumentos de nossos participantes em torno dessas teses.Vale lembrar que nossa questão central é saber quais são as representações sociais do retorno escolar para pessoas a partir de 55 anos no mundo da cibercultura. As questões subjacentes

indagam qual seria a visão de mundo, de sociedade, de mercado de trabalho, de sistema educacional e das novas tecnologias que essas pessoas possuem. Propusemos 4 teses que tentam resumir a temática discutida.

Tabela 6 – Teses levantadas no grupo focal

Tese 1	Capacitação é fundamental para o retorno ao mercado de trabalho.
Tese 2	Muitos aposentados voltam para complementação de renda insuficiente.
Tese 3	Quem não sabe lidar com o computador fica fora do mercado e da sociedade.
Tese 4	O consumismo faz com que os idosos retornem sem necessidade ao trabalho.

F1 iniciou sua fala, defendendo a tese 1 de que a atualização (capacitação) é fundamental para o mercado de trabalho. Utilizou como argumentos a necessidade de se entender as transformações da sociedade para incluir-se nela e poder voltar de novo ao trabalho.

> **F1**: *Eu acho que... com o passado, a pessoa aposentada, e aí ele(.....) no mês seguinte já tem coisa mudando, então você vai ficar assim, vai ficar completamente fora da realidade... nem é do mercado e trabalho não... é da sua realidade... que se você não se atualizar, você tem que botar aquele pijamão e ficar em casa, sentado vendo televisão, né? Você não vai conseguir entender a sociedade, as transformações sociais que hoje acontecem de uma maneira muito acentuada... então, a volta ao trabalho, né?... inclusão de novo ao trabalho...também tem essa conotação para o aposentado...é... de colocá-lo sempre naquele convívio com o que está acontecendo, com o que está sendo...é...o que está sendo motivação para quem está começando...então, se ele quiser ficar parado, não vai ter jeito.*

Em seguida, **F2** mostrou adesão à tese enunciada, utilizando argumentos fundados sobre a estrutura do real, posto que iniciou sua fala evocando relações de causa e efeito que se assemelham a uma explicação da realidade, quando continua o raciocínio de **F1** (“se ele

quiser ficar parado, não vai ter jeito”),completando (“Você vai ficar para trás...”). O efeito é ficar excluído da sociedade e a causa seria a acomodação diante da aposentadoria e a da não atualização. **F2** reiterou a visão de que se o idoso se aposentar e ficar parado, ficará desatualizado. Citando o computador, fez uma comparação do contexto social do passado e do presente. Quando disse “**na nossa época** não existia computador” e “**hoje** é tudo automatizado”, ao mesmo tempo em que distancia duas épocas diferentes, o passado do idoso e o hoje do novo, mostra os diferentes elementos do mundo do trabalho, de ontem e de hoje. Enunciou também a tese 3 de que quem não sabe lidar com o computador fica fora do mercado e da sociedade. Revelou, assim, um contraste entre dois contextos que estabelece o conflito para quem está desqualificado.

> **F2 :***Você vai ficar para trás... não vai fazer mais nada... eu acho... tudo bem que na nossa época não existia computador... hoje em dia é tudo automatizado, o que que você vai fazer... vai ser desqualificado.*

Intervindo na discussão, **F3** também aderiu à tese inicial, ao acordo estabelecido, e utilizou argumentos que fundam a estrutura do real. Quando quis explicar o quanto é importante a preparação para a volta ou permanência da pessoa idosa em relação ao mercado de trabalho, criou uma generalização a partir de um exemplo particular, ou seja, estabeleceu uma nova relação entre as coisas enunciadas. A partir de um caso, argumentou que não se capacitar para o trabalho pode levar o indivíduo à doença e até à morte. A partir de uma narrativa, acentuou o sofrimento gerado no idoso que se sente excluído não somente do mercado,mas também da própria sociedade.

> **F3:** *Eu acho que a pessoa deve, assim, se preparar melhor para que quando... para até voltar mesmo ao mercado de trabalho (...) alguns casos de as pessoas até adoecerem porque... nós temos um caso aqui de um professor muito querido da Universidade, o(...) que amava dar aula, dar cursos. Fazia em 1 mês 70 anos e não pôde mais ficar...então ele foi para a casa, adoeceu e morreu. Em muito pouco tempo então... essa é a questão da pessoa se aposentar e procurar capacitação para voltar ao mercado, mesmo que não seja na profissão... é muito importante... e hoje nós temos...assim...muitos meios... a pessoa não precisa de ir para uma sala de aula formal (...)então se você ficar parado, você vai se perder e depois você não reconhece mais a sociedade na qual você está inserido.*

F4, por meio de um exemplo particular, o depoimento próprio de vida, também funda a estrutura do real e fez de seu exemplo de vida um caso para generalização e estabelece a tese 2(muitos aposentados voltam para complementação de renda insuficiente), confirmando uma das categorias levantadas pela pesquisa do EVOC. A necessidade da complementação da renda, segundo **F4,** justificava-se mediante o argumento de que precisava se manter por meio de um salário melhor. Argumentou, também, que não pôde prosseguir com os estudos, conforme alegam muitos idosos, pelas circunstâncias da vida. Falou do desafio que é estudar com os jovens, mas reconheceu que o retorno aos estudos e ao mercado de trabalho acabam trazendo satisfação pessoal e melhorando a autoestima.

> **F4:** *É... o meu caso foi um pouco diferente, eu fui...voltei a estudar...pra trabalhar e ter uma renda, né? Precisava ter uma renda para me manter... então voltei aos bancos da escola... do... para completar o ensino médio...depois faculdade... e agora eu já estou na segunda especialização... já fiz... então isso tudo, essas duas me proporcionaram um salário melhor, né? E também um reconhecimento, né? Da profissão... então isso para mim foi muito bom... agora esse... essa volta... é para as escolas... se não tiver uma... estrutura... uma força de vontade... ela... é... para as escolas... se não tiver uma... estrutura... uma força de vontade... ela... é... vamos dizer...a pessoa desiste... porque é mais difícil... difícil em todos os termos... difícil se adaptar... que você vai encontrar na sala pessoas mais jovens do que a gente... então você tem que se adaptar e tem que se dar o dobro(...) foi bom porque o que eu sempre quis fazer... eu queria fazer faculdade desde...mocinha... aí é... a vida tomou um rumo que não deu para fazer...então eu fui fazer muito depois... vinte e quatro anos depois que eu voltei para a escola... e eu estou muito satisfeita... e agora a meta é fazer mestrado para conseguir mais conhecimento, né? Tem uma pilha aqui que dá gás... então agora a meta é mestrado, né? Mais satisfação íntima, mais autoestima ...tudo o que faz bem para a gente, né? A gente vive melhor.*

F4 fez uso também da analogia, como em “a vida tomou um rumo que não deu para fazer”. O efeito da metáfora (a vida como um caminho) é mais um recurso de persuasão utilizada pelo falante. Ao lado da figura, a argumentação se constrói também em torno dos lugares de quantidade. O preferível é o que gera **mais** satisfação íntima que é o bem maior. Segundo o falante, quanto **mais** satisfação íntima, **mais** autoestima. O normal, que está nessa

relação, determina a norma de que é “tudo o que faz bem para a gente” e que, assim, “A gente vive melhor”.

A presença da metáfora também é muito significativa na fala de **F2**, quando contra-argumentou em relação à tese 2 de que há a necessidade de o idoso ter que trabalhar para ajudar no sustento da família. **F2** enunciou o confronto de ideias, argumentando que é preciso dar a vara e não o peixe aos filhos, pois que eles também têm que trabalhar e não sobrecarregar aquele que trabalhou a vida inteira e poderia parar. Ele disse que muitos pais acabam prejudicando os filhos e se sobrecarregando porque não cobram a responsabilidade com o trabalho e com os estudos. Dessa forma, acabam tendo que voltar ao mercado de trabalho para sustentar filhos e netos:

> ***F2:*** *Você tem que dar a vara e não botar o peixe na vara. Essa pessoa nunca vai crescer. (...) Por que acontece isso? É porque fez demais. Aí o filho não vai fazer...então você tem que parar e pensar...se vira... o filho quando tá lá...18 e 19 ano, se ele formou e não quer saber de estudar (...) aí você vai ter que arcar com os netos...com os filhos dos netos(...) e você não tá dando exemplo, você está estragando.*

Por esse recurso argumentativo, o falante funda a estrutura do real, pois, a partir de um caso, permite, na visão de Lemgruber (2009),

> estabelecer um precedente, um modelo ou uma regra geral, como também operam os raciocínios pelo modelo ou pelo exemplo. Os argumentos por analogias e metáforas são, portanto, úteis para se estruturar um pensamento, para comunicá-lo a outrem, para um alargamento e reenquadramento da percepção que se tem da realidade(LEMGRUBER, 2009, p.160).

Segundo o autor, as analogias são um dos mais poderosos meios de se tentar persuadir alguém e recurso para a ancoragem de informações e conhecimentos novos. Pudemos registrar, também, argumentos elaborados por dissociações, quando os sujeitos instituem os lugares do preferível, dissociando, separando elementos. Esse recurso foi muito utilizado para se refutar a tese 2 e enunciar, assim, a tese 4(o consumismo faz com que os idosos retornem sem necessidade ao trabalho). Agora a ideia defendida é a de que esse retorno dos idosos ao mercado de trabalho tem também interesses ligados meramente ao consumo. **F3** utilizou o *slogan “**quer ter...ter..ter**e esquece que a vida poderá **ser menos,** mas **o ser** que é mais importante”*, para criticar a sociedade de consumo que faz com que muitos aposentados

retornem ao trabalho para manter um *status* que atenda a interesses supérfluos. Por dissociação, nosso falante dissociou o elemento II (ser) do elemento I (ter). Valorizou o segundo elemento e desprezou o primeiro, produzindo um forte efeito argumentativo. Argumentou o falante que esse consumismo exagerado, que leva também os idosos a retornarem ao mercado de trabalho, é resultado da influência negativa da tecnologia que estimula o consumo por meio da propaganda. **F3** deu exemplo de pessoas que usam vários cartões de crédito e se endividam para sustentar um padrão que a família não consegue manter.

> ***F3****: Eu ia falar o seguinte..que a tecnologia, por um lado, é muito positiva, por exemplo, pra.. nós que estamos nos capacitando nesse momento.. precisamos de usar a internet... mas também este avanço também.. é... está... tem um lado negativo também... que também... que está estimulando muito o consumo, tanta... muita propaganda, tanto aqui na internet, como na televisão... então as pessoas, eles não.. querem ter aquilo que não podem...querem usar um cartão de crédito. Há pessoas que não podem usar um, tem três..as vezes não podem usar nenhum e tem um... então isso está acontecendo aquela insatisfação.. porque quer ter...ter..* ***ter e esquece que a vida poderá ser menos, mas o ser que é mais importante...****então tem este lado aí também, que assim é bom a gente repensar .. o do consumismo que.. é.. muito importante por exemplo.. nós que somos professores, trabalhar até isso na sala de aula pra.. pra... estimular menos o menino a consumir e mostrando a importância de outras coisas da vida, né? E para que as pessoas sejam mais felizes.*

Os slogans são muito utilizados na argumentação para instituir lugares do preferível e um sistema de valores do orador. São muito utilizados, segundo Reboul (1998) para condensar palavras impactantes, como frases feitas, no que ele chamou de “retórica impactante” (1984). É um forte argumento de persuasão, porque o orador serve-se do que se denomina ‘lugares-comuns” para fundamentar valores, e hierarquias. Segundo Castro (1997, p.81), “quanto mais geral é um enunciado, mais ele é passível de adesão por parte de um auditório amplo”. Equivale dizer, assim, que “os lugares do preferível afirmam que uma coisa vale mais do que outra em razão da quantidade, qualidade, ordem, existência ou essência”. O *slogan*, por ser

conciso, polissêmico, buscar a adesão para uma causa, dificilmente, segundo o autor, pode ser contestado.

> ***F1: Seja feliz com que você tem****, né, então a minha experiência de vida foi esta... eu criei três filhos... hoje dois deles casados, formados, com bons salários, coisa que eu nunca tive, né, graças a Deus eles têm. Então pensa assim, não vamos desanimar porque o salário não tá tão bom assim... vamos pensar o que a gente pode fazer (...) para nós. isso também eu penso que é de grande... muita relevância... porque hoje nem todo mundo pode ganhar um bom salário... nem todo mundo, né? E aí o que que acontece, se a pessoa está na frustração, na depressão, aí parte para uma bebida, parte para qualquer um desses vícios perigosos, aí e aí acabou a estrutura dele, acabou a alegria dele, não... vamos pensar seriamente, eu posso viver muito bem também com o pouco salário, com pouco dinheiro se é que isto está acontecendo comigo.. agora não vai me impedir de eu... que vá lutar para melhorar, né? Então tem que analisar bem.*

O preferível, do ponto de vista do falante, é trabalhar para suprir as verdadeiras necessidades, não com a preocupação de acumular, do "ter". Ele defendeu que o idoso pode viver bem com pouco dinheiro e não deve desanimar por isso. Mais uma vez, construiu sua argumentação baseada em exemplo próprio. Estabeleceu uma norma de conduta que o falante julgou preferível seguir, construindo, então, uma relação de sucessão do tipo causa/efeito, de forma que, se forem aceitas e atendidas as premissas, o efeito será de que a pessoa "terá uma vida mais feliz".

Poderíamos, aqui, analisar a transcrição integral das falas dos sujeitos na interação estabelecida por meio da técnica do grupo focal. Poderíamos, também, procurar interpretar cada justificativa dos sujeitos que foram submetidos ao teste de evocação livre. De fato, são muito ricas as possibilidades oferecidas pela análise argumentativa baseada na nova retórica de Perelman.

De acordo com Minayo (2008), as representações sociais estão ligadas às situações reais e cotidianas da vida, marcadas pela contradição e pelos conflitos. E, como pudemos compreender, pelas análises que esboçamos, de maneira evidentemente hipotética, o conhecimento do senso comum pode ser empírico e observável. Nesse sentido, as

representações, na visão de Moscovici, articulam-se mais em valores do que em conceitos, e, pelo que observamos do campo, esses valores estão na base da argumentação.

Em suma, por meio do debate suscitado pelo grupo focal e pela análise argumentativa das teses e argumentos utilizados pelos sujeitos, pudemos compreender que o retorno escolar tendo em vista à preparação para o mercado de trabalho, para as pessoas na faixa etária a partir de 55 anos, é uma realidade e um desafio na sociedade contemporânea que determina novas relações de trabalho pautadas nas novas tecnologias. Sem dúvida, a inserção dessas pessoas nesse contexto, que traz, a cada dia, novas mudanças, novos paradigmas culturais e sociais, depende do esforço constante para o aprendizado desses conhecimentos exigidos pelas atuais relações de produção.

As representações que os sujeitos de nossa pesquisa revelaram mostram que eles estão conscientes dessas mudanças e têm buscado se adaptar a elas. Reconhecem que o domínio da informática é fundamental para a inclusão digital e social, manifestam as dificuldades que sentem ao retornarem aos estudos e ao mercado de trabalho em uma idade mais avançada, mas, sobretudo, demonstram persistência diante da necessidade de acompanhar as exigências do mercado e os preconceitos que a sociedade ainda apresenta em relação aos mais velhos.

CONCLUSÃO

Julgamos que o mais importante nesse estudo é mostrar as possibilidades de interpretações que esse tipo de análise propõe acerca das representações sociais que os sujeitos dessa pesquisa elaboram sobre o retorno escolar para o mercado de trabalho no contexto das novas tecnologias. Essas interpretações são hipóteses e, dessa forma, podem ser ampliadas ou oferecerem outros possíveis caminhos. Portanto, não temos a pretensão de que sejam fechadas, muito pelo contrário, elas suscitam discussões e novas interpretações. Entendemos que esse seja o objetivo de uma pesquisa qualitativa. Levantamos quatro de algumas teses que nossos sujeitos enunciaram ao longo do debate suscitado pela técnica do grupo focal:

1ª tese: Capacitação é fundamental para o retorno ao mercado de trabalho;

2ª tese:Muitos aposentados voltam para complementação de renda insuficiente;

3ª tese: Quem não sabe lidar com o computador fica fora do mercado e da sociedade;

4ª tese: O consumismo faz com que os idosos retornem sem necessidade ao trabalho.

Das teses enunciadas, selecionamos quatro que mais se aproximaram das categorias levantadas pelos respondentes do questionário de evocação livre. A capacitação para o mercado de trabalho, a busca pela complementação da renda, o domínio das tecnologias e o retorno ao trabalho, também condicionado às imposições da sociedade de consumo, são questões que serviram de conteúdo rico para a compreensão das representações sociais elaboradas por esses sujeitos. Obviamente, essas análises requerem um refinamento que poderia, sem dúvida, ampliá-las bem como apontar outros caminhos para o campo de pesquisas sobre a terceira idade.

Sem dúvida, a categoria “capacitação”, elemento comum e central das representações de mercado de trabalho, computador e curso, foi a que mais se destacou dos dados coletados, confirmando nossa hipótese de que os indivíduos a partir dos 55 anos não estão alheios às mudanças provocadas pelas novas tecnologias; pelo contrário, estão tentando se apropriar dos conhecimentos oferecidos por cursos de capacitação, pois julgam que esses sejam indispensáveis para o retorno ao mercado de trabalho. Outra constatação importante é que a busca da complementação da renda é motivo de interesse e de preocupação por parte dos

sujeitos pesquisados, já que o salário da aposentadoria, para eles, é insuficiente para viverem dignamente. No caso dos não aposentados, a pretensão por um emprego que lhes ofereça melhores condições de renda e de vida também foi uma justificativa relevante para o retorno escolar.

Na verdade, o que procuramos compreender, por meio das técnicas de evocação livre e do grupo focal e via análise argumentativa, é de que maneira os idosos inseridos no contexto atual marcado pelas tecnologias representam o retorno escolar em suas relações com o mercado de trabalho e a cibercultura. Pudemos apreender e confirmar, pelos resultados levantados e pelas falas enunciadas, a hipótese de que eles elaboram representações sociais acerca desse objeto. Confirmamos, também, a hipótese de que eles estão procurando se adaptar às transformações sociais, enfrentando as dificuldades, os preconceitos, as diferenças etárias no que tange à inserção não só no mercado de trabalho como também no contexto social em que se encontram inseridos.

Isto posto, concordamos com Bakhtin que questiona a ineficiência dos procedimentos de análise linguística para dar conta da enunciação. Segundo Yaguello (2006, p.16),

> Bakhtin coloca [...] em evidência a inadequação de todos os procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) para dar conta da enunciação completa, seja ela uma palavra, uma frase ou uma sequência de frases. A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem-definido.

Para o filósofo da dialogia, a língua é um fato social e sua existência baseia-se nas necessidades humanas da comunicação. Por isso, liga a fala às suas condições de enunciação e às estruturas sociais. Os idosos, sujeitos dessa investigação, que representam o significado do retorno escolar diante das grandes mudanças da sociedade pós-moderna, assumem, nesse estudo, o papel de oradores que, a partir do discurso de persuasão, aqui expressam os significados que atribuem à realidade em que se encontram inseridos.

Ao observarmos as estatísticas do IBGE e as projeções para um futuro próximo, percebemos que há um grande caminho de conquistas e realizações que permeiam a terceira idade, tendo em vista que a longevidade garante-lhes novos conhecimentos e diferentes práticas no âmbito social. Os centros de convivência, as universidades para a terceira idade, os cursos e atividades culturais, os programas de atendimento à saúde voltados a essa faixa etária crescem a cada dia. A mudança de paradigma que estabelece novas posturas para a vida

dessa parcela considerável da população vem despertando o interesse de pesquisadores de áreas de conhecimento diversas. Nossa investigação discute apenas um viés dessa temática.

Conforme mencionamos no início desse trabalho, na condição de educadores que convivem semanalmente com adultos nessa faixa etária, buscamos conhecer de perto o universo em que estão inseridos esses sujeitos, para melhor atendê-los em seus anseios e necessidades educativas. Nosso desejo é compartilhar o que vivenciamos do trabalho de campo e contribuir, embora de forma modesta e incipiente, para reflexões e discussões acerca das questões que envolvem a terceira idade, tais como educação, retorno ao trabalho, inclusão digital, qualidade de vida e inserção social.

No que toca à educação nessa faixa etária, dar voz a esse adulto idoso é um primeiro passo. Conforme nos esclarece Jodelet (1984, p.36), o sujeito que elabora representações é um sujeito social, um indivíduo adulto "inscrito numa situação social e cultural definida", que possui "uma história pessoal e social". Ele "não é um indivíduo isolado", mas aquele quemanifesta as tendências de seu grupo de pertença. Isso posto, sem dúvida, torna-se necessário partirmos do princípio de que a educação de adultos deve levar em conta a complexidade do contexto em que esse sujeitos estão inseridos. Se por um lado, a sociedade contemporânea alimenta as crescentes e aceleradas mudanças produzidas pelas novidades da cibercultura, por outro ela exclui aqueles que têm dificuldade para acompanhá-las.

Discutir a educação de adultos a partir dos 55 anos na perspectiva das representações sociais parece-nos de extrema importância se desejamos, de fato, compreender as necessidades educativas desses sujeitos, a partir da análise do universo afetivo, mental, social, cognitivo em articulação com a linguagem, a comunicação, as relações sociais, cultura, dentre outros elementos. O estudo das leis, dos programas, dos currículos, da própria história da educação de adultos é, sem dúvida, de suma importância. Contudo, estudar as representações sociais enquanto formas de conhecimento prático que orientam as ações do cotidiano, enquanto construções de significados sociais, é ampliar o conhecimento "para além das fronteiras da ciência" para "abarcar, também, o conhecimento do homem comum", é dar legitimidade ao senso comum que é "motor das transformações sociais" (SPINK, 2008, p.119).

Segundo a autora, por um lado, "temos os conteúdos que circulam em nossa sociedade e, de outro, temos as forças decorrentes do próprio processo de interação social e as pressões para definir uma dada situação de forma a confirmar e manter identidades coletivas" (p.121). Desse modo, nesse contexto, as representações sociais são elaboradas a partir de um campo

socialmente estruturado, mas permitem mudanças, novidades. A partir dessa perspectiva, podemos perceber a complexidade, a riqueza e as possibilidades que se abrem para a o estudo das questões que envolvem a educação para a terceira idade.

As novas tecnologias de informação e comunicação, de fato, modificam dia a dia as relações sociais, o setor produtivo, as manifestações culturais e os paradigmas educacionais. A apropriação do conhecimento digital e a qualificação para o trabalho tornaram-se palavras de ordem para a busca de inserção social na sociedade contemporânea. Especialmente no que toca à terceira idade, os adultos que retornam aos bancos escolares e ao setor produtivo em idade avançada veem-se pressionados a se adaptar às novas exigências contemporâneas para não ficarem à margem da história e da sociedade.

São esses os novos alunos que as escolas recebem. Cabe a nós, educadores, conhecê-los de perto, perceber suas dificuldades, buscar novos saberes para que compreendamos suas necessidades e anseios. Enfim, os dados estatísticos apontam para o crescimento acelerado da população de idosos em nosso país. Novos paradigmas surgem em todos os âmbitos da sociedade. É necessário que ampliemos as pesquisas e discussões em torno desse contexto para que possamos contribuir, efetivamente, para a (re) inserção desses novos educandos tantonos cursos de qualificação, quanto no mundo produtivo edas relações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J.C. **Représentations sociales:** aspects théoriques. In: ABRIC,J.C. (Org.). Pratiques socials et représentations. Paris: PressesUniversitaires de France, 1994.

ALEXANDRE, Marcos. **Representação Social**: uma genealogia do conceito. Rio de Janeiro: Comum. v.10 - nº 23, julho / dezembro 2004.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Em Aberto**, Brasília MEC-INEP, ano 14, n. 61, jan/mar. 1994.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa/ Alda Judith Alves-Mazzotti, Fernando Gewandsznajder. São Paulo: Pioneira, 2000.

ANDRADE, Ricardo H. R. de. **Verdade e Retórica em ChaïmPerelman**/ Ricardo Resende de Andrade. Tese de Mestrado em Filosofia. Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade.** Estudos antropológicossobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal.** São Paulo: Papirus, 1999.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, Louise. Cuidados de enfermagem em gerontologia. In BERGER, Louise; MAILLOUX-POIRIER, Danielle. **Pessoas idosas:** uma abordagem global. Lisboa: Lusodidacta, 1995. ISBN 972-95399-8-7.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação.** Uma introdução à teoria e aos métodos. Coleção Ciências da Educação. São Paulo: Porto,1999.

BOHADANA, Estrella; MARQUES, Marcio Mori. A escritura e o papel na era digital **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da educação**. Ano II, n.3, jul./dez.2004. ISSN 1678-7846. Vitória da conquista: Edições Uesb, 2004.

CAMARANO, M.T.O. Mecanismos de proteção social para a população idosa brasileira. **Texto para discussão**, n.1.179. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CASTRO, M. R. **Retóricas da rua**: educador, criança e diálogos. Rio de Janeiro: Edusu /Anais, 1997.

CASTRO, Monica Rabello; FRANT, Janete B. **O modelo da estratégia argumentativa:** análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem. Curitiba: UFPR, 2011

FRANÇA, H; Stepansky, D. V. **Educação permanente para trabalhadores idosos** – O retorno à rede social. São Paulo: Boletim Técnico do Senac, 2004.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GONDIM, S. M. G. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) / Departamento de População. **Anuário estatístico do Brasil**. Brasília: 2007.

JODELET, D. **Représentation sociale**: phénomene, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. (Ed.). Psychologie sociale: Paris: PUF, 1984.

JODELET, D. **Representações sociais:** um domínio em expansão. In: JODELET, D. As representações sociais. Paris: PUF, 1989.

JOVCHLOVITCH, S. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

KACHAR, Vitória. **A terceira idade e o computador**: interação e produção num ambiente educacional interdisciplinar. Pós-graduação em Educação. São Paulo: PUC/SP, Currículo, 2001.

LEEUWIS, Cees. "Toward a sociological conceptualization of communication in extension science".**Sociologia Ruralis**. Volume XXXIII(2). AgriculturalUniversity, Wageningen, Holand, 1993.

LEMGRUBER, M. S. Argumentação, metáforas e labirintos. **Educação e cultura contemporânea**, v. 6, n.13. Jul./Dez. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, Mestrado em Educação, 2009. ISSN 1807 – 2194.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAZZOTTI, T. **Ciências da educação em questão**: educação e pesquisa. v. 32, n.3. São Paulo: 2006.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. London: New Bury Park, Sage Publications, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **The phenomenon of social representation**. In: FARR, M. 85. Moscovici (Ed.): social representation: Cambridge Universitaires: Press, 1984.

MOSCOVICI, Serge. Introducciona el campo de la psicologia. In: MOSCOVICI, S. **Psicologia social**: influencia y cambios de actitudes, individuos y grupos. Barcelona: Paidós, 1985.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais** : investigações em psicologia social/ Serge Moscovici ; editado em inglês por Gerard Duveen ; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis : Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, nº12. São Paulo: dez./1999.

PAULINO, Luciana Fernandes. **Representações sociais de velhice, cegueira e direitos sociais em instituições especializadas em deficiência visual**/ Tese de Mestrado. Luciana Fernandes Paulino. Rio de Janeiro: UFRJ/CHCH/ESS/PPGSS, 2007.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Velhice ou terceira idade.** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. (Org.) Myriam Moraes Lins – reimpr. – Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PERELMAN, Chaïm. A filosofia do pluralismo e a nova retórica. **Revista internacional de filosofia**, n.127/128. Trad. José Américo Pessanha. Paris: 1979.

PERELMAN, Chaïm. **Argumentação**. Portugal: EnciclopédiaEinaldi, vol.II. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.

PERELMAN, Chaïm; Olbrechts-Tyteka, Lucie **Tratado de Argumentação**. Bruxelas: Editora da Universidade de Bruxelas, 1992.

PERELMAN, Chaïm. **O império retórico**. Coimbra: Edições Asa, 1993.
PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez. 9. ed., 1994.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROSO, Adriane. G**rupos focais em Psicologia Social**: da teoria à prática. Psico, Porto Alegre, v. 28, n. 2, 1997.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA Emerson Sena da. **Apresentação de Trabalhos Acadêmicos – Normas e Técnicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SMEHA, Luciane Najar. Aspectos epistemológicos subjacentes a escolha datécnica do grupo focal na pesquisa qualitativa. **Revista de psicologia da IMED**, vol.1, n.2, 2009.

SODRÉ, Muniz.**Eticidade, campo comunicacional e midiatização**. In: MORAES,Denis. *Sociedade Midiatizada.* Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SPINK, Mary J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: Guareschi, P.; Jovchelovitch, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 10ª ed. Petrópolis:Vozes, 2008.

TURATO, E.R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde humana.2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

VERGÈS, Pierre. L'evocation de l'argent: une méthode pour la definition du noyau central d'une représentation. **Bulletin de psychologie**, Paris: PUF, 1992.

VIRILIO, Paul. **A máquina de visão**. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

VIRILIO, Paul. **A bomba da informática**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

YAGUELLO, M. Introdução. In: **BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

WEBGRAFIA

BOHADANA, Estrella..**Transformações: cultura, subjetividade e linguagem**. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: <http://www.redem.buap.mx/acrobat/estrella3.pdf>. Acesso em 22.05.2011.

BOHADANA, Estrella; DREIFUSS, René Armand. **A constituição do conhecimentona era da informática**. Disponível em:<www.reggen.org.br/midia/.../aconstituicaodoconhecimentonaeradainfo.pdf>. Acesso em 22.05.2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <www. Ibge.gov.br/home/presidencia/ noticias/imprensa/ppts>. Acesso em: 25 de maio de 2011.

MAZZOTTI, T. **Confluências teóricas**: representações sociais, sociolingüística, pragmática e retórica. São Bernardo do Campo (SP): *Múltiplas Leituras*, 1, 2008. Disponível em:

<http://www.metodista.br/ppc/multiplas-leituras/multiplas-leituras-01/ppc/multiplas-leituras>, ISSN 1982-8993. Acesso em: 15 de janeiro de 2010.

PAREDES, Eugênia Coelho.**Alguns aspectos das representações sociais de professores da UFMT .**Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev18/paredes_oliveira.htm>. Universidade Federal de Mato Grosso. Acesso em: 02 de junho de 2011.

ANEXOS

Anexo A – Questionário de evocação livre

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

Data_____

Caro(a) senhor(a):

Este questionário é parte de uma pesquisa sobre "retorno ao mercado de trabalho", realizada pela mestranda Teresa Maria Videira Rocha da Universidade Estácio de Sá. Suas respostas são muito importantes para que possamos oferecer um panorama realista sobre esse tema, tão relevante para o País.
Muito obrigada por sua colaboração!

1ª parte: Caracterização do respondente

1) É aposentado? Sim ____ Não ____ Desde quando?
_____

2) Trabalha? Sim ____ Em quê? _____
Não ____ Pensa em voltar a trabalhar? Sim ____ Não ____ Em que área? _____Por quê? _____

3) Faz algum curso? Sim ____ Não ____ Qual? _____ Para quê?
_____

4) Idade:
51 a 55 ( ) 56 a 60 ( ) mais de 60 (.....anos)

5) Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )

6) Formação:
Ensino Fundamental: Incompleto ( ) Completo ( )
Ensino Técnico ( ) Nível:_____
( ) Ensino Médio
( ) Ensino Superior
Pós Graduação: ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

7) Tem computador em casa? Sim ____ Não ____ Para que usa?
_____
_____

8) Quais são as vantagens do computador?

_____
_____
_____

9) Quais são as dificuldades do computador?

_____
_____
_____

10) Quais são as exigências do mercado de trabalho para o trabalhador?
Saber usar o computador ____ Aparência ____ Boa linguagem ____ Instrução ____ Estar atualizado ____ Saber usar a internet ____ Experiência ____

2ª parte: Associação de palavras:

1. Escreva as três primeiras palavras que lhe vêm à cabeça ao ouvir a expressão:
(Estímulo A)

_____ ( )
_____ ( )
_____ ( )

a) Numere as palavras escritas acima por ordem de importância, da mais importante para a menos importante.

b) Justifique as três escolhas (se precisar de mais espaço, use o verso da folha):

Justificativa da primeira escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justificativa da segunda escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justificativa da terceira escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justifique a hierarquização que você fez:

_____
_____
_____
_____
_____

2. Escreva as três primeiras palavras que lhe vêm à cabeça ao ouvir a expressão:
(Estímulo B)

_____ ( )
_____ ( )
_____ ( )

a) Numere as palavras escritas acima por ordem de importância, da mais importante para a menos importante.

b) Justifique as três escolhas (se precisar de mais espaço, use o verso da folha):

Justificativa da primeira escolha

_____
_____
_____
_____
_____

Justificativa da segunda escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justificativa da terceira escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justifique a hierarquização que você fez:

_____
_____
_____
_____
_____

3. Escreva as três primeiras palavras que lhe vêm à cabeça ao ouvir a expressão:
(Estímulo C)

_____ ( )

_____ ( )
_____ ( )

a) Numere as palavras escritas acima por ordem de importância, da mais importante para a menos importante.
b) Justifique as três escolhas (se precisar de mais espaço, use o verso da folha):

Justificativa da primeira escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justificativa da segunda escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justificativa da terceira escolha:

_____
_____
_____
_____
_____

Justifique a hierarquização que você fez:

_____
_____
_____
_____
_____

Anexo B – Transcrição de falas

Justificativas do questionário de evocação livre

E5: *"Sem conhecimento não se faz nada. A praticidade ajuda na realização de atividades com mais rapidez que é o que a vida nos exige hoje (...) Necessidade de estar atualizado para desenvolver um bom trabalho".*

E15: *"Capacitação, meio para ampliar habilidades, mais oportunidades, concretização do objetivo, melhor salário, valorização justa".*

E30: *"É porque vai me dar sabedoria das coisas, conheço várias pessoas, professores, melhorei a escrever melhor. Conhecimento para o meu trabalho. Vejo o mundo de forma diferente".*

E38: *"Antes de começar a estudar, não conseguia nem mexer no caixa eletrônico".*

E39: *"Para acompanhar as novidades do mercado é preciso ter dinheiro – para se fazer uma boa faculdade – comprar livros – fazer cursos de capacitação".*

E47: *"Se você se atualizando, a tendência é a questão financeira melhorar e a condição de vida também*".

E42: *"Hoje é uma exigência. Quem não sabe nada de informática é um analfabeto(...) O curso que eu fiz foi excelente pelo convívio e aprendizagem (...) O primeiro curso que fiz, a professora punha medo na gente se tínhamos medo de lidar com o computador. Por isso que é importante ter bom instrutor , com* paciência".

E44: *"No mercado de trabalho temos que nos manter atualizados sempre. Mas podemos procurar um 'curso' que nos agrada mais e que venha contribuir para uma melhor remuneração".*

E48 *"A maior parte das empresas perguntam pelo grau de instrução, para saber em que cargo pode ser aproveitado. E sendo assim também fazer uma avaliação sobre ele (...) Eu estou estudando para complementar meu sustento, porque eu quero arrumar emprego melhor".*

Transcrição de falas do grupo focal

M: *Boa tarde a todos...gostaria de agradecer por vocês estarem aqui para este debate...em pleno domingo...por vocês colaborarem com esta pesquisa sobre retorno escolar e mercado de trabalho. O assunto é muito importante, né? Na primeira fase foi aplicado um questionário para 50 pessoas, a partir de 55 anos, um questionário chamado questionário de evocação livre em que as pessoas responderam sobre...o retorno escolar para o mercado de trabalho e...a relação ...né?...do mercado de trabalho com as tecnologias. Hoje as exigências de saber lidar com o computador e o que é você retornar aos estudos...você está sempre tendo que acompanhar essas mudanças. No questionário, eu dava uma palavra estímulo, uma palavra indutora e as pessoas tinham que falar 3 palavras que vinham à cabeça. A primeira palavra indutora foi mercado de trabalho, a segunda, computador, e a terceira, curso. Esses dados foram submetidos a um programa que deu os resultados das palavras que mais apareceram e a frequência em que apareceram. Para mercado de trabalho, as palavras que mais apareceram foram capacitação e experiência. Apareceram também as palavras renda, dinheiro, oportunidade e outras. Para computador, as que mais apareceram foram conhecimento e pesquisa. Para curso, predominaram as palavras capacitação, conhecimento e satisfação...então...o que vocês acham disso? Vocês concordam? Como vocês veem essas respostas?*

F1: *Eu acho que... com o passado, a pessoa aposentada, e aí ele(.....) no mês seguinte já tem coisa mudando, então você vai ficar assim, vai ficar completamente fora da realidade... nem é do mercado e trabalho não... é da sua realidade... que se você não se atualizar, você tem que botar aquele pijamão e ficar em casa, sentado vendo televisão, né? Você não vai conseguir entender a*

sociedade, as transformações sociais que hoje acontecem de uma maneira muito acentuada... então, a volta ao trabalho, né?... inclusão de novo ao trabalho...também tem essa conotação para o aposentado...é... de colocá-lo sempre naquele convívio com o que está acontecendo, com o que está sendo...é...o que está sendo motivação para quem está começando...então, se ele quiser ficar parado, não vai ter jeito.

F5*: Hoje em dia o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo, né, então se você não se especializa você...não... você sempre fica pra trás...o Brasil é um país que tem tecnologia, estudos avançados inclusive na área da...de petróleo...cada vez mais...melhoria, né?*

F3*: Porque se o profissional não aprender a lidar com as máquinas, ele não pode ser contratado... a grande carência no mercado é justamente de pessoas especializadas. Tem muitas vagas nas empresas e nós estamos ouvindo na mídia que não tem gente para preencher esse perfil. Está faltando gente....*

F4*: Até as crianças especiais têm necessidade de mexer no computador...tem atividades que precisam de computador. Só de abrir o computador eles já se sentem alegres...então cada um tem 5 minutinhos para fazer uma atividade de matemática e português, bem simples... mas o computador na sala de aula, os alunos abrem um sorriso enorme.*
F3*: é...mas isso encanta, o computador e a tecnologia encantam a pessoa de modo geral.*

M*: No questionário que as pessoas responderam havia uma parte em que elas justificavam as palavras escolhidas. Grande parte delas disse que voltou a trabalhar porque a renda da aposentadoria não era suficiente, né?*

F1*: Seja feliz com o que você tem, né, então a minha experiência de vida foi esta...eu criei três filhos...hoje dois deles estão casados, formados, com salários bons, coisa que eu nunca tive, né? Graças a Deus eles têm. Então pensa assim...não vamos desanimar porque o salário não tá tão bom assim...vamos pensar o que a gente pode fazer de bom para nós. Isso também penso que é de*

grande...muita relevância...porque hoje nem todo mundo pode ganhar um bom salário...nem todo mundo, né? E aí o que é que acontece se a pessoa está na frustração, na depressão, aí parte para a bebida, parte para um vício qualquer desses perigosos aí e aí acabou, acabou a estrutura dele, acabou a alegria dele... não, vamos pensar seriamente. Eu posso viver muito bem também com o pouco salário, com pouco dinheiro, se é que isso está acontecendo comigo...agora não vai me impedir de eu lutar para melhorar, né? Então tem que analisar bem.

F3*: Nos dias de hoje, a pessoa que não sabe mexer com o computador é considerada analfabeta.*

F2 :*Você vai ficar para trás... não vai fazer mais nada... eu acho... tudo bem que na nossa época não existia computador... hoje em dia é tudo automatizado, o que que você vai fazer... vai ser desqualificado.*

F3: *Eu acho que a pessoa deve, assim, se preparar melhor para que quando... para até voltar mesmo ao mercado de trabalho (...) alguns casos de as pessoas até adoecerem porque... nós temos um caso aqui de um professor muito querido da Universidade, o(...) que amava dar aula, dar cursos. Fazia em 1 mês 70 anos e não pôde mais ficar...então ele foi para a casa, adoeceu e morreu. Em muito pouco tempo então... essa é a questão da pessoa se aposentar e procurar capacitação para voltar ao mercado, mesmo que não seja na profissão... é muito importante... e hoje nós temos...assim...muitos meios... a pessoa não precisa de ir para uma sala de aula formal (...)então se você ficar parado, você vai se perder e depois você não reconhece mais a sociedade na qual você está inserido.*

F4: *É... o meu caso foi um pouco diferente, eu fui...voltei a estudar...pra trabalhar e ter uma renda, né? Precisava ter uma renda para me manter... então voltei aos bancos da escola... do... para completar o ensino médio...depois faculdade... e agora eu já estou na segunda especialização... já fiz... então isso tudo, essas duas me proporcionaram um salário melhor, né? E também um reconhecimento, né? Da profissão... então isso para mim foi muito bom... agora esse... essa volta... é para as escolas... se não tiver uma... estrutura... uma força de vontade... ela... é... para as escolas... se não tiver uma... estrutura... uma força de vontade... ela... é... vamos dizer...a pessoa desiste... porque é mais difícil... difícil em todos os*

termos... difícil se adaptar... que você vai encontrar na sala pessoas mais jovens do que a gente... então você tem que se adaptar e tem que se dar o dobro(...) foi bom porque o que eu sempre quis fazer... eu queria fazer faculdade desde...mocinha... aí é... a vida tomou um rumo que não deu para fazer...então eu fui fazer muito depois... vinte e quatro anos depois que eu voltei para a escola... e eu estou muito satisfeita... e agora a meta é fazer mestrado para conseguir mais conhecimento, né? Tem uma pilha aqui que dá gás... então agora a meta é mestrado, né? Mais satisfação íntima, mais autoestima ...tudo o que faz bem para a gente, né? A gente vive melhor.

F2*:* *Você tem que dar a vara e não botar o peixe na vara. Essa pessoa nunca vai crescer. (...) Por que acontece isso? É porque fez demais. Aí o filho não vai fazer...então você tem que parar e pensar...se vira... o filho quando tá lá...18 e 19 ano, se ele formou e não quer saber de estudar (...) aí você vai ter que arcar com os netos...com os filhos dos netos(...) e você não tá dando exemplo, você está estragando.*

F3*: Eu ia falar o seguinte...que a tecnologia, por um lado, é muito positiva, por exemplo, pra.. nós que estamos nos capacitando nesse momento.. precisamos de usar a internet... mas também este avanço também.. é... está... tem um lado negativo também... que também... que está estimulando muito o consumo, tanta... muita propaganda, tanto aqui na internet, como na televisão... então as pessoas, eles não.. querem ter aquilo que não podem...querem usar um cartão de crédito. Há pessoas que não podem usar um, tem três..às vezes não podem usar nenhum e tem um... então isso está acontecendo aquela insatisfação.. porque quer ter...ter..* ***ter e esquece que a vida poderá ser menos, mas o ser que é mais importante...****então tem este lado aí também, que assim é bom a gente repensar .. o do consumismo que.. é.. muito importante por exemplo.. nós que somos professores, trabalhar até isso na sala de aula pra.. pra... estimular menos o menino a consumir e mostrando a importância de outras coisas da vida, né? E para que as pessoas sejam mais felizes.*